UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

EDWARD JÚLIO ZVINGILA

Ciência, mito e educação nas representações de vida e morte nos espaços cemiteriais de São Paulo na Primeira República (1889-1930)

São Paulo
2015

EDWARD JÚLIO ZVINGILA

Ciência, mito e educação nas representações de vida e morte nos espaços cemiteriais de São Paulo na Primeira República (1889-1930)

Dissertação apresentada a Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
Para obtenção do título de Mestre em educação.

Orientadora: Prof. Dra. Ermelinda Moutinho Pataca

São Paulo

2015

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E A DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na Publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

375.4 Zvingila, Edward Júlio

Z96c Ciência, mito e educação nas representações de vida e morte nos espaços cemiteriais de São Paulo na Primeira República (1889-1930) / Edward Júlio Zvingila; orientação Ermelinda Moutinho Pataca. São Paulo: s.n., 2015.

150 p. ils; grafs.; tabs.; anexos; apêndices

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Educação. Área de Concentração: Ensino de Ciências e Matemática) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

1. Primeira República (1889-1930) 2. Educação em relação à morte 3. Mitos 4. Ciência 5. Imaginário 6. Vida I. Pataca, Ermelinda Moutinho, orient.

Nome: ZVINGILA, Edward Júlio

Ciência, mito e educação nas representações de vida e morte nos espaços cemiteriais de São Paulo na Primeira República (1889-1930)

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Educação

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof. Dr. Instituição

Julgamento: Assinatura

Prof. Dr. Instituição

Julgamento: Assinatura

Prof. Dr. Instituição

Julgamento: Assinatura

Dedico este trabalho

Ao passado, ao aquém de mim: meu avô Justino Zvingila e minha tia Wilma Zvingila. Aos meus pais, Walter Zvingila e Francesca Ragone Zvingila, meus irmãos Alessandro e Annete.

Ao presente, ao em mim, ao que me acompanha cotidianamente, minha companheira, Cleide Floresta.

Ao futuro, ao além de mim. Meus filhos Lia, Theo e Tom.

Agradecimentos

"...E aprendi que se depende sempre
De tanta muita diferente gente
Toda pessoa sempre é as marcas
Das lições diárias de outras tantas pessoas

E é tão bonito quando a gente entende
Que a gente é tanta gente
Onde quer que a gente vá
E é tão bonito quando a gente sente
Que nunca está sozinho
Por mais que a gente pense estar..."

Gonzaguinha, Caminhos do coração in Caminhos do coração, M-Odeon, 1982.

Agradeço a Universidade de São Paulo que possibilitou a apresentação deste trabalho.

A minha orientadora, Ermelinda Pataca, por sua compreensão e respeito ao meu objeto de pesquisa.

A Banca de qualificação, Francisco Rocha e Marcos Ferreira Santos, pelas contribuições.

A Assessoria de Comunicação da Prefeitura de São Paulo, que possibilitou a visita aos cemitérios retratados neste trabalho. Todos os profissionais que possibilitaram a pesquisa e o registro de imagens, gestores e auxiliares.

Os meus amigos e amigas de jornada, professores que na lida diária da sala de aula me ensinaram tanto, em tantos diferentes momentos. Um grupo especialmente importante se constituiu em um período específico, entre 1999 e 2006. José Modesto, Ronaldo Barreto, Rui Calaresi, Edmilson Quarenta e Francisco Rocha. Tatiana Fecchio, Jorge Narciso, Monica Fujikawa, Carla Milhossi, Lucas Oliveira, Alex Fabiano Nogueira, Bruno Cicero de Sá Ellias, Robson Martins de Morais, Tiago Rossi e Bianca Marcossi que me presenteou com Àries.

Os meus companheiros na formação de Professores: Arlene Faria Lopes, Cintia Ruiz, Debora Brito, Ivone do Canto Almeida, Julio Neres, Laércio De Moura Jorge, Meyri, Renata Del Monaco, Roseli Franciulli, Sandra Amorim, Silvia Longato, Vanderlei de Souza, Yolanda Fogaça Shimizu, Luzia Suely Bernardes e Marcos Tilger.

O amigo Alexander de Freitas, que me convidou para fotografar Ouro Preto para o seu trabalho de doutorado, ampliando os horizontes e indicando caminhos.

Todos os meus alunos.

Existirmos.

A que será que se destina?

Caetano Veloso

Resumo

ZVINGILA, E. J. **Representações de vida e morte nos espaços cemiteriais da Primeira República (1889-1930): ciência, mito e educação**. 2015. XXf Dissertação (mestrado) – Faculdade de educação, Universidade de São Paulo, 2015.

O objetivo deste trabalho foi pesquisar as representações de vida e morte existentes nos cemitérios criados em São Paulo até o final da Primeira República (1889-1930) e analisar como essas representações dialogam com a transição de uma sociedade estruturada pela morte para uma sociedade estruturada pela vida, dialogando com os conceitos de biopolítica e biopoder de Foucault. O papel que a morte ocupa na nossa sociedade é resultado da estruturação econômica, cultural, simbólica, histórica. Somos herdeiros de uma concepção de ciência e de sociedade que se constituiu prioritariamente durante a República Velha sob a égide do positivismo, do higienismo, do branqueamento da sociedade e do capitalismo. A vida definida como um pacote de predicados vêm sendo substituída pela ideia de vida como um princípio autopoiético. A morte como evento dissociado da vida também vem se modificando. Foi através dos trabalhos de Foucault, Reis, Cymbalista, Àries, Vovelle que pude perceber que o cemitério, a morte, o morrer possuíam também um caráter educacional. Eram lugares em que os costumes sociais eram validados, transferidos, significados ou abandonados. É sob esta perspectiva fenomenológica que vamos nos aproximar do objeto estudado. Os referenciais metodológicos estão amparados pela hermenêutica e, nesse sentido, recorrer à ideia de *percurso antropológico* proposto por Durand é uma boa ferramenta de análise da relação entre o objeto e o sujeito. A fotografia, então, deixa de ser imagem e passa a ser um signo repleto de significações, profundidade, relações e sentido, capaz de dialogar com outros símbolos, mitos e rituais. É a hermenêutica que vai permitir o desvelamento interpretativo semântico simbólico das imagens e propiciar o diálogo entre sujeito, objeto e contexto.

Palavras-chave: PRIMEIRA REPÚBLICA (1889-1930), EDUCAÇÃO EM RELAÇÃO À MORTE, MITOS, CIÊNCIA, IMAGINÁRIO, VIDA

ABSTRACT

ZVINGILA, E. J. The representations of life and death in the cemeteries of Brazil's First Republic (1889-1930): science, myth and education. 2015. XXf Dissertation (Master) - Faculdade de educação, Universidade de São Paulo, 2015.

This work's objective was to research the representations of life and death that existed in the cemeteries built in Sao Paulo during Brazil's so-called First Republic (1889-1930), and to analyze how those representations dialogue with the transition from a society structured by death to a society structured by life, approaching Foucault's concepts of biopolitics and biopower. Death's role in our society is the result of a structure built upon economic, cultural, symbolical and historical references. We are heirs of a concept of science and society that was primarily developed during the Old Republic under the brand of positivism, hygienism, capitalism and the whitening of society. Life defined as a myriad of virtues has been changed by the idea of life as an autopoietic principle. Death as an event dissociated from life has also been modified. It was through the work of Foucault, Reis, Cymbalista, Aries, Vovelle that it became possible to perceive the cemetery, the death and the act of dying as an educational matter. They are places where the social customs were validated, transferred, signified and abandoned. It is through the phenomenological perspective that we are going to approach the objective of this study. Methodological references are backed by hermeneutics and, in this case, chasing Durand's anthropological route is a good way to evaluate the relation between the object and the subject. The photography, thus, ceases to be an image and becomes a sign full of meanings, depth, relations and senses, capable of dialoguing with other symbols, myths and rituals. For it is the hermeneutics that will allow the semantic and symbolic interpretation of images and propitiate the dialogue among subject, object and context.

KEY WORDS: FIRST REPUBLIC (1889-1930), DEATH AS AN EDUCATIONAL MATTER, MYTHS, SCIENCE, IMAGINARY; LIFE.

Sumário

Introdução 1

O período estudado 10

O trabalho em campo 16

Capítulo 1

O morrer. A transição da vida à morte na passagem do século XIX para o século XX na Primeira República 19

Rituais de morte e seus significados culturais e sociais 23

Os sepultamentos modernos 28

A legalização dos cemitérios 30

O papel dos médicos nesse novo cenário 34

Os cemitério como lugar de educação 39

Considerações finais 44

Capítulo 2

A convivência entre a necrópole e a metrópole. O cemitério associado à cidade de São Paulo – um lugar de educação 48

O afastamento das mazelas humanas 56

A construção dos cemitérios 64

Os cemitérios em 1930 79

Considerações finais 93

Capítulo 3

O espaço cemiterial como palco das tensões entre 100

Mitologia 102

Imagens sacro barrocas 105

A persistência do imaginário barroco em Ouro Preto 112

Cronos, Eros e Tânatos 118

Imagens 124

A vida nos cemitérios 149

Considerações finais 185

Conclusão 188

Referências 194

Anexos 205

Introdução

O Labirinto em Creta.

***Labor initio* incerta - caminho desperta.**

O labirinto em Creta. A ideia do labirinto que confunde, dá voltas, apresenta-se sem saída é uma boa imagem para ilustrar os caminhos que percorri ao longo da construção dessa dissertação. A incerteza dos primeiros passos no labirinto é a mesma do início de qualquer jornada. Ao pesquisar o significado de *labor initio* e *labor initia* acabei por descobrir que este último também significa o "início dos trabalhos de parto". Nada mais adequado! O nascimento traz ao mundo um novo ser vivo, que abandona a segurança do útero onde está protegido, nutrido e aquecido e se vê lançado em um mundo onde tudo é novo, e para sua sobrevivência depende que lhe provejam em todas as suas necessidades mais básicas. Dar à luz em um trabalho de parto é dar a vida!

Caminho desperta. Quem caminha, caminha desperto, atento à paisagem, aos detalhes, aos sinais, aos perigos. Para mim, caminhar sempre foi uma forma muito próxima de meditar: o começo, o ritmo, o cansaço, o esvaziamento dos pensamentos. No momento da caminhada, sinto-me integrado à paisagem, um sentimento de pertencimento a algo maior do que eu. É nesse instante que o caminho desperta.

Os caminhos trilhados por um peregrino podem revelar mais dele do que a sua própria presença. Assim me apresento neste trabalho.

O labirinto construído em Creta, por Dédalo, esconde em seu centro uma figura meio humana e meio animal, união das características humanas e naturais, representada pela parte animal da cabeça de touro com o corpo humano, síntese das antíteses de homem e natureza. O Minotauro que é mantido escondido lá dentro é resultado da incapacidade do rei Minos em matar o filho de sua esposa, que por castigo divino se apaixonou pelo belíssimo touro que deveria ser ofertado aos deuses. O Minotauro é resultado de um castigo divino, e o labirinto é resultado de uma construção humana, que esconde em seu centro a relação homem – natureza – deus.

Assim o caminhante que decide percorrer o labirinto em direção ao encontro dessa tríade vai percorrer os meandros da construção humana. O labirinto incita o caminhante a percorrer a despeito da certeza de chegar. Uma coisa é certa: o primeiro passo associado a isso é a determinação de alcançar seu objetivo, o encontro com a síntese da tríade –a revelação– Minotauro que se apresenta.

Caminho não há. O olhar do peregrino se depara no horizonte com as limitações do labirinto. A única possibilidade fora das limitações dos muros é o céu. O percurso do caminhante se faz ao caminhar, cada passo é a possibilidade que inaugura milhares de outras possibilidades. Trago as histórias que encontrei, que teci, que descobri. Isso é o que eu tenho para contar.

Simbora povo meu
Que fome de pé é caminho
De olho é paisagem nova
E de coração, saudade ...
Simbora dançar cirandas
Que o mundo se faz no rodar
Simbora cirandá ...

Apresento minha dissertação. Agora ela é representativa do meu percurso e indica alguns dos caminhos que percorri até chegar aqui, como o fio de Ariadne que conduziu Teseu ao encontro do Minotauro e permitiu seu retorno.

Volto dos caminhos que percorri. Como um labirinto, o meu percurso errou, vagou, enganou-se nos caminhos, mas enfim chegou ao ponto de encontrar o seu Minotauro, apresento aqui a revelação das minhas antíteses: vida e morte.

É este o convite que faço nessa dissertação: o dispêndio de um tempo para percorrermos juntos um caminho perigoso, tortuoso, labiríntico em direção a um objetivo. A cada grão da ampulheta Cronos maneja a sua foice e as Moiras continuam seu ofício de tecelãs. E o que encontramos ao final de cada percurso é sempre a nossa face refletida no espelho que emerge do escuro. Este trabalho vai versar sobre vida e morte. É difícil decidir o que veio primeiro.

A construção epistemológica deste projeto se inicia com a minha constituição ontológica. Neste aspecto é muito difícil separar o criador e a criatura. Quando por volta dos 10 anos de idade, em uma conversa que meu pai tinha com seus amigos e que eu cuidadosamente observava, uma fala me tocou profundamente. Meu pai comentou que para conseguir fogo, os primeiros hominídeos tinham que bater com duas pedras (fazendo o gesto) e que, atualmente, bastava acender o isqueiro, ou riscar o fósforo. Neste exato momento me dei conta de quantas gerações haviam decorrido desde que os primeiros hominídeos conseguiram controlar o fogo. Um desespero angustiante tomou conta de mim e comecei a chorar compulsivamente no colo de meu pai. Quantas pessoas, quantas vidas existiram e ninguém tomou conhecimento delas. Quantas pessoas nasceram e morreram sem deixar rastros, lembranças. Neste momento tive consciência da morte como ponto final da existência e da individualidade. Em algum momento eu perderia tudo aquilo. Eu também deixaria de existir e tinha que conviver com isso até o dia da minha morte. A morte é o momento em que a vida se encerra. Mas o que é a vida?

A vida é o fio que une as gerações, o DNA transmitido de pais para filhos que se manifesta nos seres vivos, é como se fosse o texto resultante de cada letra impressa individualmente no papel. É o nosso legado, é o que deixamos após a nossa morte.

Enquanto o nascimento nos dá a consciência da vida e a noção de individualidade, a morte nos dava o sentido da finitude e a noção de perda dessa individualidade. Enquanto a vida nos torna indivíduos únicos, a morte iguala e mistura.

Na busca pelas respostas a essas angústias, trilhei vários caminhos, que só se tornaram claros para mim muito depois que já os tinha trilhado e que compartilho aqui. A religião do catecismo e dos anos de ensino básico não foram suficientes para fornecer as respostas e mitigar as angústias frente à finitude da vida e a inexorabilidade da morte.

Na escolha do curso superior, entre medicina e ciências biológicas, acabei optando pelo segundo, mesmo sem a clareza dos motivos que me levaram a essa escolha. Cursei a graduação e imediatamente comecei uma iniciação científica na área de nefrologia, mais precisamente na área de cultura de tecidos renais. Parte do trabalho

para obtenção das células necessitava do sacrifício de 2 a 3 ratos toda semana. Com o desenvolvimento do projeto, a situação acabou por se tornar insustentável.

Eu sou um biólogo, ou seja, uma pessoa que estuda “a vida”, mas que por força da situação destruía a vida para obter conhecimento. Nesse mesmo tempo comecei a lecionar biologia para o ensino médio. Essa dicotomia esquizofrênica acabou por definir os rumos que se seguiram. Em ambas as atividades eu trabalhava com o conhecimento. Se de um lado esse conhecimento estava relacionado à morte de seres vivos na pesquisa científica, por outro lado ele estava relacionado ao processo vivo da sala de aula.

As respostas mais difíceis sempre vêm para as perguntas mais simples. Eu era um professor de biologia e tinha que explicar aos meus alunos e alunas qual seria o nosso objeto de estudo: a vida. Então como definir esse objeto?

Ao consultar os livros didáticos percebi que a maioria deles tratava a biologia como a ciência que estuda os seres vivos e não a vida propriamente dita. Não era claro como o objeto de estudo da biologia –a vida– aparecia, era definida e, pior ainda, como poderia e deveria ser ensinado. A história da ciência pode ajudar a explicar a tendência de tentar entender os processos biológicos pelas leis da física. Essa era a concepção de vida que aparecia nos livros didáticos, mas não era suficiente para conceituar vida e viver, era necessário uma filosofia própria da biologia (POLISELI, 2013).

Neste ponto do percurso, os caminhos se emaranharam. Se eu já tinha angústias com relação à morte, agora também as tinha com relação à vida. Se eu não compreendia a morte, agora também não tinha segurança nem conhecimento para compreender a vida. Nem a morte nem a vida eram claros. Ao procurar a explicação da vida e da morte para discutir com os alunos, pude compreender a minha escolha na graduação. Se a religião não deu conta das respostas, o conhecimento acadêmico, estruturado e compartimentalizado, também não foi suficiente. Muitos anos se passaram (e muita análise também) até que as nuvens se dissipassem e a questão se tornasse mais clara.

A vida e a morte são processos indissociáveis, mas na estrutura do curso de biologia, seja ele no ensino médio ou até mesmo na graduação, existe uma falta de clareza na definição do seu objeto –e, nesse contexto, a morte é abordada apenas

como cessação da vida, ou seja, a morte é explicada para definir a vida e a vida é usada para definir a morte, mas nenhuma delas é definida de maneira independente.

Ao desprezarmos as variáveis que envolvem o processo de morrer, “matamos” a possibilidade de compreender com mais clareza o que representa essa passagem da vida. Se tudo o que possui vida biológica é passível de morte, a análise do morrer faz-se, portanto, fundamental para o entendimento da vida e suas etapas. (FRANCO, 2010)

Vida e morte são processos que acontecem de maneira contínua e gradual nos seres vivos. A não ser pelos acidentes e guerras, começamos a morrer no dia do nosso nascimento. A morte se distancia cada vez mais da morte cotidiana, próxima, até chegar ao ponto em que nos encontramos atualmente, onde ela é interdita, geralmente escondida em um leito de hospital e distante dos familiares.

Atualmente, no ensino de ciências, as definições de vida ainda se baseiam nas ideias Aristotélicas e não correspondem aos avanços científicos e epistemológico. Ou ela é ensinada como um pacote de predicados dos seres vivos, que respiram, têm ciclo vital, são constituídos por células, ou ela é ensinada como a característica da presença e expressão de um material genético (DNA). Nenhuma dessas definições são suficientes para fazer o aluno compreender o que é a vida, e acabam por se constituir muito mais um impedimento do que um auxílio à compreensão do conceito de vida. Nesse mesmo contexto, a morte é tratada como algo externo e distante que encerra os processos vitais, e, portanto, exclui-se do conceito de vida. Mas, se nos livros esses processos são estanques e separados, no nosso cotidiano eles estão tão imbricados que é difícil separá-los, vê-los dissociados. Vida e morte convivem no mesmo espaço e ao mesmo tempo, dentro e fora de nós.

A discussão dos conceitos e representações de vida e morte apresenta-se como um campo nebuloso, onde os limites se confundem e os territórios se misturam. Com uma distância profilática do vitalismo, a biologia moderna preferiu definir vida a partir das definições dos processos característicos dos seres vivos em detrimento da definição de vida propriamente dita. Para a ciência positivista, que é a base da ciência que é ensinada nas escolas e que tem a premissa e a necessidade de mensurar e classificar para poder compreender, conceitos abstratos e vagos como vida e morte

escapam às normatizações e mensurabilidades, escapando como areia entre os dedos rígidos da ciência.

Dar a vida, tirar a vida. Esses termos dão uma sensação de que a vida é algo palpável, um objeto concreto, que pode ser tocado, trocado, valorado, desprezado. Na verdade definir vida é algo que não apresenta consenso nem dentro da própria biologia (MAYR, 2005). A grande maioria das definições de vida se resumem à definição de suas características imanentes, mas não da vida em si. Por se apresentar nesse terreno pantanoso é que as definições mais recentes de vida a fazem não pela suas características manifestas, mas pela vida em si.

A primeira etapa dessa pesquisa foi definir o que é vida e morte. Nesse sentido, as definições mais positivistas foram cedendo lugar a visões mais recentes propostas por Margulies (2002), El-Hani (2000). Ernst Mayr elabora uma lista mais recente dos fenômenos específicos dos seres vivos: 1) programas originários da evolução; 2) propriedades químicas; 3) mecanismos reguladores; 4) organização; 5) sistemas teleonômicos; ordem de grandeza limitada; 7) ciclos vitais; 8) sistemas abertos. A vida definida como um pacote de predicados vem sendo substituída pela ideia de vida como um princípio autopoiético, ou seja, aquele que se produz a si mesmo (Maturana, 1980, 2001).

A morte como evento dissociado da vida também vem se modificando. (ARIÈS, 1990; KOVACS, 2003). No livro “Confrontos com a Morte”, Schumacher (2009) propõe uma diferenciação de quatro empregos da noção de morte: **o morrer ou a agonia, a mortalidade, o falecimento e o estado de morte** (grifo meu). Morrer é um processo de destruição das propriedades vitais do organismo que pode levar ao falecimento. Mortalidade, por sua vez, pode ser entendida como a situação de todo ser vivo, que a partir de sua concepção já está ligado à sua mortalidade, portanto mortalidade é uma característica dos que estão vivos. O falecimento é a transformação de um ser vivo em cadáver, é o instante que encerra o processo de morrer e que se inicia o estado de morte.

A associação entre o falecimento e a morte deu margem à busca de critérios que determinassem com o maior rigor possível se um organismo está vivo ou se está morto, que são os sinais particulares que se constituem os critérios operatórios para declarar o

momento da morte (falecimento). Os clássicos ou tradicionais definem a morte humana como a parada irreversível do funcionamento do coração e da respiração. Em 1959 foi criado um novo critério para o momento da morte –o coma irreversível– a suspensão da atividade cerebral (brain death). Desse novo conceito surgiram os conceitos de *whole brain death*, que engloba o tronco cerebral onde estão os centros de respiração e o cérebro como um todo (o neocórtex e os núcleos de base), uma outra possibilidade de definição de morte á a neo-cortical death, onde o indivíduo pode continuar a respirar sem a ajuda de aparelhos (em estado vegetativo, pois o tronco cerebral não foi afetado). Devido à falta de consenso foi criada em 1981 o "*Uniform Determination of Death Act,* que determina que uma pessoa está morta quando sofreu (1) uma parada das funções circulatórias e respiratórias, (2) ou uma parada irreversível de todas as funções do cérebro em seu todo, incluindo o pedúnculo cerebral. A determinação da morte deve ser feita seguindo critérios médicos reconhecidos". Esses critérios são importantes para determinar se houve mesmo a morte e o momento em que ocorreu, mas não respondem a questões de origem filosófica sobre o que é a morte. É comum a confusão entre esses dois conceitos: o operatório e o semântico, que tem como proposta refletir sobre a *natureza* da morte (SCHUMACHER, 2009: 29-39).

A definição de vida se constitui em uma ontodefinição, que, segundo Emmeche (1997) (EL HANI,2000; MARGULIES, 2000) situa-se na fronteira entre a ciência e a metafísica. Essa é a maior dificuldade de tratar da definição de vida dentro de um contexto científico excludente, ou seja, no qual a morte é usada para definir a vida e vice-versa.

Até o século XIX a definição de vida não existia, e isso não era um impeditivo para o desenvolvimento da ciência. Bastava a definição de ser vivo e de estar vivo (MAYR, 2008). A definição de vida só passou a fazer sentido, quando, para Foucault, a vida vira objeto de poder. Para ele, o par poder/saber é inseparável, e talvez não fosse descabido pensar na origem dessa preocupação em conceituar a vida justamente quando a vida é tomada e cooptada pelo poder.

Esse território nebuloso e sem limites claros é um campo fértil para os equívocos e lacunas de tentar explicar um fenômeno com as ferramentas do outro e vice-versa.

Esse foi o mote que me levou à pesquisa acadêmica: como esses conceitos de vida apareciam nos livros didáticos. Neste meio tempo, participei fotografando para o trabalho de doutorado de Alexander Freitas: “Imagens da memória barroca de Ouro Preto: o espaço barroco como educador do imaginário ouro-pretano” (FREITAS, 2009), que tinha como um dos principais referenciais o trabalho de Durand sobre o regime das imagens catamórficas, teriomórficas e nictomórficas (DURAND, 1989).

Repleto das imagens barrocas efetuadas durante o trabalho voltei para São Paulo, mas as imagens barrocas não me abandonavam. Eu precisava de um purgatório para abandonar as imagens que me acompanhavam e que não me davam sossego. Passando pelo cemitério da Consolação, deparei-me com imagens que remetiam e dialogavam com a minha angústia. Eu tinha encontrado o meu purgatório. Passei seis meses fotografando as imagens relacionadas à passagem do tempo e da identidade, ou melhor, de como a morte dissolvia a matéria e a identidade. Novamente vida e morte ganhavam uma dimensão que mobilizava a minha energia e os meus dias. De volta ao meu objeto de pesquisa não tinha sentido pesquisar os conceitos de vida no livro didático e não pesquisar de que forma esses mesmos livros tratavam o conceito de morte. Agora minha questão estava completa. Vida e morte eram contemplados (*com templos)* na minha pesquisa.

Assim comecei a fotografar os cemitérios da Consolação, Araçá e São Paulo. As primeiras imagens que surgiram foram de morte, dissolução, decomposição, oxidação, perda de identidade, esvair-se, diluir-se, desmanchar-se, apagar os vestígios. Nesse processo, foram revelando e se revelando em uma outra forma de ver os cemitérios. Novas formas puderam surgir depois do purgatório, e as imagens de vida começaram a aparecer nos interstícios da morte, e acabei por me deparar com um regime de imagens repletas de eroticidade. A grande questão que não conseguia calar era: O que aquelas imagens estavam fazendo naquele lugar? Imagens repletas de vida, corpos másculos, seios intumescidos, pescoços desnudos e cabelos longos e soltos, que não faziam sentido em um local de sobriedade, medo e luto. Eu sabia que ali existia uma grande questão. Que relação a eroticidade apresentava ou aparentava com a morte. O que representavam aqueles corpos, aqueles cabelos soltos que segundo Cascudo:

> Nenhuma dama casada, no sertão e cidades menores, até a primeira década do século XX, tinha o atrevimento de mostrar-se com a cabeleira em liberdade. [...] Em qualquer idade, exigia a tradição inexorável que o cabelo estivesse amarrado, penteado, enfim sujeito. [...] a excitação sexual despertada pelos cabelos esparsos era uma "constante" que o tempo, fazendo-os banais pela vulgaridade anulou. [...] O cabelo solto significava a tentação mágica, a vida irresistível, o rio do apelo inarredável (CASCUDO, 2002: 291-293)

Compreendi que ali estava uma questão para a qual eu não tinha uma resposta. A questão da vida e da morte havia transcendido o livro didático e agora se tornava uma questão maior, que precisava de um recorte temporal e de uma aproximação fenomenológica.

Ao assumir o cemitério como lugar de educação, precisamos nos apoiar em certos pressupostos teóricos. O primeiro é que esse espaço pode servir aos mais diversos objetos de pesquisa –históricos, artísticos, antropológicos, sociológicos, epidemiológicos–, cada qual com as suas metodologias próprias e seus instrumentos. É compreensível que, ao se aproximar epistemologicamente de um objeto com as nossas ferramentas, essa proximidade acabe por desvelar e revelar novos objetos que necessitam de um novo instrumental. Esta é a senda deste trabalho. Ao se aproximar da questão da morte e do morrer, a cada ida e vinda, novas imagens, novas descobertas pediam novas leituras, interpretações, aproximações.

Foi através da leitura de trabalhos de Ariès que tive a dimensão das transformações que a morte e o morrer tiveram em uma perspectiva histórica, no livro "Confrontos com a Morte", (SCHUMACHER, 2009) uma abordagem filosófica da morte permitiu perceber o quão vasto é o universo da tanatologia e de quantas variadas formas podemos nos aproximar dele. Em Foucault que pude perceber e associar os conceitos de biopolítica e biopoder ao cemitério e sua relação coma a cidade e a sociedade. Reis (1991) ao apresentar a Cemiterada ocorrida em Salvador foi um importante referencial da importância da criação dos cemitérios e sua repercussão na sociedade (REIS, 1991). No trabalho de Cymbalista (2002), pude perceber que o

cemitério, a morte, o morrer, possuíam também um caráter educacional da sociedade. De “Costumes em Comum” (THOMPSON, 1998), veio a ideia de trabalhar com a história dos costumes, ou seja, lugares em que os costumes eram validados, transferidos, significados ou abandonados.

O período estudado

As formas que o homem encontrou para explicar os fenômenos que o cercam sempre foram determinadas por seu tempo e estruturadas segundo as possibilidades/repertórios de cada época. As representações de vida e morte também não escaparam a essa condição ao longo da história e vão sendo transformadas e readequadas ao longo dos séculos –muitas vezes como forma de servir a interesses particulares, da elite, da Igreja ou do Estado.

Para esse estudo, foi fundamental delimitar um período de estudo e, dado a amplitude que o tema abarca, foi escolhido a Primeira República, o período compreendido entre 1889 e 1930, que viu grandes transformações sociais, econômicas e políticas na sociedade brasileira e paulistana. Defendemos neste trabalho que é nesse período que vai se dar uma mudança conceitual e estruturante: de uma sociedade estruturada pelo imaginário da morte no século XIX, para uma sociedade estruturada pelo imaginário da vida no século XX. Se até o século XIX a morte fazia parte do cotidiano, ao entrar no século XX podemos perceber uma mudança: a morte e o morto se distanciam dos vivos e passam a se constituir em uma ameaça. A diminuição da importância dos rituais fúnebres, a perda de poder da Igreja e das Irmandades, os ideais sanitários de salubridade, o medo dos miasmas, a proibição dos sepultamentos dentro das igrejas e a criação dos cemitérios extramuros foram determinantes para que se desenvolvesse esta nova mentalidade frente à morte e ao morrer.

É o corpo, a saúde, a higiene, a classificação e o controle de seus mecanismos de perpetuação que irão conduzir essa nova sociedade, representados e representantes da biopolítica e do biopoder no século XX.

Uma nova era estava em curso e exigia uma mudança de mentalidade, de costumes. Assim, sob a égide do positivismo, os conceitos de vida e morte passam a ser ressignificados na Primeira República.

Perceber de que maneira esses costumes foram influenciados pelo momento histórico e se ocorriam também nos cemitérios de São Paulo e de que forma isso se dava é um dos objetivos deste trabalho.

Para abordar essa questão, vamos analisar como a morte e o morrer se modificaram nos espaços e no período estudado e, em especial, como o cemitério se constituiu em um espaço educacional voltado para essa nova realidade.

Como as representações da passagem do tempo, a vida e a morte (Cronos, Eros e Tânatos) presentes nos cemitérios de São Paulo, no período estudado, influenciaram a transmissão desses valores e saberes na construção de uma nova identidade frente à morte e ao morrer. Como a morte e o morrer se modificaram no período e a sua relação com o crescimento da cidade.

Toda uma reestruturação em direção à modernidade estava em curso na cidade e na sociedade: a urbanização, a criação das faculdades, centros de pesquisa, mudanças nos currículos escolares todos voltados à uma valorização da vida. No Brasil, a República Velha (1889 – 1930), que promoveu a separação Igreja-Estado, tem um papel importante na formação de novos pilares para a educação e, consequentemente, na formação dos valores e costumes desta sociedade.

> A chamada República "Velha", portanto, foi um tempo de intensa busca de modernidade, que não era singular, mas plural, pois diferentes eram os projetos de modernização que se articulavam e entravam em disputa. De toda forma, no interior dessa variedade, um ponto era praticamente consensual: o Brasil não seria moderno, não se tornaria um país civilizado, sem o auxílio da ciência, o novo e fundamental instrumento para qualquer tipo de progresso da humanidade. (GOMES, 2010: 11-12)

No esforço modernizador, as elites brasileiras assumiram o modelo social europeu e norte-americano, do urbanismo científico, da opinião pública esclarecida e da

infalibilidade do progresso em contraposição à visão arcaica das tradições, enfim, do positivismo adequado à sociologia representado pelos higienistas.

O local de sepultamento vai sofrer uma mudança drástica no final do século XIX e início do XX com a criação dos cemitérios municipais extramuros, onde uma junta médica/sanitarista escolhia um local apropriado segundo os preceitos higienistas e não mais religiosos. Uma nova mentalidade, baseada no positivismo científico, nos ideais higiênicos, começa a se difundir nesta sociedade e a modificar os costumes e a cidade.

> É por isso que a **questão urbana** nasce junto com a **Ideia Sanitária** – preocupações simultâneas com o meio ambiente formador do corpo físico e moral do pobre, já que pela proximidade física poderia contaminar a população rica e reverter as expectativas dos benefícios do trabalho. (BRESCIANE, 2012)

Com o positivismo se instalando na sociedade e determinando suas diretrizes, esses processos que regem a vida e a morte precisaram ser definidos com precisão: e, a partir de então, tanto a certidão de nascimento quanto a certidão de óbito tinham de conter local e data definidos. Na sociedade que começava a se formar na Primeira República, os sanitaristas têm um papel fundamental na mudança dos cuidados. Se nos séculos XVIII e XIX, era o destino da alma que importava, no século XX passa a ser o cuidado com o vivo, com o corpo e a saúde. A morte passa a ser algo ruim, que contamina os vivos, empesteia o ar e precisa, portanto, ser afastada dos centros urbanos.

O papel que a morte ocupa na nossa sociedade é resultado da estruturação econômica, cultural, simbólica, histórica. Somos herdeiros de uma concepção de ciência e de sociedade que se constituiu prioritariamente durante a República Velha sob a égide do positivismo, do higienismo, do branqueamento da sociedade e do capitalismo. Para Latour: “A história da afirmação científica dependerá da mobilização de interesses e aliados que for capaz de aglutinar [...] as ideias dos médicos positivistas necessitariam também de aliados que fossem convencidos” (LATOUR, 2000,p. 44). Isso não foi um evento exclusivo no Brasil, nem de São Paulo. Como preconiza Foucault:

“Creio que seria interessante analisar, não somente na Inglaterra, mas em diversos países do mundo, como essa medicina organizada em forma de controle da população pobre, suscitou resistências” (FOUCAULT, 1979, p. 96).

Para esta pesquisa, nos restringimos a analisar esse movimento em São Paulo. Assim, mostramos que a criação dos cemitérios municipais na capital paulista tem início em 1858 com o cemitério da Consolação, sendo o último cemitério criado no período estudado o de Itaquera, em 1929.

Esta transição dos sepultamentos dentro da igreja (*ad sanctos)* para os sepultamentos nos cemitérios municipais (extramuros), foi causa e consequência de uma mudança nas formas de enxergar a morte e o morrer de uma sociedade positivista que queria estar em sintonia com as grandes metrópoles, fato que pode ser percebido na estruturação da cidade. O cemitério é o universo educacional que vamos percorrer para perceber as permanências e as transformações na criação e ocupação desses lugares.

> Existe, contudo, uma outra posição teórica que rompe com a concepção de continuidade no tempo como pressuposto de conhecimento das cidades contemporâneas. Esta opção [...] volta-se para as cidades associadas à ideia de modernidade, para o momento em que, na primeira metade do século XIX, são problematizadas em **questão urbana**, concebidas como um espaço de tensões empíricas e conceituais, concepção que perdura na formulação do paradigma que orienta o conhecimento e a vivência nas cidades contemporâneas. (BRESCIANE, 2012)

Novos costumes, novas mentalidades, a necessidade de se desapegar de velhas tradições estava tomando lugar na cidade de São Paulo, daí a importância do ensino dessas novas concepções nos diversos espaços em que ele seria possível.

> Para que os vivos estejam ao abrigo da influência nefasta dos mortos, é preciso que os mortos sejam tão bem classificados quanto os vivos, ou melhor, se possível. É assim que aparece na

> periferia das cidades, no final do século XVIII, um verdadeiro exército de mortos tão bem enfileirados quanto uma tropa que se passe em revista. Pois é necessário esquadrinhar, analisar e reduzir esse perigo perpétuo que os mortos constituem. Eles vão, portanto, ser colocados no campo e em regimento, uns ao lado dos outros, nas grandes planícies que circundam as cidades. (FOUCAULT, 1979, p. 90)

O cemitério teria ainda a função educativa, onde a virtude cívica substituiria a devoção religiosa e onde podia ser percebido o grau de civilidade daquela sociedade. (ELIAS, 1933. apud SOUZA, 2010). Daí a importância do ensino dessas teorias nos diversos espaços. Evidentemente, os espaços mais privilegiados seriam as faculdades de medicina, de direito e a escola, sem abrir mão de outros espaços.

O cemitério com sua função educativa apresenta elementos que podem ser percebidos e analisados de várias formas: através do exemplo de civilidade, do culto aos mortos, da classificação dos mortos em quadras, túmulos; através da hierarquização da sociedade reproduzida no cemitério e através das imagens representativas dos mitos de Cronos, Eros e Tânatos. É certo que a relação entre vida e morte se modificou com o tempo, levando a diferenças cronológicas e culturais, e isso nos permite percorrer de uma análise diacrônica da morte e do morrer no desenvolvimento dos cemitérios na cidade de São Paulo até uma análise sincrônica, que parte das imagens da atualidade para resgatar sua perspectiva acrônica, ou seja, daquelas imagens que resistem à passagem do tempo (CYMBALISTA, 2002, p. 22).

Entendemos por perspectiva diacrônica aquela que se aproxima de um objeto ao longo da passagem do tempo, suas modificações nesse passar dos anos ou suas permanências. A partir da visita atual aos cemitérios, pudemos entrar em contato com obras, mausoléus e jazigos construídos no século XIX e XX e observá-los com o entendimento e as ferramentas atuais. “As atitudes diante da morte e a relação entre vivos e mortos não estão separadas de processos históricos mais amplos, daí porque cada país –talvez cada “região cultural”– teve uma cronologia própria das mudanças.” (REIS, 1991, p. 78)

Uma sociedade é moldada por seus costumes. Padrões que são transmitidos de uma geração à outra, principalmente através da oralidade, e acabam por se constituir como um conjunto de regras e procedimentos compreendido por todos que dela fazem parte. A alfabetização se constitui em um instrumento normalizador, determinado pelos estratos superiores e geralmente vetado aos pobres. É desta forma, através da oralidade e do registro que os costumes irão se constituir na cultura de uma sociedade (THOMPSON, 1989). Era necessário educar toda uma sociedade para uma nova concepção de mundo. Só a escola cumprindo esse papel limitaria essa mudança aos letrados, portanto, era de fundamental importância que todos os lugares possíveis fossem utilizados e passassem a desempenhar também um papel educador.

A questão não se limitava mais apenas a lugares de educação formal, a seu tratamento nos manuais, e sim a vários locais e formas que essa educação para a vida poderia ser percebida. A questão se mostrava muito maior e também transcendia os muros da escola. Existiam várias outras instâncias onde essa tensão vida e morte poderia ser percebida: nas escolas, nos programas de ensino, nos manuais de ensino de higiene e história natural (VECHIA,1998) nos cursos de medicina, nos hospitais.

Para Foucault, essa transformação do fazer morrer e deixar viver da socieade de soberania em fazer viver e deixar morrer da biopolítica acaba transparecendo na estruturação da sociedade e de seus costumes. A partir deste momento histórico e dos conceitos de biopoder e biopolítica, pretendemos identificar como as representações de vida, morte e sexualidade aparecem nos cemitérios de São Paulo e se existe uma relação diacrônica entre as criações dos cemitérios e as imagens que surgem no trabalho de apreensão das imagens.

É na passagem do XIX para o XX, que a valorização da vida em detrimento da morte toma corpo e se mantém até os dias atuais na nossa sociedade. O biopoder, ou poder de vida que se manifestava no direito de dispor da vida de seus filhos ou súditos, transforma-se no poder de administrar vidas, medi-las, discipliná-las pela escola, prolongar sua duração pela higiene e pela medicina.

> O biopoder vai se manifestar de duas formas distintas: a primeira através da “anatomo-política do ser humano”, que é centrado no corpo máquina e

> a ele estão associadas as instituições de socialização como escola, família, exército e instituições de tratamento dos desvios, como hospitais, asilos e prisões. A segunda forma de manifestação é chamada de biopolítica da população, que é centrada no corpo-espécie e está associada à demografia, epidemiologia, programas de saúde pública e políticas sociais. (Fassin, 2006)

Neste aspecto, as questões de saúde individual são tratadas em termos de justiça social, assim se justifica toda a ação sanitarista por parte dos agentes de saúde que no começo do século XX imunizavam pessoas mesmo contra a sua vontade e podiam dispor de seus bens e moradia desde que julgassem importante para a manutenção da saúde pública. Da mesma forma se justifica a reurbanização da cidade.

O conceito de biopolítica é fundamental para que possamos compreender a sociedade contemporânea, pois mostra o quanto a vida se tornou um elemento crucial, não somente de ações políticas, mas da definição do que é político. As biopolíticas se propõem a pensar a condição humana e, mais particularmente, os sistemas de normas e os jogos de significação que põem em jogo o governo dos seres humanos. Uma questão presente neste trabalho é como esses conceitos de vida e morte se relacionaram com as pessoas, moldaram suas vidas, influenciaram a sociedade.

O trabalho em campo

Na visita aos cemitérios é que o diálogo entre a vida e a morte encontrou o seu campo. As primeiras imagens eram permeadas de representações da passagem do tempo, da morte. Só depois de muito contato com o objeto é que as imagens representativas da vida e do viver foram surgindo, desvelando-se, revelando-se.

É sob essa perspectiva fenomenológica que vamos nos aproximar do objeto estudado. Os referenciais metodológicos estão amparados pela hermenêutica. Assim é necessário reformular as perguntas e respostas não só para combater certa visão de mundo, mas para propor outra. Na perspectiva hermenêutica, o sujeito da pesquisa é transformado à medida em que toma contato e aprofunda as relações com o objeto que também se transforma. É um mecanismo autopoiético.

> Seguindo uma lógica própria, os símbolos se reagrupam em torno de núcleos organizadores. As constelações de imagens são estruturadas por isomorfismo dos símbolos convergentes. Por exemplo: a imagem do movimento da ondulação faz com que as ondas da água se liguem às ondas dos cabelos, cabelos longos, femininos, que, por sua vez, vinculam-se à dimensão de feminilidade da água, imagens todas convergindo em torno da passagem do tempo, passagem das águas do rio, que passam e nunca voltam (PITTA, 2005, p. 21).

O que percebemos é que a morte sempre ocupou um espaço muito grande da vida e na vida das pessoas e "é exatamente neste espaço –na contradição infinda entre a vida e a morte– que se encontra o motor de todos os mitos" (CYMBALISTA, 2002, p. 14). Existe uma relação entre o objeto e seu contexto que é percebida pelo pesquisador que busca interpretar e significar as coisas, criando um todo coeso. A compreensão é dialógica e ativa à medida que é uma forma de expressão e conhecimento dessa realidade historicamente situada. Nesse sentido, recorrer à ideia de *percurso antropológico* proposto por Durand é uma boa ferramenta de análise da relação entre o objeto e o sujeito.

O objeto, a fotografia, então deixa de ser imagem e passa a ser um signo repleto de significações, profundidade, relações e sentido, capaz de dialogar com outros símbolos, mitos e rituais. É a hermenêutica que vai permitir o desvelamento interpretativo e da alteridade entre sujeito, objeto e contexto. "[...] Deve-se considerar que o processo de formação das imagens é similar, quer se trate de um indivíduo, quer se trate de uma cultura." (PITTA, 2005, p. 19)

Nesse sentido o percurso fotográfico deste trabalho é o mesmo que a sociedade paulistana percorreu em direção à modernidade através das representações de Cronos, Eros e Tânatos.

No Capítulo 1, iremos discutir como a morte e o morrer se modificaram no período estudado. De uma sociedade estrutura pela morte no século XIX para uma sociedade estrutura pela vida no século XX. No Capítulo 2, vamos abordar a relação existente entre a criação dos cemitérios extramuros e o crescimento das cidades. O

Capítulo 3, deveria ser o primeiro capítulo pois foi o que motivou a pesquisa. É a partir das representações de Tânatos, Cronos e Eros apresentadas que houve a necessidade de compreender qual era a relação entre a Vida e a Morte, o Cemitério e a Cidade.

Capítulo 1 – O morrer. A transição da vida à morte na passagem do século XIX para o Século XX na Primeira República.

O que passou, passou?

Antigamente, se morria.
1907, digamos, aquilo sim
é que era morrer.
Morria gente todo dia,
e morria com muito prazer,
já que todo mundo sabia
que o Juízo, afinal, viria,
e todo mundo ia renascer.
Morria-se praticamente de tudo.
De doença, de parto, de tosse.
E ainda se morria de amor,
como se amar morte fosse.
Pra morrer, bastava um susto,
um lenço no vento, um suspiro e pronto,
lá se ia nosso defunto
para a terra dos pés juntos.
Dia de anos, casamento, batizado,
morrer era um tipo de festa,
uma das coisas da vida,
como ser ou não ser convidado.
O escândalo era de praxe.
Mas os danos eram pequenos.
Descansou. Partiu. Deus o tenha.
Sempre alguém tinha uma frase
que deixava aquilo mais ou menos.
Tinha coisas que matavam na certa.
Pepino com leite, vento encanado,
praga de velha e amor mal curado.
Tinha coisas que tem que morrer,
tinha coisas que tem que matar.
A honra, a terra, o sangue

mandou muita gente praquele lugar.
Que mais um velho podia fazer,
nos idos de 1916,
a não ser pegar pneumonia,
deixar tudo para os filhos
e virar fotografia?
Ninguém vivia pra sempre.
Afinal, a vida é um upa.
Não deu pra ir mais além.
Mas ninguém tem culpa.
Quem mandou não ser devoto
de Santo Inácio de Acapulco,
Menino Jesus de Praga?
O diabo anda solto.
Aqui se faz, aqui se paga.
Almoçou e fez a barba,
Tomou banho e foi no vento.
Não tem o que reclamar.
Agora, vamos ao testamento.
Hoje, a morte está difícil.
Tem recursos, tem asilos, tem remédios.
Agora, a morte tem limites.
E, em caso de necessidade,
A ciência da eternidade
inventou a criônica.
Hoje, sim, pessoal, a vida é crônica.
(LEMISNKI, 2013, p. 287-288)

O objeto deste capítulo é mostrar o papel da morte e do morrer em São Paulo durante a Primeira República. Compreender como significados, símbolos e rituais se modificaram na transição do século XIX para o XX e como podemos perceber isso atualmente. Como a perda do potencial simbólico da morte possibilitou que um novo imaginário se constituísse na sociedade. Imagens relacionadas a vida, beleza, saúde e higiene tomavam o lugar dos miasmas pútridos, da decomposição e da desorganização dos sepultamentos. Novas formas de se relacionar com a morte precisavam ser ensinadas à população, e todos os lugares e condições que

permitissem isso eram valorizados e foram deixados como herança até os nossos dias.

Vida e morte são processos que acontecem, geralmente, de maneira contínua e gradual nos seres vivos, e, talvez, por isso mesmo, não nos damos conta da proximidade e iminência da presença da morte em nossas vidas. A não ser pelos acidentes e pelas guerras que interrompem drasticamente a vida, começamos a morrer no dia do nosso nascimento (SCHUMACHER, 2009).

Vida e morte estão presentes no imaginário popular e são os grandes motores da imaginação: a noite vai morrendo e o dia nascendo, as flores do vaso estão fenecendo, a televisão desligou (*des ligare)*. É fato que vida e morte acabam se posicionando como extremos estanques, mas é no diálogo entre essas duas potências que o mundo ganha sentido e os mitos força. A polarização de dois lugares desconhecidos –de onde viemos e para onde vamos– impele o humano a caminhar na busca do desconhecido. Sempre existe algo anterior, como a lenha para a fogueira, e algo que fica, como as cinzas e a fumaça. Sendo assim, na imaginação popular, é cabível um lugar de onde viemos e outro para onde vamos.

A agonia da incerteza deu espaço para que várias explicações fossem criadas para mitigar essa angustia. O Brasil é um país laico, porém a nossa colonização portuguesa nos deixou de herança um imaginário religioso católico reiterado pela presença das ordens primeiras (constituídas por religiosos homens), como os jesuítas, franciscanos e beneditinos; ordens segundas (constituídas por religiosas mulheres), como as claretianas e carmelitas; e, por fim, as ordens terceiras, constituídas por leigos que se reuniam sob a proteção de um santo padroeiro e que lhes servia de modelo. Essas ordens terceiras eram organizações filantrópicas que cuidavam de seus membros mutuamente, acudiam órfãos, socorriam viúvas e cuidavam da sepultura de seus membros[1].

Até o século XIX não havia uma separação tão demarcada entre os limites da ciência e da religião. É a partir da modernização, trazida pelo século XX, que a ciência vai se distanciando e assumindo o seu papel modernizador e empreendedor da nova sociedade que surge em São Paulo. Nesse aspecto, é de se esperar uma mistura de imagens no período estudado. Nesta pesquisa, vamos partir das imagens e dos ritos católicos que estão presentes nas igrejas e nos cemitérios e que formam

[1] Informações que foram passadas por padres e funcionários das igrejas fotografas para este trabalho.

a base religiosa nacional. Não vamos fazer essa análise a partir das imagens do sincretismo religioso nacional, pois, apesar de interessantíssimo, seria um passo muito grande para esse trabalho, mas que se mostra um caminho interessante a ser seguido.

O que buscamos mostrar neste trabalho é que em São Paulo, durante a Primeira República, ocorre uma mudança nas formas de encarar a morte e de se relacionar com a vida. Se até o século XIX a morte era domesticada (KOVACS, 2003; ÀRIES, 1990), fazendo parte do cotidiano das pessoas, ao entrar no século XX, percebemos uma mudança: a morte e o morto se distanciam dos vivos e passam a se constituir uma ameaça.

A diminuição da importância dos rituais fúnebres, a perda de poder da Igreja e das Irmandades, os ideais sanitários de salubridade, o medo dos miasmas, a proibição dos sepultamentos dentro das igrejas e a criação dos cemitérios extramuros foram determinantes para que se desenvolvesse uma nova mentalidade frente à morte e ao morrer. Concomitante a tudo isso, tínhamos uma cidade inteira que via prédios desaparecerem e novas edificações serem erguidas. A cidade avançava a passos largos sobre seus limites. Vida e morte, nascimento e destruição passam a fazer parte do cotidiano das metrópoles a uma velocidade ditada pela modernidade das máquinas, do progresso, do fervilhar de transeuntes. Não é mais o tempo cíclico das colheitas, das estações, do envelhecer. É um tempo rápido como o golpe da foice, linear, com começo, meio e um fim que não tão claramente pode ser um recomeço. É uma morte sem luto que a cidade vai sofrer.

É nossa hipótese de trabalho que foi durante a Primeira República que aprendemos a temer a morte e a valorizar muito mais os processos inerentes à vida e à sua manutenção.

Todas as etapas que envolvem desde a preparação para a morte, o momento da morte e os preparativos para o sepultamento eram repletos de rituais e simbologias. Van Gennep (apud REIS, 1991) dividiu as cerimônias funerárias em *ritos de separação* e *ritos de incorporação.* Os ritos de separação se destinavam à separação do morto do mundo dos vivos para que esse pudesse abandonar este mundo em paz. A lavagem do corpo, a queima de objetos pessoais, comprar roupas novas para que o morto não levasse nada que o prendesse a este mundo, o luto e as encomendas de missas são alguns exemplos dos rituais de separação. Outros

ritos estavam destinados à incorporação da alma do morto ao além, como a extrema-unção, quitação de dívidas terrenas e celestiais e enterro com as pompas fúnebres. O que percebemos é que a morte sempre ocupou um espaço muito grande da vida e na vida das pessoas e "é exatamente neste espaço –na contradição infinda entre a vida e a morte– que se encontra o motor de todos os mitos" (CIMBALISTA, 2002, p.14).

1.1 – Rituais de morte e seus significados culturais e sociais

Antes de entender como se dá essa mudança de pensamento, podemos olhar um pouco como a morte era vista até então. Era importante garantir uma condição melhor após morte, a quem, muitas vezes, durante a sua existência terrena, não teve condições de levar uma vida digna. Nesse contexto, a morte começava a ser preparada muito antes de se consumar. O primeiro passo era elaborar um testamento. O testamento era, assim, visto como um instrumento de salvação do purgatório e, ao mesmo tempo, um regulador da vida econômica terrena, pois dava conta de distribuir os bens, encomendar as velas, esmolas e preparar as pompas fúnebres (REIS,1991).

Sem esses preparativos estava uma das formas mais temidas de morte: a que acontecia sem a sepultura, a morte acidental, sem os ritos previstos, a morte durante as viagens, a morte solitária. Essas eram as mortes que ninguém gostaria de ter, pois não possibilitavam os preparativos, o encontro da família, o arrependimento nem o sepultamento adequado.

Ter o corpo largado às margens das estradas, abandonados para servirem de alimento para animais carniceiros era um medo aterrorizante a todo mundo, mas ao qual estavam mais sujeitos os negros escravos e os indigentes. Uma saída mais digna, providenciada pelos familiares ou amigos era abandonar o corpo na entrada das irmandades e rezar para que elas se encarregassem de um sepultamento minimamente digno e de um final menos drástico.

"A privação do túmulo era a mais terrível das condenações para um criminoso. [...] *Não tem onde cair morto..."* (CASCUDO, 2002, p.25). Nessa citação de Cascudo podemos perceber como somos herdeiros, mesmo sem perceber, das visões que a vida e a morte criaram no nosso imaginário e na nossa sociedade.

Nesse sentido, o trabalho de Thompson ao tratar dos costumes é um referencial da permanência dessas expressões, mesmo que não lhe apliquemos o mesmo significado.

Podemos perceber que existiam diferentes classes para a morte. Os que não eram considerados humanos, e que, portanto, podiam ter os seus corpos abandonados pelos caminhos, como os animais; e uma outra categoria, a dos que possuíam um lugar planejado para o descanso eterno e que podiam esperar seguros o dia do Juízo Final. Era de grande importância a escolha do local adequado para o sepultamento, de preferência em solo sagrado e perto de casa onde viveu, foi batizado, casou-se e batizou e casou seus filhos e netos. Garantia de lembrança para que seus familiares cuidassem da sua memória: oferecessem orações, velas, missas, respeitassem o luto e prestassem a devida assistência.

A igreja, o solo sagrado, representavam uma espécie de ligação direta com o reino celestial e quanto mais perto do altar principal melhor, depois em ordem de importância, vinham os altares laterais e em último caso o adro da igreja, terreno adjacente, geralmente lateral e contiguo à capela, também chamado de cemitério. Desta forma, o defunto guardava a proximidade com os santos de devoção e assim o morto poderia aguardar a ressureição no dia do Juízo Final, ainda servindo como referência para a memória dos vivos e lembrá-los da sua própria finitude.

São esses lugares de sepultamento que vamos considerar como cemitérios e precursores dos cemitérios públicos que são o objeto de estudo desse trabalho. Existiam outros lugares chamados de cemitérios, como, por exemplo, o Campo da Pólvora, em Salvador, o cemitério dos Aflitos, em São Paulo e o Campo Santo no Rio de Janeiro, todos eles destinados a criminosos, escravos, indigentes e excomungados. Esses cemitérios homônimos, geralmente eram mantidos e administrados pela Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, que pelo seu caráter de depósito de corpos, não vamos considerá-los como precursores dos cemitérios extramuros. Essa imagem de cemitério, inclusive, pode ter sido um agravante para a resistência da população à criação dos cemitérios extramuros. Aqui já desponta um fato que abordaremos mais tarde que é o cemitério como reprodução de uma estrutura de sociedade vigente.

A ideia de que o sepultamento fora do espaço sagrado do templo era destinado aos destituídos, pessoas sem valor, criminosos e escravos, atentava

contra os ritos de incorporação e poderiam se constituir em um impeditivo no Juízo Final da ressureição dos corpos, e isso não era uma exclusividade brasileira. Em Paris, o “Cemitério dos Inocentes[...] onde eram jogados, uns sobre os outros, os cadáveres das pessoas que não eram bastante ricas ou notáveis para merecer ou poder pagar um túmulo individual” (FOUCAULT,1997, p. 87).

Neste estudo, vamos considerar os cemitérios municipais em São Paulo como uma continuidade dos sepultamentos realizados dentro das igrejas, pois as famílias que possuíam jazigos perpétuos dentro das igrejas serão impedidas de sepultar os seus mortos e terão de recorrer aos cemitérios municipais para a construção de novos mausoléus e jazigos perpétuos.

A morte de quem partia servia como lembrança aos vivos que ficavam e, de certa forma, acabava por influir no cotidiano, lembrando da iminência da própria morte e seus preparativos, bem como de fazer orações, acender velas, encomendar missas para o descanso da alma dos que já se foram.

Após o enterro a presença do morto entre os vivos era garantida. “O incômodo passageiro do mau cheiro dos defuntos” era um ato de fé, e a dor da perda amainava na certeza de que os entes queridos jaziam em terra abençoada, esperando-os para “participar com eles dos mesmos jazigos e das mesmas honras” (REIS, 1991, p. 268).

A morte não era um evento de ruptura com a vida, e sim de permanência e pertencimento a um processo que não se acabava com a passagem para o outro mundo. A morte era vista como a transição do mundo dos vivos para o mundo dos mortos, onde aguardavam o dia do Juízo Final. Acreditando-se na imortalidade da alma e na ressurreição dos mortos no Juízo Final, a morte não representava um final e sim um lapso, um interregno, uma suspensão. Podemos concluir que o mais importante é que a morte não representava a perda de uma identidade terrena, o reconhecimento dos seus e do seu lugar, quadro este que vai se alterar com o passar dos anos, quando a morte passará a representar uma ruptura com a vida e a perda da identidade. Por ora, o importante é a noção de que a convivência entre mortos e vivos era uma convivência incômoda, porém harmônica.

Uma boa morte era anunciada e, geralmente, acontecia na terra natal, na comunidade e de preferência no próprio leito. Era acompanhada por familiares, médicos e assistida por sacerdotes que propiciavam ao moribundo, em seus últimos

momentos, a oportunidade de se arrepender dos seus pecados e receber os últimos sacramentos: a penitência, a comunhão e a extrema-unção. Para ministrar os sacramentos, os sacerdotes, quando avisados, saiam de suas igrejas em uma comitiva que se dirigia à casa do moribundo em procissão: A *procissão do Viático* ou como também era chamada *A Procissão do Nosso Pai*.

> "[...] sobrepeliz, e estola roxa, levando nas mãos os Santos Óleos em sua ambula, com toda decência. Acompanhando o pároco, iam ajudantes [...] carregando cruz, caldeira de água benta e livro do ritual romano. Assim preparados, deixavam a igreja rumo à casa do doente, formando a procissão do viático. [...] O pároco seguia sob um pálio carregado por seis irmãos do Santíssimo Sacramento; outros irmãos na frente carregavam uma cruz ladeada por tocheiros; ainda mais à frente, um homem de capa agitava uma campainha; na retaguarda vinham soldados, uns com as armas voltadas para o chão em sinal de luto, outros a tocarem tambores; além desses, uma surpreendente banda de músicos negros tocava instrumentos de sopro e percussão" (REIS, 1991, p. 103-104).

Neste espaço entre o sagrado e o profano (ELIADE, 2002), entre os dois mundos, era o padre quem tinha o poder de declarar uma pessoa morta, como um despachante capaz de liberar a entrada no outro mundo. Era o sacerdote quem também, por meio de rezas e incensos, podia ajudar o moribundo a não se prender a este mundo e a ter uma morte pacífica. Depois de morto, era o padre quem iniciava e liberava os trabalhos de encomenda do corpo. A morte, depois de declarada pelo sacerdote, precisava ser anunciada para a sociedade, para que o defunto pudesse gozar dos privilégios de uma boa morte cuidada pelos vivos.

Aqui entravam as carpideiras. E todos os outros rituais envolvidos em um sepultamento. Os preparativos para o velório, o sepultamento e o luto começavam a tomar o tempo dos vivos. O morto precisava ser arrumado, e a casa, preparada. Na entrada da casa, capelas, ramos fúnebres ou panos cortinados avisavam os transeuntes sobre a presença da morte. Havia outras formas de anunciar a morte além do grito das carpideiras, as "missas de notícia", dobrar os sinos das igrejas, ou as "cartas-convites". Esperava-se que pelo menos parentes e amigos mais íntimos acorressem ao velório. Para este, armava-se na sala da casa uma tarimba, espécie de estrado alto, sobre o qual se depositava o corpo, que dispensava caixão, pois

este só era usado no transporte do corpo para a sepultura. E gastava-se muita vela, afinal, eram velórios.(REIS, 1991, p. 128-130).

A manipulação do morto e do local do velório era cercado de atitudes ritualizadas. Haviam os especialistas em manipular defuntos, rezadores profissionais, pessoas encarregadas de decorar a casa e a igreja para o velório e o enterro, também chamados de *armadores.* Segundo Câmara Cascudo, vários rituais envolviam a prática dos armadores:

> "[...] os olhos são fechados com a polpa dos dedos, devagar: – Fulano, fecha os olhos para o mundo e abre-os para Deus! Não deve levar ouro. Nem mesmo um dente obturado a ouro permitia-se outrora. [...] os militares sepultados com fardas vistosas tinham os botões dourados arrancados na hora do enterro para não prejudicá-los no outro mundo com a ostentação de vaidade. O cadáver fica sempre com os pés voltados para a porta da rua e quando é carregado no féretro conserva-se a direção. Sai para a sepultura com os pés, ao inverso de como entrara no mundo. [...] Para o defunto não ficar assombrando a casa, pela lembrança obstinada na memória dos parentes, beijava-se a sola do sapato. Os sapatos são limpos cuidadosamente para que não levem poeira, terra, areia. Levando qualquer areia, a alma volta, saudosa, atraída pela recordação da família elementos do mundo dos vivos" (CASCUDO, 2002, p. 21-22).

"Talvez por isso (além do dever de apresentar bem seus falecidos) as famílias mais ricas lhes compravam sapatos, meias, véus, tudo novo, evitando deixar qualquer pista que facilitasse o retorno deles". (REIS, 1991, p. 130) Geralmente o pedido do morto era respeitado nesse momento, e a roupa da irmandade à qual pertencia, ou a mortalha já declarada no testamento era preparada, costurada e vestida. As mais utilizadas eram as mortalhas, principalmente as brancas e as de São Francisco, pois, de acordo com uma tradição sertaneja, que também um dia foi litorânea, o cordão afasta o inimigo e serve aos anjos para puxarem o finado.

O luto doméstico seguia uma série de preceitos com múltiplas funções: expressar o prestígio social, mostrar a dor, defender a família enlutada de um

retorno no defunto, portanto, o luto era um instrumento de exibição, controle e hierarquização social. A vivência do luto era uma garantia do morto de prorrogar sua memória.

O cortejo fúnebre partia da casa do morto em direção ao local de sepultamento. Assim como na procissão do *Viático* (que saía da igreja para dar extrema-unção), este era um momento muito importante, do qual participavam parentes, amigos, padres, confrades, músicos, soldados e pobres convidados que iam pelas velas ou pela esmola.

O transporte que conduzia o cadáver era o que melhor definia a dignidade da morte e os status do morto. Os mais simples seguiam em redes, ou em *banguês*, esquifes rudimentares constituídos com uns tocos de três varas. Às vezes até três defuntos eram carregados empilhados, geralmente negros ou indigentes que não testavam e não podiam pagar. O melhor deles, um pesado esquife de madeira de lei era reservado a pessoas ilustres e que podiam pagar. Vale lembrar que existia uma reserva de mercado em nome da Santa Casa de Misericórdia que monopolizava o transporte dos mortos. Mesmo depois de várias irmandades conseguiram seus esquifes, ainda continuavam a pagar um imposto funerário, o "costume da tumba, ou esmola de tumba". Com o final do monopólio de tumba da Santa Casa, os funerais passaram pouco a pouco a ser feito em caixões. Em alguns casos, a tumba transportava o caixão e dentro o morto, o que serviu para marcar uma atitude mais individualista perante a morte. E começa também a buscar-se outras formas de transporte desses cadáveres. "Uma inovação técnica foi a utilização de carruagens, próprias ou alugadas, no transporte do cadáver. As *seges,* como eram chamadas, foram um passo na privatização e impessoalidade agregada aos cortejos fúnebres." (REIS, 1991, p. 155) Da mesma forma ficou como permanência desse tempo o fato de o carro fúnebre andar vagarosamente para que os pedestres pudessem acompanhar o cortejo. Atualmente os carros ainda andam vagarosamente, mas sem o acompanhamento dos pedestres.

1.2 Os sepultamentos modernos

A morte e o morrer serão ressignificados, principalmente durante a Primeira República. Se até então a sociedade era estruturada para uma boa morte dentro dos

preceitos católicos, testada e preparada dentro dos cânones da igreja, ela passa a ser objeto de repulsa e distanciamento entre os vivos. Para isso contribuíram a Abolição da Escravidão, a Proclamação da República, os imigrantes e as novidades trazidas com eles todos, a perda de poder das Irmandades, a diminuição da potência simbólica e dos rituais, os ideais positivistas e higienistas, a nova elite cafeeira em São Paulo e o consequente deslocamento do eixo econômico e de poder. Todos fatores que colaboraram para essa nova sociedade.

Se o transporte do morto se fazia com cada vez mais eficiência, ainda restava na população uma preocupação relacionada com a forma como esses cortejos poderiam espalhar doenças, através de líquidos pingando de caixões, ou dos miasmas que exalavam. Aqui se justifica a mudança nos funerais do século XIX, tendo em vista os processos de higienização e distanciamento com os mortos. Tendo saído o enterro, procurava-se apagar os rastros da morte em casa. As roupas do defunto, especialmente suas roupas de cama e o colchão eram destruídas ou jogadas fora.

Com o aumento populacional, as igrejas já não suportavam tantos sepultamentos, além do que, os corpos eram colocados em esquifes, sem a separação em covas próprias, uma verdadeira promiscuidade funérea. Uma solução foi a criação dos carneiros, no subsolo dos conventos e igrejas paroquiais e da Santa Casa.

O movimento de separação dos mortos e dos vivos foi um passo decisivo em direção a uma morte mais individualizada. Os carneiros foram concebidos como um tipo de sepultura privilegiada. O objetivo dos carneiros então seria pôr fim a essa promiscuidade social entre os mortos da Santa Casa.

Mas dentro dos próprios carneiros da Santa Casa, haveria uma reclassificação dos mortos, pois os cadáveres dos provedores ocupariam aqueles situados ao lado do oratório, assim como já era de praxe no chão das igrejas, “que refletia a organização social dos vivos” (REIS,1991, p. 176). Como podemos perceber nem a criação dos carneiros foi suficiente para eliminar a hierarquização dos mortos, nem mesmo a criação dos cemitérios extramuros vai conseguir romper com essa ideia, muito mais voltada aos vivos do que aos mortos.

Podemos perceber que existe um caminho, um direcionamento a uma, cada vez maior, individualização da morte. Se no sepultamento dentro das igrejas não se

identificavam os mortos, nem se abriam covas separadas para a maioria das pessoas, à medida que vamos nos aproximando do final do século XIX, essa individualização vai ganhando forma e força, os esquifes separados, as tumbas, os caixões, as seges, as covas individuais, os carneiros e, por fim, nos cemitérios municipais, a possibilidade máxima da expressão deste individualismo familiar com a construção de mausoléus monumentais.

O local de sepultamento vai sofrer uma mudança drástica no final do século XIX e início do XX –com a criação dos cemitérios extramuros municipais– onde uma junta médica/sanitarista escolhia um local apropriado segundo os preceitos higienistas (e não mais religiosos), como distância das fontes de água, ventilação, proximidade com a cidade, arborização. A inversão peculiar que se dá é que agora os mortos é que sacralizam o terreno, ou seja, um terreno qualquer passa a ser sagrado porque existem sepultamentos lá.

Não podemos nos esquecer que a geografia do local de sepultamento, seja ele na igreja, no adro, no carneiro ou no cemitério extramuros vai refletir a hierarquia da sociedade e o status do morto, e por consequência dos vivos que permanecem (REZENDE, 2006).

Importante destacar, que essa mudança é consequência de uma série de fatores. A preocupação com a convivência entre vivos e mortos não foi inaugurada no período da Primeira República. A população paulista não desconhecia os riscos deste contato. Em 1735, por exemplo, por ocasião do surto de varíola, foram proibidos os enterros públicos e os sepultamentos só se faziam à noite. Em 1798, um novo surto de varíola fez com que os mortos só pudessem ser enterrados na Capela da Freguesia do Ó. A criação da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e de Salvador em 1832 abriram espaço para que, no final do século XIX, fosse criada a Academia de Medicina, futura Escola de Medicina da Universidade de São Paulo.

1.3 A legalização dos cemitérios

Dessa forma, não podemos afirmar que a preocupação com os sepultamentos *ad sanctos* fossem uma preocupação exclusiva da República, mas sim que foi durante esse período que, a despeito das leis e determinações anteriores, é que os cemitérios municipais foram criados:

A carta régia de 1801 proibia os sepultamentos nas igrejas e determinava a construção de um ou mais cemitérios fora da cidade do Rio de Janeiro.

Em 1828, a lei de 1º de outubro, aprofundava a regulamentação do assunto, atribuindo às câmaras o estabelecimento dos cemitérios fora dos templos (CYMBALISTA, 2002).

É certo que a convivência entre vivos e mortos já não era tão harmônica no final do século XIX, e sendo assim cada qual cobrava a sua parte e seguia seus rumos. Se no começo do século, os mortos ocupavam um lugar de destaque na sociedade e eram utilizados pela igreja e pelas irmandades para educar os vivos, através da ritualização, do medo do inferno e do purgatório, da preparação para a morte, distanciando-os dos pecados mortais e aproximando-os da vida eterna, enfim, promovendo a união com o sagrado nas suas várias instâncias, os novos tempos traziam uma nova racionalidade, em contraposição à perda da carga simbólica dos rituais e na perda de poder pela igreja.

Uma nova racionalidade, podemos dizer, baseada nas descobertas científicas e na modernidade emergente. Dentro desta nova racionalidade, os mortos perdem a antiga posição de destaque que tinham e passam a representar um perigo para os vivos. Se em uma lógica dogmática os mortos avisavam aos vivos sobre a necessidade de uma vida correta para poderem acessar o reino dos céus, na lógica positivista, higienista, os mortos passaram a representar o risco de contaminação dos vivos.

Mas nota-se que a educação pelo medo permanece. Se antes existia o medo do inferno e do purgatório, ela agora assume o medo da doença, da degeneração, dos miasmas. E nesse aspecto, a proximidade com os mortos dentro das igrejas passa a ser vista com desconfiança. É verdade que em uma análise diacrônica podemos perceber que os rituais vão enfraquecendo e os mortos vão sendo cada vez mais afastados do convívio com os vivos: do sepultamento dentro das igrejas para os sepultamentos no adro; a criação dos carneiros; a utilização dos esquifes e caixões no transporte, o sepultamento em caixões próprios, individuais; as seges que transportam os mortos em comitivas de carruagens ao invés das procissões que levavam o morto a pé carregado nos ombros. Todos esses mecanismos de separação dos mortos e dos vivos em dois universos distintos e individualizados serviam para uma educação pelo medo, seja pelo dia do juízo final, ou seja pela

possibilidade de criar e transmitir doenças. Se a morte era utilizada pelos padres como elemento de controle e educação da sociedade, ela agora servia aos médicos da mesma forma.

> Para eles [os médicos], a decomposição de cadáveres produzia gases que poluíam o ar, contaminavam os vivos, causavam doenças e epidemias. Os mortos representavam um sério problema de saúde pública. Os velórios, os cortejos fúnebres e outros usos funerários seriam focos de doença, só mantidos pela resistência de uma mentalidade atrasada e supersticiosa, que não combinava com os ideais civilizatórios da nação que se formava. Uma organização civilizada do espaço urbano requeria que a morte fosse higienizada, sobretudo que os mortos fossem expulsos de entre os vivos e segregados em cemitérios extramuros (REIS, 1991, p. 247).

É perceptível que os mortos estavam cada vez mais sendo afastados dos vivos, e se os mortos se afastavam, a morte também perdia terreno para os processos que valorizavam a vida e seus mecanismos de manutenção e perpetuação. Esse distanciamento que culmina com a criação dos cemitérios extramuros vai se espalhar por outros espaços da sociedade.

Os médicos brasileiros em sua maioria foram formados em universidades europeias, principalmente as francesas que tinham por base o pensamento iluminista do século XVIII e pretendiam repetir aqui as soluções tomadas na Europa para o problema do enterro nas igrejas, com base em uma medicina preventiva que começava a se desenvolver, preocupada com a salubridade do ambiente e em especial a qualidade do ar.

O distanciamento da morte não era apenas físico mas também simbólico. Foi assim que se referia Hoehne, o diretor do departamento de botânica do Estado de São Paulo, sobre a vantagem de um manual de identificação impresso ao invés das placas de identificação das plantas: “Evitar o efeito desagradável das placas metálicas ou de porcelana que comumente são usadas nos jardins botânicos e que geralmente impressionam ao visitante como necrópole” (HOEHNE, 1941, p. 20).

A doença, os males que acometiam o corpo, deixavam de ser um castigo de Deus para se transformar em um mal natural contagioso e que poderia ser evitado. Ao contrário da doença que punia o corpo, mas aliviava a alma no Juízo Final, agora a doença se constituía em um problema de saúde pública, que, segundo a visão científica, tinha causas e consequências naturais. O hospital que originalmente tinha a função de assistência aos pobres e era mantido por religiosos passa a ser medicalizado e a cumprir o papel de instrumento de cura e não apenas de exclusão dos pobres da sociedade (SANGLARD, 2007). A medicina hospitalar é uma necessidade capitalista, que surge da necessidade de um poder disciplinador e de uma intervenção médica sobre o ambiente, da circulação do ar, da temperatura, da qualidade da água, da separação dos leitos etc. (FOUCAULT, 1979, p. 104-108).

Em São Paulo, na Santa Casa de Misericórdia, podemos perceber claramente como isso acontecia. “Os doentes passaram a ser separados em grandes áreas – medicina, cirurgia, ginecologia, oftalmologia e otorrinolaringologia– e, além da separação por sexo, também ocorreria a separação por idades –adultos e crianças”. (SILVA, 2010, p.402).

Irmandade da Santa Casa de Misercórdia de São Paulo - Fotografia de Guilherme Gaensly, 1884

A Santa Casa de Misericórdia de São Paulo está ligada a cidade de São Paulo desde o seu início. Sem uma data exata de sua fundação no século XVI, tem acompanhado o desenvolvimento da cidade e crescido com ela. Ocupou o largo da Misericórdia, a Chácara dos Ingleses, a rua da Glória até que, em 1884, é inaugurado o prédio no bairro Santa Cecília, antigo bairro do Arouche, onde está até hoje. A ligação da Santa Casa de Misericórdia com a criação do primeiro curso de medicina de São Paulo vai se dar através de seu diretor clínico, Dr. Arnaldo Vieira de Carvalho, que cria a Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo em 1912 e a implementa em 1913. Instalada na Escola de Comércio Álvares Penteado, no Largo São Francisco, em 25 de janeiro é lançada a pedra fundamental de sua sede própria, em um terreno em frente ao cemitério do Araçá. O prédio foi inaugurado em 1931 e lá permanece até os dias atuais

1.4 O papel dos médicos nesse novo cenário

Neste período existiam duas correntes científicas que buscavam explicar as doenças. De um lado estavam os que acreditavam na teoria dos miasmas, ou seja, que o ar podia se tornar de má qualidade, prejudicial à saúde se fosse contaminado por materiais em decomposição animal e vegetal, onde o mais pestilento era o da decomposição dos corpos humanos. Essas ideias foram predominantes durante o século XVIII se estendendo até o XIX. De outro lado estavam os que acreditavam no contágio devido à presença de microrganismos patológicos, o *contagium vivum*, tese defendida internacionalmente, principalmente a partir da segunda metade do século XIX, por microbiologistas como Joseph Lister (1827-1912), Louis Pasteur (1822-1895), Robert Koch (1843-1920) e no Brasil por Oswaldo Cruz (1872-1917), Carlos Chagas (1879-1934) e Vital Brazil (1865-1950).

Não importava a teoria científica, em ambas a doença deixava de ter uma causa divina de repreensão ou castigo e passava a ser algo que podia ser evitado, combatido e mitigado. O papel do médico nesse processo deixava de ser o de um observador e mediador no momento de crise para um papel ativo e efetivo, com ações preventivas e curativas.

> A crise era o momento em que se afrontavam, no doente, a natureza sadia do indivíduo e o mal que o atacava. Nesta luta

> entre a natureza e a doença, o médico devia observar os sinais, prever a evolução, ver de que lado estaria a vitória e favorecer, na medida do possível, a vitória da saúde e da natureza sobre a doença. A cura era um jogo entre a natureza, a doença e o médico (FOUCAULT, 1979, p. 102-103).

Neste aspecto, o papel do padre e do médico se confundiram durante um bom tempo.

> A crise, tal como era concebida e exercida, é precisamente o momento em que a natureza profunda da doença sobe à superfície e se deixa ver. É o momento em que o processo doentio, por sua própria energia, se desfaz de seus entraves, se liberta de tudo aquilo que o impedia de completar-se de alguma forma, se decide a ser isto e não aquilo, decide o seu futuro, favorável ou desfavorável. Movimento em certo sentido autônomo, mas do qual o médico pode e deve participar. [...] na prática médica, a crise era ao mesmo tempo momento fatal, efeito de um ritual e ocasião estratégica. (FOUCAULT, 1979, p. 114)

Nesta contenda de saúde versus doença, os médicos estavam tomando o lugar dos padres como grandes defensores da população. O racionalismo positivo, liderado pelos higienistas, afastava os mortos e procurava colocá-los nos seus devidos lugares, longe dos vivos. Mas não eram só os mortos que ocupavam os higienistas, os vivos e seus maus hábitos também. A cidade e a sociedade como um todo precisavam ser higienizados. Criar condições de salubridade e bons modos passou a ser de interesse médico.

> A lista de maus hábitos era grande e variada: a disposição de lixo nas vias públicas, a falta de escoamento das águas usadas, o alinhamento desordenado das ruas, a arquitetura inadequada dos prédios, os hábitos alimentares extravagantes, a indisposição para exercícios físicos e para a higiene pessoal. [...] na verdade os médicos propunham uma verdadeira

> revolução cultural, [...] preconizavam a reorganização e racionalização de algumas instituições básicas, como as prisões, hospitais, escolas e cemitérios, todas vistas como causadoras de doenças físicas e morais. [...]A criação do homem higiênico seria o objetivo de um trabalho pedagógico permanente (REIS, 1991, p. 249).

Como Foucault já havia preconizado: “Analisar os lugares de acúmulo e amontoamento de tudo que, no espaço urbano, pode provocar doença, lugares de formação e difusão de fenômenos epidêmicos e endêmicos” (FOUCAULT, 1979, p. 89) era uma forma de controlar e disciplinar a população.

Em São Paulo a criação da Hospedaria dos Imigrantes em 1889, as inaugurações do novo prédio da Santa Casa de Misericórdia em 1884, que era subsidiada em mais de 50% de sua receita pelo governo estadual, do Instituto Vacinogênico em 1890 e do Serviço Sanitário em 1892 demonstram a importância que a saúde pública tomava no governo estadual (SILVA, 2010, p. 408). Essas instituições se tornam, portanto, um lugar de memória da saúde brasileira, onde através da sua análise podemos refletir sobre as instituições, o seu entorno e as relações de poder que se estruturavam e eram moldadas pela sociedade (SANGLARD, 2007).

Mais uma vez podemos dizer que é nesse período que vemos uma mudança de comportamento na sociedade. A sociedade estruturada pela morte perde lugar e potência durante a Primeira República, enquanto a vida e seus mecanismos passam a ocupar e a estruturar a sociedade. E isso se reflete nessa mudança de concepção e ação dos hospitais e na teoria bacteriana que ia apagando os vestígios miasmáticos. Os hospitais passam de lugar de exclusão e abandono voltados à morte e passam a cumprir um papel de curar, salvar, reintegrar os indivíduas à sociedade e também de formar novos médicos através dos cursos superiores de medicina.

A Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro (SMRJ), fundada em 1830, dedicou muitas alas à crítica das práticas insalubres do enterramento e dos rituais funerários. Em 1831, a comissão de salubridade da SMRJ concluía seu relatório sobre as “causas de infecção da atmosfera” no Rio de Janeiro e, por extensão, da atmosfera urbana brasileira: os “miasmas paludosos” do pântanos, charcos, águas

estagnadas, as “emanações animais e vegetais” dos monturos, cloacas, vasilhas de despejos, canos de rua, valas de esgoto, depósitos de urina, animais deixados mortos nas ruas, currais, cavalariças, matadouros, açougues, curtumes, peixarias, armazéns de molhados, fábricas de velas, hospitais, prisões, e ainda, claro, os “vapores mefíticos” dos carneiros e das covas das igrejas e o dobrar dos sinos que lembrava aos vivos a proximidade da morte. Não sobrava nada. A cidade estava doente por todos os lados. (REIS, 1991; FOUCAULT, 1979)

> O descaso humano explicava o “sermos acometidos pela ação mórbida de miasmas paludosos, e de pútridas emanações que roubando-nos a saúde e o vigor, encurta a existência de nossa população, deteriora sua descendência, e esteriliza sua reprodução. O problema era humano, não geográfico, e por ser humano era corrigível. (REIS, 1991, p. 254)

Com essa responsabilidade, os médicos tomam para si o dever civilizatório e moderno. A morte preconizada pelos médicos devia ser inodora e silenciosa. Todos os elementos que lembrassem aos vivos que a morte estava por perto deveriam ser minimizados, as pompas, as procissões pela cidade, o funeral em caixão fechado e os dobre de sinos que podiam até afetar os mais sãos. Note-se que o problema não era o barulho gerado pela cidade, pelas máquinas, enfim pelo progresso que caminhava a passos largos, pois esses sons estavam comunicando os processos inerentes à vida e à sua manutenção, enquanto os dobres mórbidos podiam atentar contra esta mesma vida, individual e coletiva

Neste novo cenário, o cemitério teria então uma função educativa para os novos tempos, tempos de progresso e civilidade, deixando claro a separação dos vivos e dos mortos, a classificação em quadras, datas, nomes e garantindo o distanciamento profilático dos vivos.

> É assim que aparecem, em torno dos anos de 1740-1750, protestos contra o amontoamento dos cemitérios e, mais ou menos em 1780, as primeiras grandes emigrações de cemitérios para a periferia da cidade. É nesta época que aparece o cemitério individualizado, isto é, o caixão individual,

> as sepulturas reservadas para as famílias, onde se escreve o nome de cada um.
>
> Crê-se, frequentemente, que foi o cristianismo quem ensinou à sociedade moderna o culto aos mortos. Penso de maneira diferente. Nada na teologia cristã levava a crer ser preciso respeitar o cadáver enquanto tal. O Deus cristão é bastante Todo-Poderoso para poder ressuscitar os mortos mesmo quando misturados em um ossuário. Em compensação, a individualização do cadáver, do caixão e do túmulo aparece no final do século XVIII por razões não teológico-religiosas de respeito ao cadáver, mas político-sanitárias de respeito aos vivos. (FOUCAULT, 1979, p. 89-90)

O Brasil, assim como a Europa, era um terreno fértil para as ideias positivistas, potencializadas pela urbanização explosiva. De certa forma, os defensores da Escola Positiva se viam como representantes das novas concepções, destinados a uma confrontação militante contra as decadentes teses da Escola Clássica, recorrentemente consideradas por eles como "metafísicas" e pré-científicas, reforçando uma postura tecnocrática e autoritária.

A influência da Escola Positiva no Brasil viria a ser grande, desde as últimas décadas do século XIX até as primeiras décadas do século seguinte, paradoxalmente experimentando seu auge em um momento em que já se encontrava em franca decadência na Europa. (FERLA, 2009)

A imposição do programa-utopia positivista à sociedade da época e o grau em que se deu dependiam da aceitação e da circulação das teorias científicas biodeterministas que lhe davam sustentação. Para isso ter viabilidade, havia a necessidade de que se estruturasse uma rede que dependesse do funcionamento das teorias, que diversos agentes sociais de alguma forma se beneficiassem de seu uso e com elas acabassem articulando suas atividades profissionais (FERLA, 2009, p. 77).

> Não se pense que os médicos ignorassem a importância do culto dos mortos em seus projetos de reforma cemiterial. Porém, sugeriam uma reinterpretação, mais cívica do que religiosa, do culto. Rebouças, por exemplo, pregava que se

> desse aos cemitérios "um caráter impossante, principalmente nas grandes Cidades, revestindo as inumações com toda a decência e dignidade". Aqui a pompa teria pleno campo para expressão, mediante a construção de túmulos suntuários, inscrições lapidares, jazigos perpétuos. Apesar desses monumentos ao orgulho, **o Dr. Oliveira imaginava que os cemitérios modernos poderiam ensinar, melhor que as igrejas, a grande lição da morte – que ela igualava sábios e ignorantes, ricos e mendigos, nobres e plebeus** (grifo meu). (REIS, 1991, p. 260-261)

É justamente esta ciência positiva, atrelada à ideia de progresso e da melhoria da qualidade de vida, que permite a valorização de uma nova classe, gerando a elite que controlará os rumos da nação: médicos, engenheiros, técnicos, urbanistas e administradores que decidem, baseados no seu conhecimento, os rumos que esse progresso tão desejado deve ter, não se devia tolerar os odores da decomposição.

> Os cientistas brasileiros da primeira metade do século XX se viam como os agentes privilegiados da modernização do país. [...] O cientificismo que então tomava conta do país não pode ser entendido sem o que ele tinha de redenção, de superação do atraso e de conquista civilizacional. (FERLA, 2009, p. 53)

O cientista, o médico e o sanitarista assumem o papel de heróis da nova mentalidade, dos novos tempos.

1.5 Os cemitérios como lugar de educação

Com relação às inumações, a solução indicada pelos novos ideais sanitários, foi a criação de cemitérios fora do perímetro urbano (extramuros), em locais arejados e elevados, com árvores frondosas que ajudassem a limpar o ar, longe de fontes de água potável. Deviam ser organizados e funcionar segundo normas técnicas para o sepultamento como distância, profundidade e intervalo entre os sepultamentos na mesma cova. A condição ideal de formação miasmática

combinava alta temperatura, umidade e ausência de ventos e essas deveriam ser evitadas na escolha do local destinado ao cemitério.

Todas essas mudanças com relação à morte acabaram por refletir e modificar o modo de pensar e sentir das pessoas, principalmente em relação ao sagrado. Há uma mudança marcada nesse período. Os mortos não deixaram de existir como elementos educadores da sociedade. Se antes lembravam da finitude da vida, da inexorabilidade da morte e da necessidade da preparação para esse momento, agora eles passam a representar uma ameaça à vida através das suas emanações, líquidos, miasmas, dobres de sinos e, principalmente, pela proximidade. A criação dos cemitérios extramuros, a individualização das covas, as normas de enterramento se constituem em uma medida em favor da saúde dos vivos. Existe ainda a preocupação com a salvação da alma, mas mais importante é garantir a saúde dos vivos (SOUZA, 2010).

Com o positivismo se instalando na sociedade e determinando suas diretrizes esses processos de vida e morte precisaram ser definidos com precisão. Tanto a certidão de nascimento quanto a certidão de óbito precisam de local e data definidos e precisam ser documentados por um médico capaz de determinar esses momentos segundo as teorias científicas vigentes. Os momentos de vida e morte são dessacralizados passando da esfera religiosa, representada pelos padres e sacerdotes, para a esfera científica, dos médicos.

Nesta sociedade que começa a se formar durante a Primeira República, os sanitaristas têm um papel fundamental na mudança de cuidado com os mortos em favor dos vivos e na reestruturação da cidade e do imaginário da sociedade com relação à vida e à morte. A morte se distancia cada vez mais do cotidiano até chegar ao ponto em que nos encontramos atualmente, onde ela é cada vez mais interdita, escondida e geralmente acontece em um leito de hospital e distante dos familiares.

Outro aspecto importante é que a secularização da morte e a municipalização dos cemitérios permitiu que a elite paulista pudesse demonstrar todo seu poder sem desrespeitar as orientações que a igreja determinava e a manutenção do *status quo* que a sociedade exigia, ocupando a área central dos cemitérios como ocupava o centro das atenções na cidade e na sociedade. Construindo monumentos grandiosos e luxuosos e relegando aos outros uma área periférica destinada aos pobres onde apenas era permitido uma cruz de madeira.

> [...] podemos afirmar que houve em grande medida uma transferência da monumentalidade: do espetáculo efêmero da cerimônia de sepultamento, que não deixava muitas provas materiais, [...] rumo à ostentação pretensamente perene dos monumentos funerários que passaram a rechear os cemitérios". (CYMBALISTA, 2002, p. 78)

Fica claro que a perda de poder pelas irmandades, a separação entre a igreja e o estado, a laicização, o crescente movimento sanitarista e higienista, apoiados em uma concepção positivista, irão se tornar forças modeladoras da sociedade contemporânea no século XX. É possível que as mudanças ocorridas nos sepultamentos sejam a causa/consequência disso, e a morte continue mantendo seu papel educador da sociedade mas de uma outra forma, se antes a pouca distância entre os mortos e os vivos era um fator educacional, agora é a grande distância que o torna igualmente educacional.

Os sepultamentos também eram um grande negócio para as igrejas e irmandades que cobravam pelos serviços, tumbas, esquifes etc. O medo mantinha os fiéis próximos e os mortos faziam questão de lembrá-los da finitude.

Na transição do século XIX para o XX a igreja perdeu poder, e fiéis; não tão fiéis assim, nem os mortos resistiram. Em contrapartida os avanços científicos promulgados pelos meios de comunicação, a melhoria da qualidade de vida, a promessa de um mundo melhor para os vivos do que para os mortos acabaram ganhando adeptos muito mais fiéis à nova causa.

> Mas os mais culpados seriam os padres. Eram eles, afinal, que divulgavam entre os fiéis seu "fanatismo e superstição", persuadindo-os de que, "enterrados em tais lugares, ganhavam o Céu. [...] Mas a resistência maior não vinha dos padres e sim das irmandades", "pois a igreja apoiava a construção de cemitérios extramuros contrapondo-se às irmandades religiosas. (REIS, 1991) (CYMBALISTA, 2002, p. 56)

De novo a questão da doença, que acometia o indivíduo e a sociedade. E tratando-se de doença, cabia ao médico tratá-la, tanto no nível individual quanto no nível social.

A cidade também estava morrendo e uma nova metrópole estava surgindo. Com os processos de melhoramentos impostos pelas autoridades sanitárias e urbanísticas, velhos casarões de taipa eram demolidos para dar lugar ao novo, ao moderno, como aconteceu coma casa do Barão de Tatuí e a casa Prates, que foram demolidas para dar lugar à construção do viaduto do Chá, sobre o vale do Anhangabaú.

> "[...] Os velhos prédios caem por terra, demolidos pela picareta civilizadora. No lugar deles erguem-se da noite para o dia vestidas e confortáveis edificações". A população estava se afastando dos parentes e amigos que morreram e também da cidade que as viu crescer. "[...] demolindo, e, nas ruínas erguendo uma nova cidade, digna dos progressos do século", profetizava Alexandre de Albuquerque em 1910. (SEGAWA, 2004, p. 16-26)

O governo provisório da Primeira República estabeleceu algumas modificações, como a reforma do Código Penal, a separação da Igreja e do Estado, a naturalização dos estrangeiros residentes no país e possibilitou a primeira constituição brasileira, que instituiu o casamento civil, a criação dos poderes legislativo, judiciário e executivo, a autonomia dos estados e municípios e o sistema presidencial. Entre todas as mudanças promovidas, merece especial destaque neste momento a separação Igreja-Estado, o que, de certa forma, retira da Igreja um poder que até então era inquestionável na formação da identidade e da cultura nacional. Com este enfraquecimento a igreja vai sistematicamente perdendo espaço na sociedade: no ensino, na administração dos hospitais, que passam a ser medicalizados, nos sepultamentos, nos rituais fúnebres, na declaração da hora da morte, nas certidões de óbito e por fim com a instituição do casamento civil.

O fato é que a morte que deveria igualar a todos acabava por aumentar as distâncias sociais. Os ricos eram enterrados como ricos e os pobres sempre à margem da sociedade tentavam *cavar* seu lugar na sociedade. Assim eram nas igrejas e nas irmandades. Assim aconteceu em Campinas onde existia um cemitério

de escravos e que para transformá-lo em um lugar de prestígio solicitaram a construção de uma matriz sobre o referido cemitério.

> Após a construção da Capela (1774) sobre o antigo cemitério de escravos, apenas os brancos foram sepultados no seu interior. Os pobres e escravos continuaram sendo enterrados do lado de fora.[...] em 1787 a matriz da vila foi transferida da capela que havia sido construída sobre o cemitério bento para uma nova e mais importante igreja, ocasião em que foram trasladados os ossos daqueles que estavam sepultados no interior da capela – mas não há sinal de que tenha havido qualquer trabalho de reassentamento dos ossos daqueles que estavam sepultados do lado de fora, aos quais se devia a própria instauração da cidade" (José Roberto do Amaral Lapa, *A cidade: os cantos e os* antros apud CYMBALISTA, 2002, p. 37)

A morte passou por muitas transformações ao longo da história da humanidade como atestam os trabalhos de Ariés (1990) e Vovelle(1991) e também podemos perceber diferenças culturais referentes a cada lugar com suas especificidades. Na França, este processo de secularização da morte e da criação dos cemitérios extramuros aconteceu com pelo menos 50 anos de antecedência quando comparado ao Brasil. Defendemos que é exatamente neste período, entre 1889 e 1930 que começa a se estruturar uma nova sociedade que quer se livrar de seu passado retrógrado e abraçar uma modernidade em sintonia com a Europa e os Estados Unidos e para isso deve assumir os mesmos padrões adotados lá.

Sendo assim, não importava o tipo da propriedade: da casa até a vida, ela poderia ser colocada a serviço de uma nova era de modernidade e progresso. Esta propriedade só será resgatada com a possibilidade da construção de jazigos perpétuos e monumentais nos cemitérios municipais. Esta modernidade não estava apenas na urbanização e higienização, estava também em uma nova forma de conceber o direito de vida e morte. Toda ação contra uns se justificava pela valorização da vida de outros. (FOUCAULT, 1988). É a perda do caráter simbólico dos rituais que vai possibilitar a valorização dos mausoléus, mais permanentes do que os efêmeros rituais.

1.6 Considerações finais

No século XIX, vida e morte aparecem como processos indistintos, a morte como consequência da vida e, portanto, como instrumento organizador da vida cotidiana. A vivência dos processos de morte, preparação, funeral e luto serviam para lembrar os vivos e organizá-los, fortalecer as irmandades e paróquias criando um sentimento de pertencimento, identidade e solidariedade; no século XX a morte passa a ser um momento de cisão com a vida. Vida e morte deixam de existir como uma unidade e passa a existir como eventos dissociados. No século XX é a vida que vai tomar as rédeas e ditar os rumos a serem seguidos.

Não foi apenas a morte que perdeu seu potencial simbólico. A vida passou a ser determinante na estruturação de um novo imaginário. A urbanização e a modernização das cidades, a retificação dos rios Tietê e Pinheiros no seu trajeto pela capital como uma forma de controlar o ciclo de cheias, a higienização e o cuidado com o os esgotos e dejetos, a medicalização dos hospitais e a criação dos cursos de medicina, as campanhas de vacinação, e finalmente, a melhoria nas condições de vida proporcionada pelas inovações tecnológicas.

Na nova época, os vivos, parentes e amigos dos mortos, a Igreja e o Estado terminavam por definir mais do que os próprios mortos o feitio dos funerais.

No decorrer do período estudado pudemos perceber uma perda da potência simbólica da morte e do morrer. Isto se deu através: do distanciamento entre os mortos e os vivos, da criação dos cemitérios extramuros, da diminuição das pompas fúnebres, do tempo gasto nos velórios, do empenho da família em cuidar dos seus mortos, na armação da casa que atualmente não existe mais, da importância que a morte ocupa no cotidiano dos vivos, da diminuição das superstições relacionadas ao cemitério, da maior velocidade de transporte do corpo, da individualização das covas, do aceitamento de regras de sepultamento não religiosas como distância e profundidade das covas, do impedimento dos dobres de sinos pelas igrejas, do tempo do luto diminuído ou inexistente na atualidade, da mudança de teor nos testamentos, das transformações ocorridas nos comunicados fúnebres, no desaparecimento das carpideiras.

Ao concluir esse capítulo, podemos afirmar que a medicalização da sociedade trouxe benefícios inegáveis. Mas também teve consequências, que persistem até os dias atuais.

Hoje, em sua grande maioria a morte acontece entre panos azuis de hospitais, distante da família, do lar e da própria cama. Os horários de visita são monitorados e cronometrados. O contato asséptico. Profilaticamente nos afastamos do sofrimento e da despedida. O que não vemos não sentimos e desta forma evitamos a menção da possibilidade da nossa própria morte. Em casos de emergência o resgate é avisado antes dos parentes.

Não cuidamos mais dos nossos mortos, contratamos pessoas ou empresas especializadas neste tipo de serviço. O morto vai do hospital para o velório e do velório para a sepultura ou cremação. Após a morte apagamos o mais rápido possível qualquer lembrança, doamos as roupas, dividimos os bens. Esse desapego aos mortos foi consequência de uma nova mentalidade, de um novo imaginário, onde a morte não tem lugar na vida dos vivos, onde a velocidade é a tônica, e o tempo de reflexão, de parada, de desaceleração não tem cabimento. Ao valorizar os processos inerentes a manutenção e perpetuação da vida tanto no nível do organismo como da sociedade, somos tomados por uma sensação de eternidade, e não de finitude.

Nessa sociedade pós-moderna, o cemitério também passou por mudanças, saindo do interior das igrejas, para os carneiros, depois os cemitérios extramuros horizontais, crematórios e mais recentemente os cemitérios verticais e cemitérios jardins onde não há construções tumulares, apenas indicações das sepulturas.

Atualmente não temos mais contato direto e próximo com a morte. O contato mais íntimo que temos é com a morte que se tornou virtual nos videogames. Temos quantas vidas forem necessárias para ganhar o jogo.

A carne que compramos é de uma indústria pecuária que, como o cemitério, foi empurrada para fora das cidades durante o processo de higienização e urbanização. O fato de ser comercializada em bandejas e embaladas tiram dela o seu caráter orgânico e imputam o valor de mercadoria. É raro nos dias de hoje encontrar pessoas que já presenciaram a morte de um animal e se alimentaram dele.

Não é à toa que todos os processos de retardar o envelhecimento, da sociedade de consumo, da obsolescência programada, do hedonismo se instalaram e atualmente ditam o cotidiano das pessoas. A busca pelo corpo perfeito, a lipoaspiração, o botox, a tintura, a cirurgia plástica, a criogenia etc.

O tempo gasto nas despedidas foi encurtado sensivelmente, de anos para horas. Um morto demandava tempo com a procissão do viático, a armação da casa, o velório que podia durar até sete dias, o cortejo fúnebre e o sepultamento. O luto devia ser respeitado segundo o grau de parentesco com o morto. "O luto, segundo a legislação civil colonial, tinha regras rígidas de utilização. Seis meses para cônjuges, dois meses por tios e sobrinhos e somente quinze dias por parentes mais distantes. Os homens deixavam a barba por sete ou mais dias depois da morte, a depender do grau de parentesco com o morto. O luto era um instrumento de controle e hierarquização social, pois escravos eram obrigados a se enlutar por seus senhores e nunca o contrário. No século XIX, essas regras provavelmente estavam em desuso, se é que foram algum dia seguidas" (REIS, 1991, p.133-134).

Uma vez enterrado em um jazigo perpétuo não havia a necessidade de remoção dos ossos. Se enterrado em uma área pública, passado o prazo de cinco anos o corpo deveria ser exumado e os ossos guardados no ossário. O mesmo procedimento era válido para os carneiros. Atualmente o prazo para exumação é de três anos, o que nem sempre é suficiente para a decomposição dos corpos.

A cremação iniciada em São Paulo em 1974, quando foi inaugurado o Crematório Municipal Dr. Jayme Augusto Lopes, reduziu esse tempo para algumas horas. Após uma estadia de 24 horas em câmara gelada, o corpo é incinerado por aproximadamente duas horas a temperaturas de até 1.200°C. Após isso, os restos são recolhidos e passam por um moinho por aproximadamente meia hora. A cremação segue as normas do Conama – Conselho Nacional de Meio Ambiente e da Cetesb – Companhia de Tecnologia de Saneamento.

Nos Estados Unidos um serviço de velório *drive thru* é oferecido nas cidades de Michigan, Califórnia e Texas, onde o morto fica exposto e as pessoas que desejam prestar uma homenagem passam de carro sem a necessidade de parar ou sair do carro, gastando em média 3 minutos em suas condolências.

Atualmente não temos mais contato com o surgimento de uma nova vida. Os nascimentos que eram em casa, assistidos por parteiras que auxiliavam no trabalho

de dar a luz acontecem hoje entre panos azuis de hospitais, distante da família, do lar e da própria cama. Os horários de visita são monitorados e cronometrados. O contato asséptico. Nos distanciamos do maravilhamento e da surpresa. Aliás, não somo mais surpreendidos. Sabemos o sexo, o tamanho, o peso, a quantidade de dedos e o cariótipo antes do nascimento.

Nossas crianças não têm dimensão da ligação que existe entre a planta, a flor o fruto e a semente. Muitas nunca viram uma semente germinar e acompanharam seu crescimento. Passamos muito rapidamente por tudo, pela vida inclusive.

Capítulo 2 - A convivência entre a necrópole e a metrópole. O cemitério associado à cidade de São Paulo – um lugar de educação.

> Toda instituição –e a cidade é uma instituição– é uma rede simbólica, socialmente sancionada, onde se combinam em proporções e relações variáveis uma componente funcional e uma componente imaginária. (CASTORIADES, 1975)

> De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a reposta que dá às nossas perguntas. (CALVINO, 1990, p. 44)

É através da análise da relação entre a criação dos cemitérios e o crescimento da cidade de São Paulo que este capítulo vai se desenvolver. A cidade, dessa forma, apresenta-se como instituição e também como rede simbólica que será fundamental para a criação e a manutenção de um novo modelo de sociedade estruturado pela vida e não mais pela morte.

Dessa forma, é possível dizer que criação dos cemitérios desempenhou seu papel funcional como depósito de corpos que não podiam ficar abandonados na via pública e também não podiam mais ser sepultados no interior das igrejas. Mas, atrelado a esse papel, o cemitério também teve sua função como elemento educador para uma nova realidade por meio da sua organização espacial, da sua distribuição pela cidade e pelos símbolos e construções que possui.

Com a proibição dos sepultamentos no interior das igrejas, foram criados os cemitérios municipais. A escolha dos locais, sempre na periferia, está de acordo com os preceitos de salubridade e urbanismo, mas o aumento da população e o consequente crescimento da cidade acabaram por incorporar os cemitérios na metrópole crescente. Assim, o papel do cemitério como um lugar de educação para os novos tempos –o período de 1889 a 1930– é o objeto deste capítulo.

Nesse sentido, o primeiro papel que o cemitério desempenhou foi a separação entre vivos e mortos. Depois de separados, criou-se a possibilidade de classificação e organização. Os sepultamentos dentro dos cemitérios municipais obedeciam a regras comuns. Nesse aspecto, a criação dos cemitérios estava em sintonia com a reestruturação que a cidade estava sofrendo.

> Para que os vivos estejam ao abrigo da influência nefasta dos mortos, é preciso que os mortos sejam tão bem classificados quanto os vivos, ou melhor, se possível. É assim que aparece na periferia das cidades, no final do século XVIII, um verdadeiro exército de mortos tão bem enfileirados quanto uma tropa que se passe em revista. Pois é necessário esquadrinhar, analisar e reduzir esse perigo perpétuo que os mortos constituem. Eles vão, portanto, ser colocados no campo e em regimento, uns ao lado dos outros, nas grandes planícies que circundam as cidades". (FOUCAULT, 1979, p. 90)

Como pudemos perceber no capítulo anterior, o conceito de morte e suas implicações se modificaram de maneira substancial durante a Primeira República. Neste capítulo vamos abordar como a criação dos cemitérios estava em sintonia com as transformações que a vida, a morte e o morrer tiveram no período e como são causa e consequência da criação dos cemitérios e da sua relação com o crescimento da cidade.

Durante o período estudado, grandes avanços ocorriam a uma velocidade assombrosa, e as cidades estavam se transformando em grandes metrópoles, alterando o cotidiano das pessoas, sua forma de viver e de ver o mundo. O planeta começava a se tornar globalizado, e a economia, internacionalizada. As potências industriais ditavam os ritmos e o modo de vida das sociedades tradicionais, que buscavam se adequar aos novos padrões de consumo baseados nas inovações técnicas e científicas.

É nesse contexto mundial que é fundado no Brasil por intelectuais, militares, políticos e artistas o Partido Republicano (1870), grupo comprometido com os avanços técnicos e científicos globais. Essa nova elite republicana

inspirava-se nas correntes científicas, como o darwinismo social e o positivismo francês de Auguste Comte, e era apoiada pelo capital advindo das elites cafeeiras, que interessadas no regime federalista viam a possibilidade de maior participação política e controle econômico. (SEVCENKO, 1998)

Em 1888 é abolida a escravidão e com ela uma parte dessa população é desmobilizada das fazendas em direção às cidades em busca de novas possibilidades de trabalho e inserção social. Era uma população que vivia em condições extremamente precárias e em um momento político muito significativo, pois, aliado a isso, a chegada dos imigrantes não iria se limitar à força de trabalho para suprir a falta de mão de obra gerada pela abolição. Os imigrantes seriam protagonistas de um projeto de *branqueamento* da sociedade, organizado e executado como parte do processo de higienização segundo os ideais positivistas e o darwinismo social (MAIO, 2010).

Se na região portuária do Rio de Janeiro, esse adensamento populacional vai se constituir um problema, em São Paulo, os cortiços também se tornariam uma questão de saúde pública. O aumento do custo de vida associado à diminuição no ritmo de construções novas, eleva ainda mais o custo do aluguel. “Assim, casas onde mal se acomoda uma família, hoje abrigam duas, às vezes mais, com grave prejuízo para a saúde de seus habitantes e da população em geral” (SEGAWA, 2004, p. 131). Esse convívio íntimo entre a pobreza, a miséria, a doença e a classe aristocrática remanescente da monarquia aliada à elite cafeeira paulista não poderia se sustentar.

> Havia, no entanto, que dar conta do “bárbaro interior”, que cada vez mais povoava as grandes cidades industriais do século XIX. Nelas, a miséria até então distante e dispersa na imensidão rural concentrava-se de forma cada vez mais ostensiva. A elite europeia, culta e educada, podia aceitar satisfeita as teses que explicavam a posição privilegiada da Europa no mundo. Mas, ao fechar o livro e sair para uma caminhada, o mal estar seria inevitável ao se deparar com a paisagem de sua própria cidade: o alcoólatra, a prostituta, o indigente, uma infinidade de tipos humanos decadentes... *feios, sujos e malvados*. Como explicar a presença e principalmente em tal abundância do “degenerado” e

> do criminoso no meio da civilização ocidental? As classes perigosas assim eram consideradas porque portavam ameaças de diversas naturezas: criminal, sanitária e política. O meio em que vicejavam poderia originar a epidemia, o crime ou a rebeldia social. (FERLA, 2009, p. 35)

No Rio de Janeiro, capital da República, inicia-se um plano em três dimensões: executar a modernização do porto, o saneamento da cidade e a reforma urbana. Um time de técnicos foi nomeado pelo presidente Rodrigues Alves: o engenheiro Lauro Müller para a reforma do porto, Oswaldo Cruz para o saneamento, e Pereira Passos para a reurbanização, processo que ficou conhecido como a "Tríplice Reforma". Este padrão desenvolvimentista/higienista vai ser seguido pelos outros estados da nação. (SEVCENKO, 1998)

Famílias inteiras eram despejadas e casarões colocados abaixo de um dia para o outro pelo poder sanitário e pela força policial. Sem qualquer assistência ou indenização, essa população pobre vai para os morros e origina as favelas. As que permanecem na cidade vão para os zungas –cortiços onde se alugava a esteira.

> O projeto ideológico de remodelação da cabeça urbana do País estreitou as relações entre a autoridade médica e a autoridade política, definindo as bases do modelo contratual entre o reformador e o sanitarista. Nesse curso, o regime de assepsia material da cidade decretou o regime de saneamento moral da população. Como aponta M. Rago, a tarefa de desodorizar a cidade passou pela higienização dos papéis sociais, pela exigência de evacuar lixo, desaglomerar pobres; interditar cortiços; enclausurar desviantes; disciplinar o bordel. Dessa forma, caberia à medicina higiênica, estabelecer a imposição de uma ortopedia moral, procurando imobilizar tudo o que pudesse representar libertinagem, orgia, desordem e anarquia". (BOUÇAS, 2000, p. 140)

As mudanças sociais e urbanísticas se justificavam pelo saneamento, pelo progresso e pelo embelezamento da cidade. No Rio de Janeiro, Pereira Passos efetua esse projeto modernizador no período de 1903 a 1906. Em São Paulo, Campos Salles pede propostas de urbanização da cidade tornadas públicas entre 1910 e 1911, tendo em Saturnino de Brito uma aliado para pensar o urbanismo e o higienismo.

Para Saturnino de Brito, que pensava o urbanismo a partir do tratamento das águas, da circulação do ar e da luminosidade solar, o cemitério nunca deveria ser colocado em pontos altos da cidade, ocupando esses lugares prioritariamente os reservatórios de distribuição de água. Ao contrário, por exemplo, da localização dos cemitérios da Consolação e do Araçá, em São Paulo, criados ainda sob a monarquia.

Podemos perceber que o âmbito da regeneração foi muito maior do que apenas os processos de limpeza e organização da cidade. Ele abarcou todos os espaços, privados, públicos, a moral e o corpo das pessoas.

É neste cenário que eclode na capital da República a Revolta da Vacina, em 1904, corolário de uma situação social contrastante entre a pobreza dos que viviam nos cortiços e casebres e da elite que desfilava pela recém-inaugurada avenida Central, no Rio de Janeiro, ou pela avenida Paulista, em São Paulo. Os que não estavam trajados corretamente não podiam entrar nessas regiões, ficando sempre na periferia desse espaço onde nem as suas manifestações culturais eram respeitadas. Qualquer pessoa abordada no centro da cidade que não pudesse comprovar emprego e residência fixa era detida, e as medidas tomadas, que iam desde o espancamento sistemático até a deportação para lugares distantes como a Amazônia. (SEVCENKO, 1998)

Podemos perceber que a formação da comunidade científica brasileira deu reconhecimento às novas ideias que aportavam aqui. Era fundamental que a República contasse com os médicos e cientistas como avalistas dessa nova mentalidade e, para isso, não bastava eliminar as figuras inadequadas ao novo regime do centro da cidade, era necessário eliminá-las também da memória. Mesmo assim formas de resistência sempre percolaram pela República.

> Desacatando a cena autorizada, os contos de João do Rio focalizam redutos que –sob a luz mortiça das lamparinas de

> azeite– ampliam a correspondência entre o entulho humano e os escombros da cidade velha: restos indesejáveis, escarnando o subterrâneo da euforia republicana como decomposição que a sociedade medicalizada não pode desodorizar. Ao apontar para o *bas-fonds* da belle époque, para os becos de seus "mutilados", o escritor carioca desalinha o figurino prescrito pelos mentores da regeneração. Desequilibra os limites da cidade letrada, afim de rebater a retórica que defendia a metrópole ideal ordenada pela fachada da assepsia e da homogeneidade. (BOUÇAS, 2000, p. 146)

As esferas públicas e privadas foram potencializadas pelo desenvolvimento do capitalismo, o que implicava em privilégio de poucos. A autoridade pública se permitia invadir e destruir o casebre, destituir as pessoas de suas propriedades sem ressarcimento ou de espancar fiéis e quebrar seus instrumentos religiosos. Para Foucault, assim se dava não por acidente ou por "falha mecânica", mas por estratégias inerentes aos mecanismos do poder, fosse político, administrativo ou judiciário. (FERLA, 2009, p. 30-31)

Para Sevcenko, esses espaços de segregação estão atrelados ao desenvolvimento de uma burguesia capitalista que, ao eleger o centro da cidade como seu lugar de direito e demonstração de poder, empurra para as periferias toda uma turba de trabalhadores, miseráveis, desempregados, doentes e marginais que se instalam em morros, áreas pantanosas, subúrbios e ao redor das estações de trem que irão originar os parques fabris que dispõem de mão de obra farta e barata. Dessa forma, torna-se invisível para a sociedade burguesa o mundo do trabalho: nas casas, a área social é separada da área de serviço, todo serviçal deve ser caracterizado com seu uniforme e seu local específico de trabalho, seja na cabine do transporte ou na guarita da segurança. "Esse mesmo mundo que não deseja ver o trabalho não suporta a visão da doença, da rebeldia, da loucura, da velhice, da miséria ou da morte, que são enclausuradas nos sanatórios, prisões, hospitais, asilos, albergues e necrotérios". (SEVCENKO, 2010, p. 109)

Uma sociedade é moldada por seus costumes, padrões que são transmitidos de uma geração à outra, principalmente através da oralidade,

acabando por se constituir em um conjunto de regras e procedimentos compreendido por todos que dela fazem parte. A alfabetização se constitui em um instrumento normalizador, determinado pelos estratos superiores e geralmente vetado aos pobres. Em uma sociedade de maioria analfabeta, o costume vai se constituir majoritariamente em sua cultura.

> Segundo Bacon, "Como o costume é a principal diretriz da vida humana, que os homens procurem ter bons costumes [...] O costume é mais perfeito quando tem origem nos primeiros anos de vida: é o que chamamos de educação, que, com efeito, não passa de um costume cedo adquirido".
>
> (...) Mas uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e o oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos, que somente sob uma pressão imperiosa –por exemplo, o nacionalismo, a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante– assume a forma de um "sistema". E na verdade o próprio termo "cultura", com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições dentro do conjunto". (THOMPSON, 1998)

Podemos ver que existiu neste período um choque de costumes e consequentemente de culturas, uma estruturadas pela morte no século XIX e outra estruturada pela vida no século XX. Os sepultamentos extramuros, a medicalização, o higienismo inauguram novas formas de se relacionar com a morte e com os mortos e irão se constituir em novos costumes que precisam ser aprendidos pela população. Esse aprendizado pode se dar de várias formas, intencionais ou não, conscientes ou não, pela transmissão oral dos novos valores ou pela observação das novas estruturas de salubridade e poder que se criam nas cidades, podendo ser nos espaços institucionais e intencionais, como a escola, o hospital e o exército, e não formais, mas nem por isso não menos intencionais, como o plano de urbanização, os cemitérios, as praças.

É com o advento da República que ocorre a separação Igreja-Estado, o que vai representar a *pá de cal* nas intenções das irmandades na manutenção do monopólio dos sepultamentos *ad sanctos* e propiciar a criação dos cemitérios extramuros. É nesta transição que podemos perceber que as representações da morte, que sempre foram muito presentes no cotidiano dos cidadãos até o século XIX, começam a perder espaço para as representações de vida.

O enfraquecimento dos rituais, a perda de carga simbólica, a criação de novos modelos de comportamento baseados no racionalismo científico, a nova estrutura econômica e social ditada pelo enriquecimento gerado nas lavouras de café, a mecanização, as estradas de ferro, o novo patamar de velocidade com que tudo se organiza e desorganiza, apontam uma nova direção, onde a morte perde o seu lugar estruturante da sociedade e a vida começa a surgir nos interstícios, representada pela modernidade, pela globalização, pela velocidade e pelo culto ao belo e organizado.

É curioso destacar aqui, por exemplo, a mudança que ocorreu na sociedade em relação ao Dia de Finados.

Em 1989, o noticiário do jornal "Província de São Paulo", na página 3, em 2 de novembro, destaca a celebrações do Dia dos Mortos:

FINADOS

De todas as ceremonias do culto catholico, é a de finados a que mais se impõe ao espirito publico, porque se basea na veneração natural que inspiram os mortos ao animo de todos.

No fundo de todos os corações ha sempre, latente ou manifesta, a sombra de uma lembrança, dos que se foram. E' por isso que todos os annos, no dia marcado pela egreja, quasi

A romaria de hontem, nesta capital, foi das mais concorridas a que temos assistido. Em todo o percurso da rua da Consolação até o cemiterio cruzavam-se desde cedo, carros que iam e carros que voltavam, bonds apinhados de povo; e a pé, pelas calçadas lateraes, pelo meio da rua, uma multidão desfilava em grupos compactos, ladeira acima, numa fita muito extensa em que predominava o luto dos vestuarios, entrecortado pelo amarello das sempre-vivas, e o roxo escuro das saudades.

Já em 1972, como reflexo de uma mudança de comportamento que começa a se estruturar neste período, o "Estado de S. Paulo" vai trazer no Dia

2 de novembro, na página 21, a morte como segundo plano, destacando que as homenagens em sua maioria são das mulheres mais velhas:

NO ARAÇA'

A visita na véspera é o motivo de quem quer evitar o movimento, ou aproveitar os feriados para uma viagem. No Araçá, o mais movimentado cemitério da cidade, o transito ficou dificil e o estacionamento era intensamente disputado já no dia de ontem. Os cestos cheios de lixo, os guardas e os pedintes que se acomodaram na entrada principal, nem sequer notaram a velhinha que entrou com passo dificil e três copos de leite na mão. Como ela, a maioria das pessoas que frequentaram os cemitérios era mulher e de idade. Nas alamedas, as conversas giravam em torno dos tumulos, do calor, dos novos tipos de cemitérios que estão sendo construidos.

2. 1 O afastamento das mazelas humanas

O aumento da população, o crescimento da cidade, a proibição dos sepultamentos nas igrejas, o ideal sanitário, todos contribuíram para a criação dos cemitérios. A necessidade de manter uma distância segura dos mortos obrigou a cidade de São Paulo a construir cemitérios cada vez mais distantes do seu centro –o famoso Triângulo– delimitado em seus vértices pelo mosteiro de São Bento e pelos Conventos de São Francisco e do Carmo. Como já foi citado, os cemitérios que começavam a ser construídos neste período não eram mais colocados em pontos altos da cidade, ocupando esses lugares os reservatórios de distribuição de água, entre outras obras.

Como ponto de partida neste trabalho, vamos assumir a relação entre os novos cemitérios e o Triângulo de São Paulo como referência para o crescimento da cidade. Isso não significa que as transformações em São Paulo foram um processo isolado. Podemos perceber o mesmo mecanismo no Rio de Janeiro: a criação de um centro da cidade destinado a se tornar sadio, ordeiro, asseado e burguês, e uma periferia insalubre para onde seriam transferidas as doenças, endemias, os humildes, loucos, desvalidos. É, geralmente, na

periferia das cidades que a partir de então são cirados sanatórios, hospitais, presídios e cemitérios.

> Nesse período seriam reformadas, modernizadas e ampliadas as instalações presidiárias, penitenciárias, os manicômios e hospitais públicos. São grades que se somam às dos parques e jardins urbanos e que se destinam ao mesmo fim: conter, isolar, segregar, excluir [...] essa separação ética dos corpos, corpos rebeldes, corpos doentes, corpos sãos, preconizava e era simétrica a uma nova divisão geográfica da cidade. (SEVCENKO, 2010, p. 92-108).

Essa mesma divisão geográfica será percebida dentro do cemitério, entre a ala dos jazigos perpétuos, as áreas de concessão, quadra geral e o cruzeiro das almas (REZENDE, 2006). Sendo a primeira das famílias que compravam terrenos nos cemitérios, a segunda concessões temporárias e a terceira era apenas terrenos comunitários destinados a quem não tinha jaziguos. O cruzeiro das almas era o espaço de homenagens aos mortos, onde se acendiam velas aos que não possuíam sepultamentos. Ou seja, o final do século XIX, corresponde ao momento em que se estabelecem claramente as novas regras envolvendo as representações fúnebres, apoiadas sobre a base material e permanente dos túmulos individuais. (CYMBALISTA, 2002, p. 21-22).

Se, como vimos no capítulo anterior, a morte perdeu sua potência simbólica de exibição de poder e riqueza, a pompa e a manutenção dessa potência vai se revelar na monumentalidade dos jazigos de quem os comprava.

É interessante destacar que já existiam resoluções anteriores que determinavam que os sepultamentos não fossem mais feitos no interior das igrejas, tanto que os cemitérios da Consolação e do Araçá foram criados no período imperial, mas foi durante a Primeira República –que instala uma nova mentalidade– que a criação dos cemitérios encontrou condições de se fortalecer como parte de um projeto urbanístico.

O projeto urbanístico apresenta uma intencionalidade funcional e simbólica e, muitas vezes, é difícil perceber como essas transformações se dão

ao longo do tempo. O Triângulo, por exemplo, que durante muito tempo foi referência da cidade São Paulo, atualmente é desconhecido da maioria dos cidadãos. A descaracterização arquitetônica pela qual passou a capital pode ser uma das responsáveis pelo apagamento de sua representação para a cidade e para os cidadãos.

Para ilustrar essa relação entre imaginário e urbanização, vamos analisar algumas características urbanísticas, como a mudança de nome dos logradouros, a criação dos asilos, açougues e cemitérios. Fotores que foram influenciando, inclusive, esse apagamento das representações que espaços, antes importantes, passam a sofrer.

O Triângulo de São Paulo, delimitado em seus vértices pelo mosteiro de São Bento, construído em 1598 para a morada do chefe Tebyriçá, pela Igreja e Convento do Carmo (1594) e pela Igreja de São Francisco (1647), ainda resistem como marcos do triângulo, que foi até a metade do século XIX, sem grandes mudanças, o mesmo dos tempos coloniais.

Igreja e Convento do Carmo. Foto de Militão de Azevedo, arquivo do Iphan

Vista do Largo de São Francisco, em 1862. À esquerda, o antigo convento, a direita, as Igrejas de São Francisco e da Ordem Terceira dos Franciscanos. Foto de Militão Augusto de Azevedo

Vista em direção ao Largo São Francisco. Foto de Militão de Azevedo

Igreja de São Bento - Foto de Militão de Azevedo 1860

A primeira nomenclatura das ruas do povoamento de São Paulo foi dada pelo sistema da direção e do movimento, por exemplo, Caminho do Virapoeira (atual Ibirapuera), Caminho do Mar.

No século XVII, as ruas eram mencionadas pelos seus moradores ou pela proximidade de alguma igreja, como, por exemplo, rua Direita de São Bento, “beco da Casa Santa”, pois os franciscanos mantinham ali uma casa de caridade para distribuição de alimentos. São dessa época também as ruas do “Jogo de Bola”, de “São Gonçalo” e da “Esperança”. É interessante associar a cidade ao seu cotidiano e aos moradores, atividades desenvolvidas ou proximidade com lugares importantes, como as igrejas, largos e bicas de água. Permanecem até os dias atuais a Rua da Boa Vista e a Ladeira Porto Geral.

Através de edital de 1741 exigia-se que os moradores da cidade limpassem e carpissem as testadas e calçassem com pedra ou tijolo. Nesse tempo era a topografia que determinava o arruamento, que se tornava irregular, estreito e tortuoso.

Em 1809 foi instituída uma nomenclatura oficial para as ruas e números para as casas. Algumas ruas atuais podem nos dar a dimensão do imaginário construído através da mudança dos nomes que tiveram.

Nos primórdios, as ruas recebiam seus nomes em função do sentido e direção, pois eram realmente caminhos de uma cidade restrita. Com o crescimento da cidade e o aumento das ruas, elas passam a receber a denominação de uma referência local, como o morador conhecido: Beco do Barba, rua da Freira e rua dos Estudantes; do seu uso: como o Largo da Forca, rua do Jogo de Bola, rua do Comércio; ou ainda da proximidade de alguma igreja ou marco da cidade, como por exemplo, rua São Bento, rua do Quartel, largo de São Francisco. Sendo assim, analisar essas mudanças pode ser um indicativo da relação dos nomes com o imaginário da cidade.

A rua Quinze de Novembro, data de Proclamação da República, antes se chamava rua da Imperatriz (1881), por conta de uma visita da família imperial em 1846, que tomou o nome da rua do Rosário (1810) devido à proximidade desta igreja. O nome anterior era Manoel Paes Linhares, um bandeirante que ali residia no século XVII.

A atual rua Benjamin Constant, que era Rua da Princesa no mapa de 1881, em 1810 era a rua do Jogo de Bola.

A rua Marechal Deodoro em 1895, era rua do Imperador em 1881 e rua de São Gonçalo em 1810.

A praça da República já foi a praça 7 de abril, largo dos Curros e Praça dos milicianos.

A mudança do nome dos logradouros acaba por representar, de uma forma indireta, a relação que os cidadãos desenvolvem ao manter, aceitar ou rejeitar novos nomes aos lugares que fazem parte do seu cotidiano. Como dito anteriormente, a cidade crescia e novos serviços precisavam ser criados e melhorados.

Com relação ao matadouro, vamos descrever brevemente como se deu o deslocamento do centro para a periferia. No século XVII, contíguo à Igreja de São Francisco existia a rua Verde, pois a carne fresca era chamada de “verde” e era o local do matadouro (atual rua Santo Amaro). O Açougue foi transferido para o casarão do largo de São Gonçalo em 1788 e de lá para a rua do Jogo de Bola. Em 1852 é inaugurado o novo matadouro, próximo à rua Humaitá, e o

córrego Anhangabaú passa a ser chamado “Ribeirão da Limpeza” no trecho contíguo ao matadouro. Em 1879, é inaugurado o novo matadouro municipal, na Vila Mariana, atual Cinemateca.

Assim, podemos perceber que o matadouro como local a ser evitado foi progressivamente afastado do centro histórico _se hoje, a Cinemateca está dentro da cidade, naquela épouca era um local distante. Atualmente os açougues perderam espaço para os mercados e alguns poucos remanescentes ainda sobrevivem na cidade. A exibição de partes inteiras de um boi ou de um porco vão perdendo espaço para cortes cada vez mais limpos. Bandejas plásticas, embalagens a vácuo, etiquetas, todos esses recursos afastam o animal do consumidor

São reflexos de uma preocupação que passa a existir no período com a saúde, a higiene e a pesquisa médica e científica. Paralelamente a essas medidas, a cidade de São Paulo também ganhava novas construções voltadas à ciência e à cultura: Instituto Bacteriológico foi construído em 1894, por Teodoro Sampaio (hoje é o Instituto Adolfo Lutz); o Museu Paulista é inaugurado em 7 de setembro de 1895; o Instituto Serumterápico é instalado por Emílio Ribas, em 1899, no bairro do Butantã; Instituto Pasteur é criado em 1903. Além disso, em 1892 é encampada a companhia Cantareira de Água e Esgotos, e no ano seguinte foi criada a Repartição de Águas e Esgotos que em 1903 se transforma na RAE – Repartição de Águas e Esgotos. Todos esses serviços apontavam uma preocupação crescente com a qualidade de vida e a manutenção da saúde dos paulistanos.

Ao mesmo tempo, na então periferia da cidade, é instalado por volta de 1880 o Hospital de Isolamento para os escravos variolosos no Pacaembu, onde atualmente é o Instituto Emílio Ribas. Os mortos decorrentes da varíola deveriam ser sepultados no cemitérios da Freguesia do Ó e não dentro das igrejas ou dentro da cidade. O Hospital de Isolamento com o Desinfectório Central cuidavam dos casos de doenças infecciosas.

Em 1877 Joaquim Floriano Wanderley compra as terras conhecidas como Pacaembu de cima e, na casa existente, passa a funcionar o Asylo Wanderley. Em 1896, o terreno é deixado de herança para a Santa Casa de Misericórdia e passa a abrigar o Asilo Sampaio Viana que recebia crianças abandonadas da Roda dos Expostos da Santa Casa de Misericórdia, onde

recebiam cuidados e educação. Até os 3 anos as crianças eram mantidas na seção das lactentes no hospital central da Santa Casa.

Os alienados também deviam ser afastados, classificados e tratados. Para isso, é instalado na rua São João, em 1852, o Hospício Provisório de Alienados, que será transferido para uma chácara provincial na Ladeira da Tabatinguera, em 1864. Devido às condições precárias, é construído o Hospital Colônia de Juquery que mesmo incompleto é inaugurado em 1898 e em 1903 termina a transferência dos internos da Tabatinguera. (ODA, 2005)

Várias hospedarias funcionaram em São Paulo entre 1875 e 1887, sendo responsáveis por receber o imigrantes, alojá-los, alimentá-los e encaminhá-los aos serviços nas fazendas, funcionando como um entreposto entre a chegada e o destino dos imigrantes. Atualmente na hospedaria dos imigrantes funciona o Museu da Imigração. (UDAETA, 2010)

Outro motivo de preocupação era o lixo que era descartado em grandes covas, como no buraco fronteiriço ao Convento das Carmelitas, ou no caminho que ia para o Tamanduateí, no córrego que levava para Santo Amaro e na ladeira que dava para a ladeira do Açu, sempre nos limites da cidade.

A preocupação e a ocupação do poder público com relação à higiene consistia em impedir o trânsito das pessoas, esquadrinhar e vigiar o espaço urbano, registrar as principais ocorrências, inspecionar os vivos e os mortos e a desinfecção. Medidas que darão origem à medicina urbana, que tinha prioritariamente três objetivos:

1. Analisar os lugares de acúmulo e amontoamento de tudo que, no espaço urbano, pode provocar doenças, lugares de formação e difusão de fenômenos epidêmicos ou endêmicos. Espaços de amontoamento, de confusão e de perigo no espaço urbano.
2. Controlar a circulação, não só dos indivíduos, mas da água e do ar, fazer com que seja sadio, que possa circular livremente.
3. A posição das fontes e esgotos como lugares de coleta e despejo de dejetos de modo a impedir que a água coletada para consumo esteja contaminada pelo esgoto.

Como podemos perceber, todos esses aspectos foram contemplados pelo processo de urbanização da cidade de São Paulo durante o período estudado.

2.2 A construção dos cemitérios

Devemos destacar que as construção dos cemitérios fora do centro não é inaugurada na Primeira República. Ainda no século XVII, em 1775, é criado o cemitério dos Aflitos. Anexo a uma capela, junto à praça da Forca, bem próximo ao Triângulo, ficava entre as atuais ruas da Glória e Galvão Bueno e servia àqueles que não podiam ser sepultados nas igrejas –ou seja, pessoas que não pertenciam a nenhuma irmandade, escravos, hereges, prostitutas e criminosos, inclusive os que eram executados na forca (atual praça da Liberdade). Em 1851, também são inaugurados os cemitérios dos Alemães e Protestantes, no Campo da Luz. Esses dois espaços, no entanto, são espaços de excessão aos mortos que não poderiam ser abrigados dentro das igrejas.

O primeiro cemitério municipal, construído sob a cultura de asfatar os mortos dos vivos, tirando-os do centro da cidade, é o da Consolação, erguido em 1858. É quando podemos perceber toda uma atmosfera voltada à civilidade com a adoção dos padrões americanos e europeus de desenvolvimento, de higiene, com a criação de um centro moderno e de uma periferia que afasta do olhar e da convivência, os alienados, os doentes, os enjeitados e os mortos.

São Paulo viu, da noite para o dia, uma cidade ser desmontada e outra cidade renascer a uma velocidade incrível. Estes serão os elementos determinantes do imaginário deste período, vida, morte e velocidade. Esta época de transição foi sobretudo marcada pelo imaginário da morte como algo ruim, e que o velho devia dar lugar ao novo e ao moderno.

Sendo assim, no crescimento da cidade, os mortos sempre acabaram por desbravar o terreno para os vivos, através da criação dos cemitérios, que, segundo os preceitos higienistas, deveriam ficar afastado dos centros urbanos. A ironia aqui é que o crescimento desenfreado da cidade acabou sempre por envolver o cemitério novamente.

Como forma de observarmos esse fenômeno, vamos analisar os mapas da cidade de 1810 a 1924. Apesar de o período estudado compreender de 1889 a 1930, mostra-se importante essa visualização anterior para a compreensão da relação entre o crescimento da cidade e os cemitérios.

Paralelamente à pesquisa dos mapas antigos, iremos percorrer os mesmos caminhos agora com uma ferramenta digital, o Google Earth, que nos dará a dimensão atual da relação que esses mesmos cemitérios mantêm com a cidade. A opção deste trabalho foi pelo cotejamento entre os mapas antigos e modernos.

Para termos as dimensões: o Triângulo possui um perímetro de 2.200 metros e uma área de 224.200m^2, ou 22,4 hectares, um pouco mais do que 50 campos de futebol. Este foi o tamanho de São Paulo até o começo do século XIX. E, apesar do crescimento exponencial da cidade na entrada do século XX, o Triângulo se manteve como referência da cidade. Todas as transformações internas não alteraram os seus limites.

Foi apenas em 1934 que o Marco Zero de São Paulo –na praça da Sé– foi inaugurado, servindo como nova referência de distâncias e direções da cidade e do estado. Neste trabalho, apesar de o foco ser o Triângulo e o marco zero estar fora de seu perímetro, assumiremos o Marco Zero como referência para as distâncias dos cemitérios.

A seguir, imagens atuais dos três pontos que delimitam o Triângulo:

Igreja e Mosteiro São Bento/ Igreja de São Francisco/ Igreja e Convento do Carmo (fotos do autor)

Como dito anteriormente, apesar de já existirem cemitérios na cidade de São Paulo, como o Cemitério dos Alemães e do Protestantes e o dos Aflitos, vamos tomar como referência nessa pesquisa os cemitérios considerados como os sepultamentos *ad sanctos*, ou seja, feitos no interior das igrejas.

São Paulo foi criada entre os rios Tamanduateí e Anhangabau, em um planalto que oferecia proteção contra ataques inimigos. Esta condição geográfica que favorecia a proteção, em contrapartida oferecia resistência à expansão da cidade. Podemos perceber que vencer os vales e as várzeas foi de suma importância para o crescimento, que se deu em ritmo lento até o início do século XX, quando a cidade experimentou um crescimento nunca antes igualado na sua história.

O primeiro cemitério municipal criado em São Paulo foi inaugurado em 1858, na rua da Consolação, com uma área de 76.340 m^2, equivalente a um terço da área do Triângulo. Ele distava do centro 2,25 km, distância essa que o colocava fora dos limites da cidade, garantindo a salubridade aos seus moradores. Passados 29 anos, é inaugurado o cemitério do Araçá, distando 3,77km do centro. Esses dois cemitérios juntos já eram maior em área do que o Triângulo.

Passados seis anos, é inaugurado o cemitério do Brás, também chamado de Quarta Parada, com uma área de 182.860 m^2 e apontava na região leste da cidade, distando 5,25 km do centro.

Em 1896, são inaugurados dois cemitérios: o primeiro na região norte é inaugurado em 1896, em Santana, distando 6,06 km do centro; o segundo na região leste da cidade, no bairro da Penha, distando 9,96 km .

Na Freguesia do Ó, distando 8,62 km, é inaugurado o cemitério em 1901. Em 1904, novamente são inaugurados dois cemitérios, um no extremo leste da cidade, em Guaianazes, distando 24,38 km, e outro na região mais ao sul da cidade, na Vila Mariana distando 3,36km.

Em 1918 é inaugurado na Lapa, distando 9,08 km, o cemitério das Goiabeiras. Em 1926, atendendo à demanda da elite paulistana, é criado o cemitério de São Paulo, no bairro de Pinheiros, distando 5,28 km. Este cemitério chama a atenção pelo disposição dos jazigos, que rompe com o desenho reticulado ortogonal e segue o padrão radial. Isto talvez se deva ao surgimento dos padrões City de loteamentos que foram responsáveis pela

urbanização da City Lapa, Jardim América, City Pacaembu que seguiam o plano proposto por J. Bouvard e realizado pelos arquitetos Barry Parker e Raymond Unwin. (SEGAWA, 2004, p. 110-111). Como mostra a imagem do Google Earth, de 2015:

E, por fim, em 1929, na região leste da cidade, é inaugurado o cemitério de Itaquera, distando 18,51 km. Podemos perceber acompanhando a cronologia e as distâncias de criação dos cemitérios o desenvolvimento da cidade no seu eixo leste-oeste.

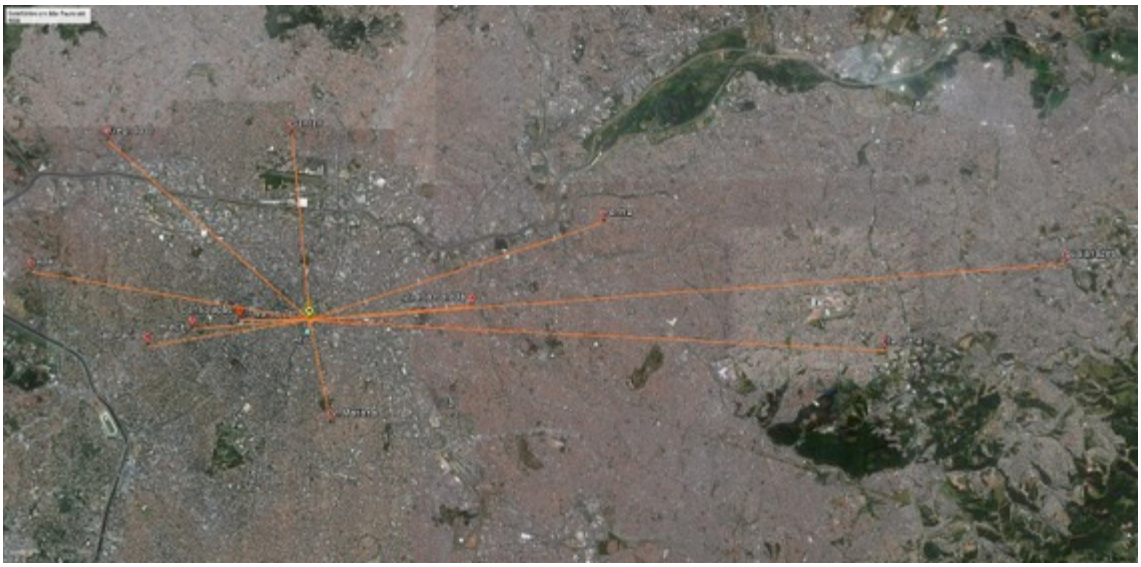
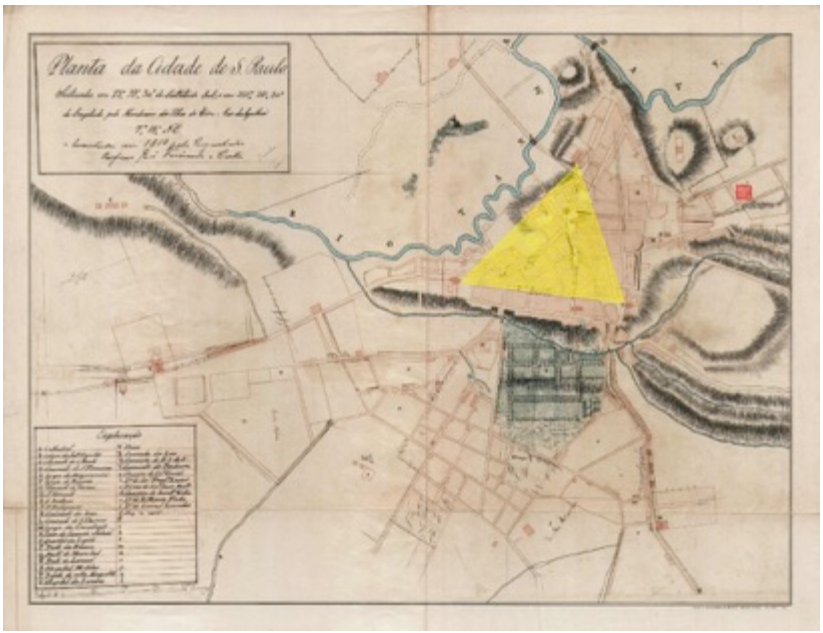


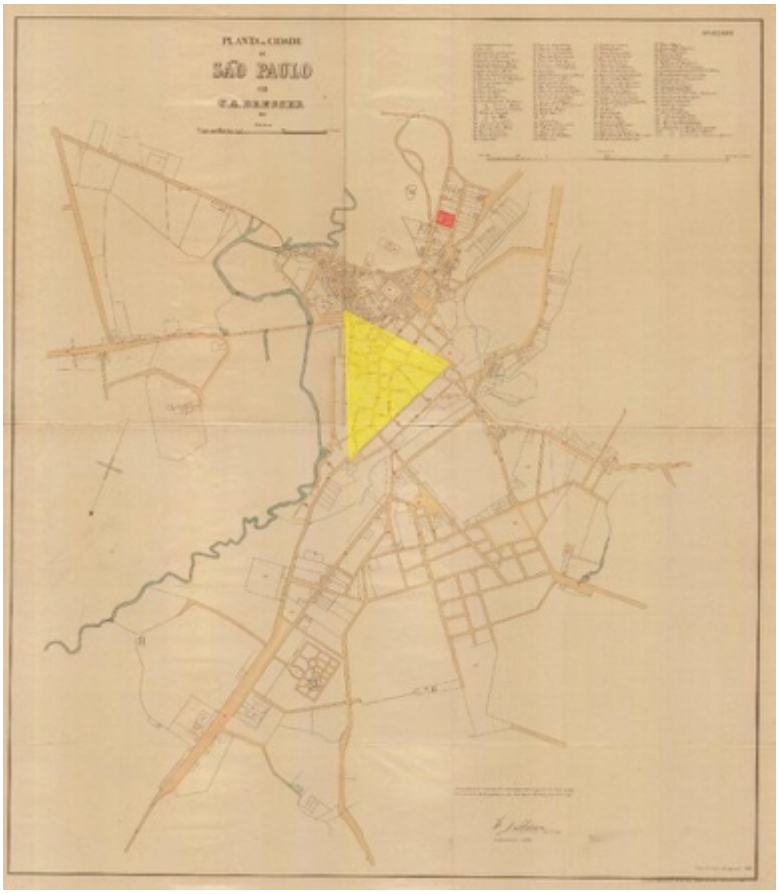
Imagem do Google Earth com a localização dos cemitérios, em 2015

Cemitério	**Inauguração**	**Distância do Marco Zero (em km)**
Aflitos	1775	0,55
Consolação	10/07/1858	2,26
Araçá	04/06/1887	3,77
Quarta Parada	06/01/1893	5,24
Santana	1896	6,06
Penha	10/04/1896	9,96
Freguesia do Ó	01/01/1901	8,62
Guaianazes (Lageado)	12/10/1904)	24,38
Vila Mariana (Redondo)	17/11/1904	3,36
Lapa	01/01/1918	9,08
Pinheiros (São Paulo)	16/01/1926	5,28
Itaquera	19/09/1929	18,51

A observação dos mapas abaixo, vai nos mostrar como a cidade foi crescendo e como os cemitérios foram sendo integrados a esse desenvolvimento:



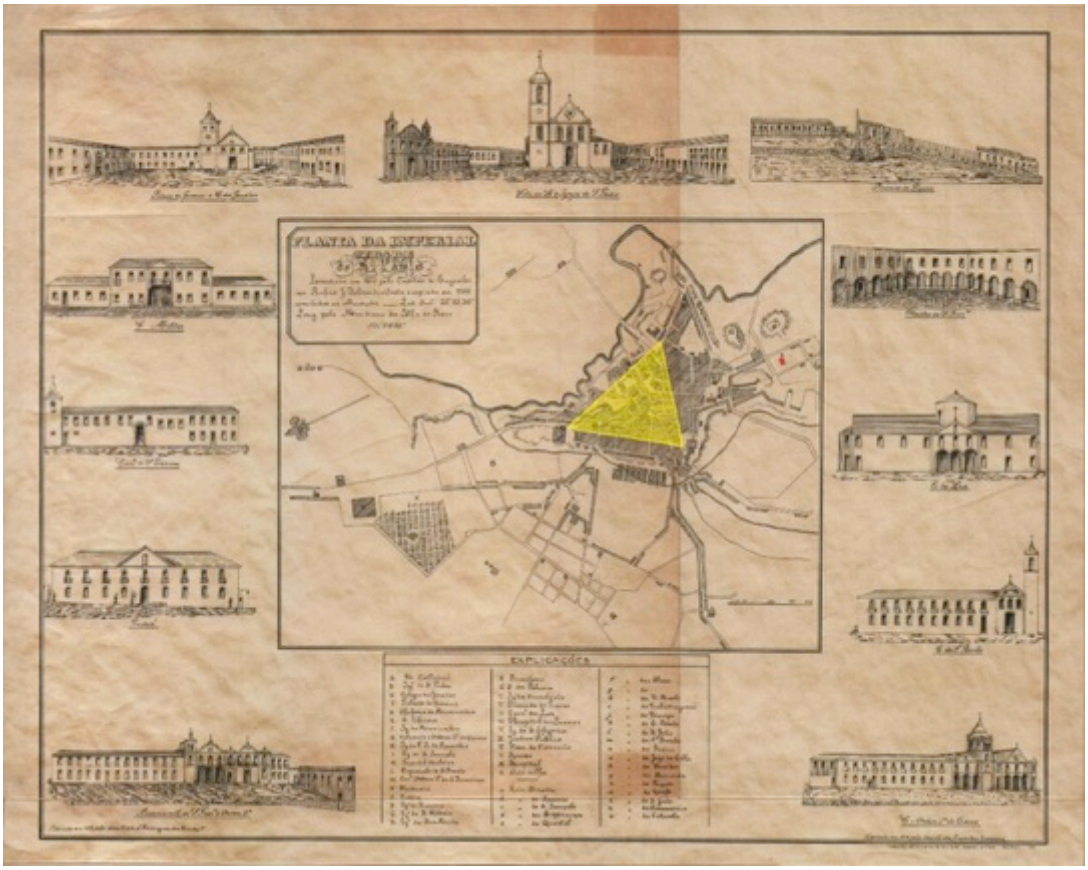
Planta da cidade de São Paulo de 1810, elaborada pelo engenheiro Rufino



Planta da cidade de São Paulo de 1841, por C.A. Bresser

O Triângulo está destacado em amarelo, e o cemitério dos Aflitos é mostrado próximo à praça dos Enforcados. Entre um mapa e outro, o cemitério (o ponto vermelho à direita), apresenta uma variação de tamanho, não se precisando qual o motivo.

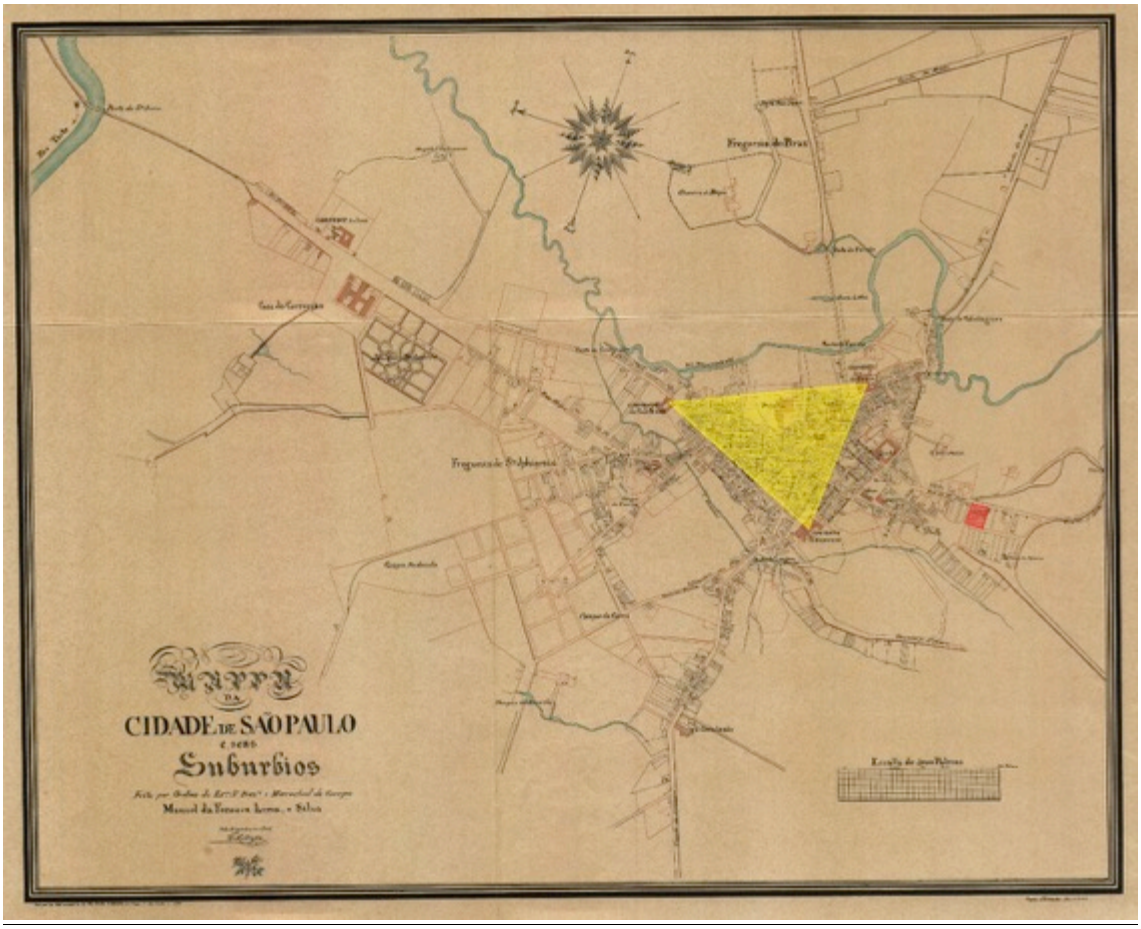
Em 1841, a cidade ia abandonando suas feições coloniais e os novos prédios que surgiam apontavam para as tendências europeias do neoclássico, como é possível no mapa abaixo. O Jardim da Luz (1825) já aparece com arruamento. No caminho dos Pinheiros, podemos perceber a Igreja da Consolação (T).



Planta de 1841 copiada e amplida a partir da planta de 1810, de Rufino

Ainda em 1841, a Planta da Cidade de São Paulo de C. A. Bresser traz como novidade o cemitério dos Aflitos com sua parte posterior indicando uma divisão do terreno. O Jardim Botânico apresenta um projeto urbanístico. São indicados os caminhos que partem em direção à Santo Amaro, Sorocaba, Caminho para a Mooca, Caminho para a Penha, Caminho para Santos. O Hospital dos Lázaros (76), apesar de constar na legenda não aparece na planta da cidade. No caminho para Santo Amaro aparece o Açougue (34).

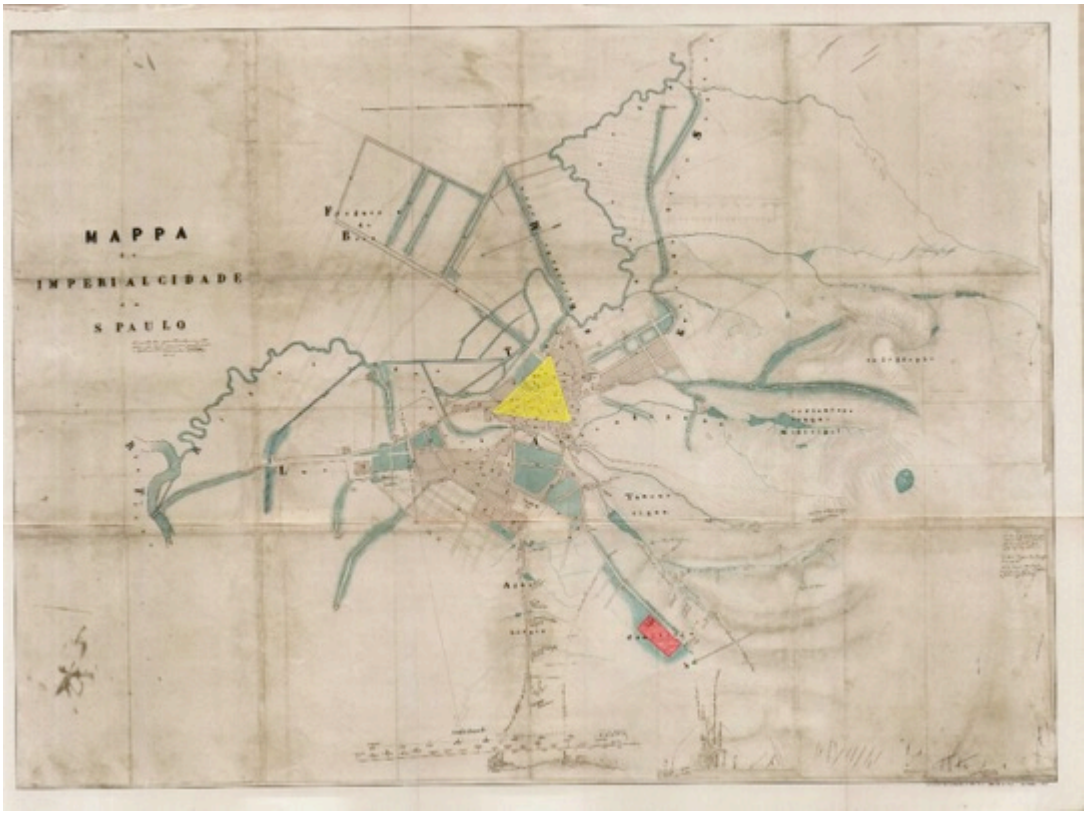
O mapa a seguir, de 1847, mostra que cidade já apresenta seus subúrbios, como o crescimento em direção ao Brás e ao Vale do Anhangabau. O cemitério dos Aflitos e o Hospital dos Lázaros continuam como referência.



Mapa da cidade de São Paulo, de 1847

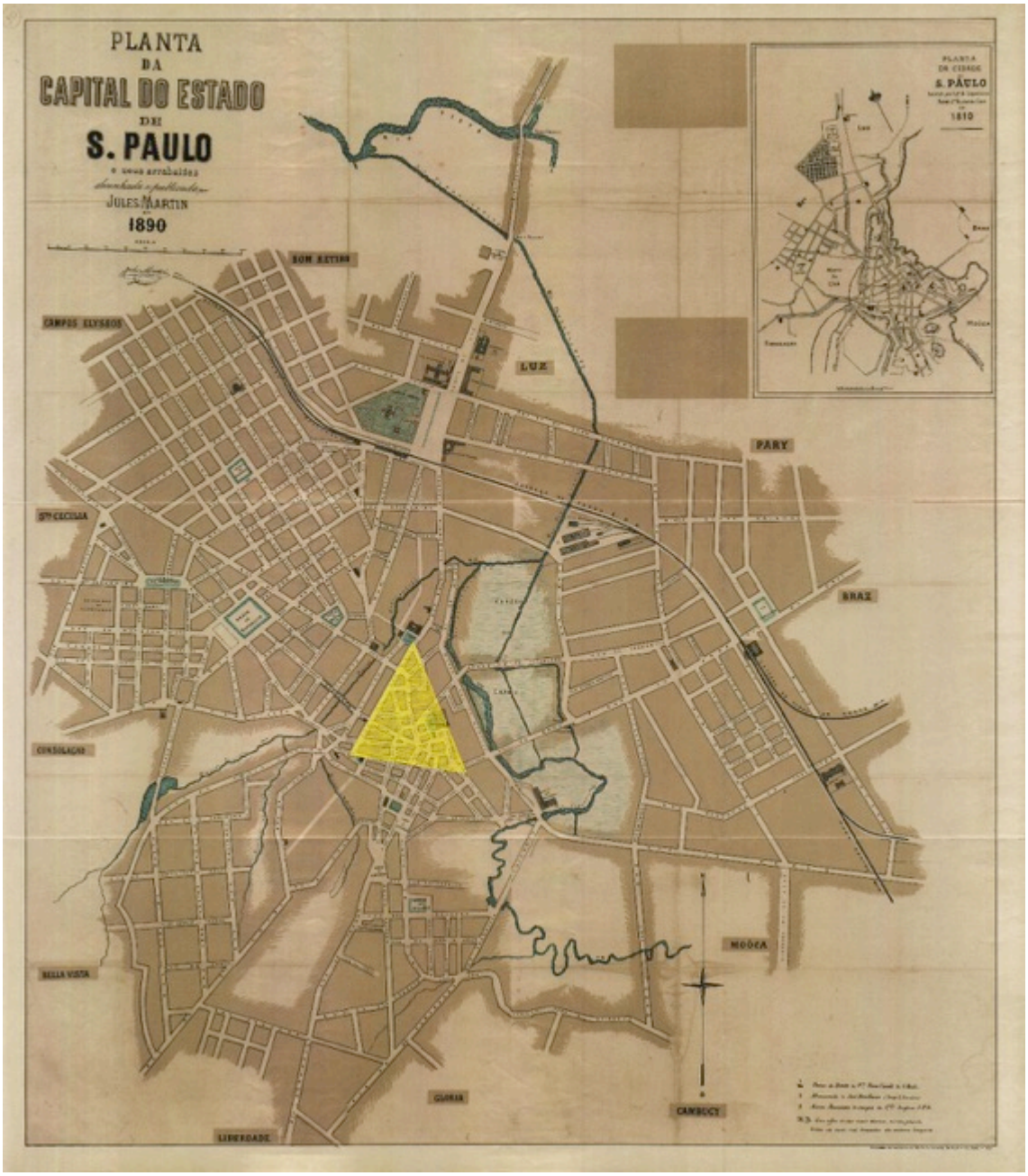
Em 1855 (mapa abaixo), é interessante notar que, o cemitério da Consolação, que só seria inaugurado em 1858, já aparece em sua localização distando 1560m e 71,58 de altitude.

O mapa chama atenção ainda para os diversos cursos de água na cidade, indicando inclusive a qualidade de suas águas, como, por exemplo, água de cor clara, água de boa qualidade.



Mapa da cidade de São Paulo, de 1855

Em 1890, entramos no período em estudo e podemos perceber que a cidade cresceu muito em relação ao Triângulo. O mapa abaixo, de Jules Martin, já indica a saída para os pricipais bairros que se ligam ao centro e seus caminhos. Não existe neste mapa nenhuma indicação dos cemitérios já inaugurados no período: Consolação (1858) e Araçá (1887), mas podemos perceber a nova localização da Santa Casa de Misericórdia e a Criação da Hospedaria dos Imigrantes e a mudança de nome de vários logradouros.



Mapa da cidade de São Paulo, de 1890, de Jules Martin

Se no mapa de 1890 já percebemos que a cidade expandiu em relação ao Triângulo, vamos perceber que o crescimento da cidade que vinha em um ritmo lento apresenta um ritmo vertiginoso de 1890 a 1900. São Paulo experimentou neste período um crescimento nunca igualado em sua história. A população cresceu de 64.934 para 239.820.

População nos Anos de Levantamento Censitário
Município e Região Metropolitana de São Paulo, Estado de São Paulo e Brasil
1872 a 2010

Anos	Município de São Paulo		Região Metropolitana de SP		Estado de São Paulo		Brasil	
	População	Taxa de Crescimento (1)	População	Taxa de Crescimento (1)	População	Taxa de Crescimento (1)	População	Taxa de Crescimento (1)
1872	31.385		-		837.354		10.112.061	
		4,1		-		2,8		2,0
1890	64.934		-		1.384.753		14.333.915	
		14,0		-		5,1		1,9
1900	239.820		-		2.282.279		17.318.556	
		4,6		-		3,8		2,9
1920	579.033		-		4.592.188		30.635.605	

Fonte: IBGE, Censos Demográficos - Taxa de Crescimento Geométrico Anual

Este crescimento abrupto e gigantesco trouxe consequências para a metrópole, que precisava abrigar, alimentar e enterrar essas pessoas. Isto pode ajudar a compreender o fato de o Cemitério da Consolação (1858), e Araçá (1887) estarem tão próximos e o cemitério da Quarta Parada estar tão distante deles.

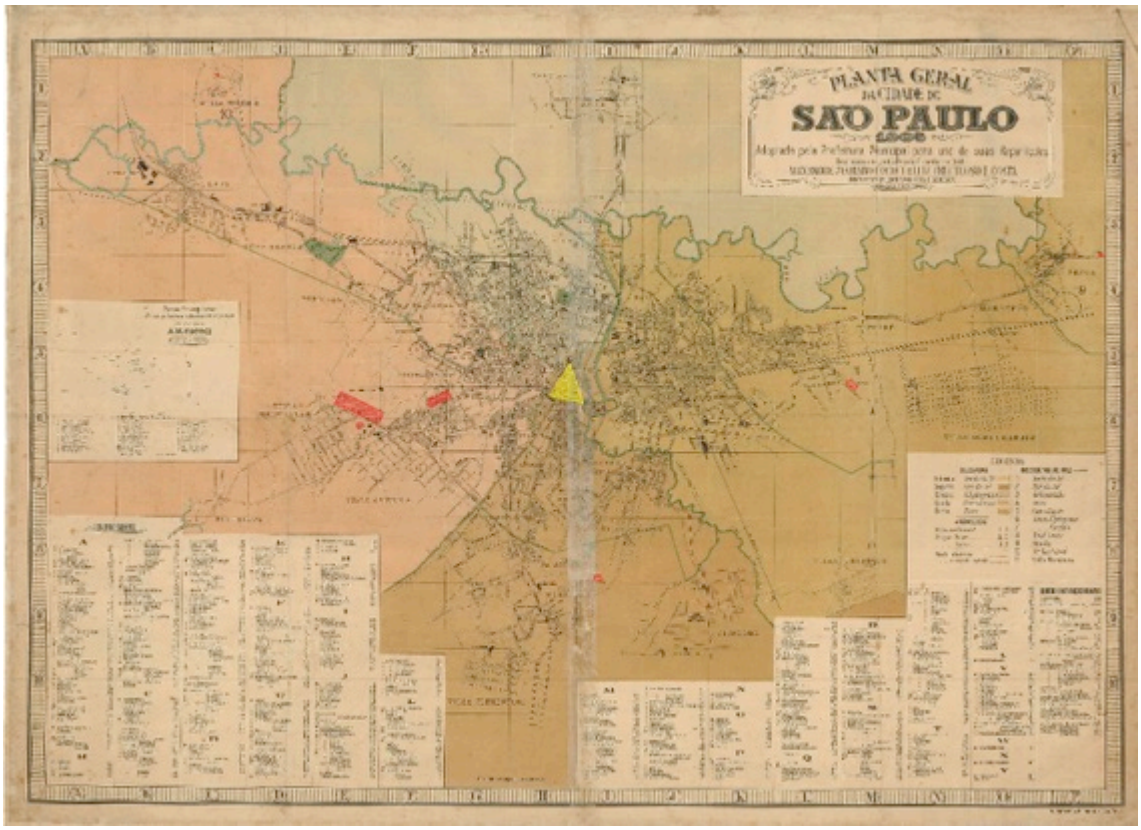
O cemitério da Consolação, por exemplo, que em sua inauguração estava fora dos domínios da cidade, em 1895 (mapa abaixo) já começa a dar sinais da sua integração à paisagem. O Observatório localiza-se próximo à ponte grande e o Hospício dos Alienados ainda na várzea, mas com o entorno se urbanizando. Os cemitérios do Araçá (1887) e o Quarta Parada (1893) não são indicados na planta da cidade. Podemos ver a Avenida Paulista inaugurada em 1891.

Mapa da cidade de São Paulo de 1895

Em 1905, São Paulo já contava com os cemitérios Consolação (1858), Araçá (1887), Quarta Parada (1893), Santana (1897), que não aparece no mapa da cidade daquele ano, e Vila Mariana (1904). A panta da cidade também já indicava o caminho para o cemitério de Guaianazes (1903) e o cemitério da Freguesia do Ó a ser inaugurado em 1908 já aparece.

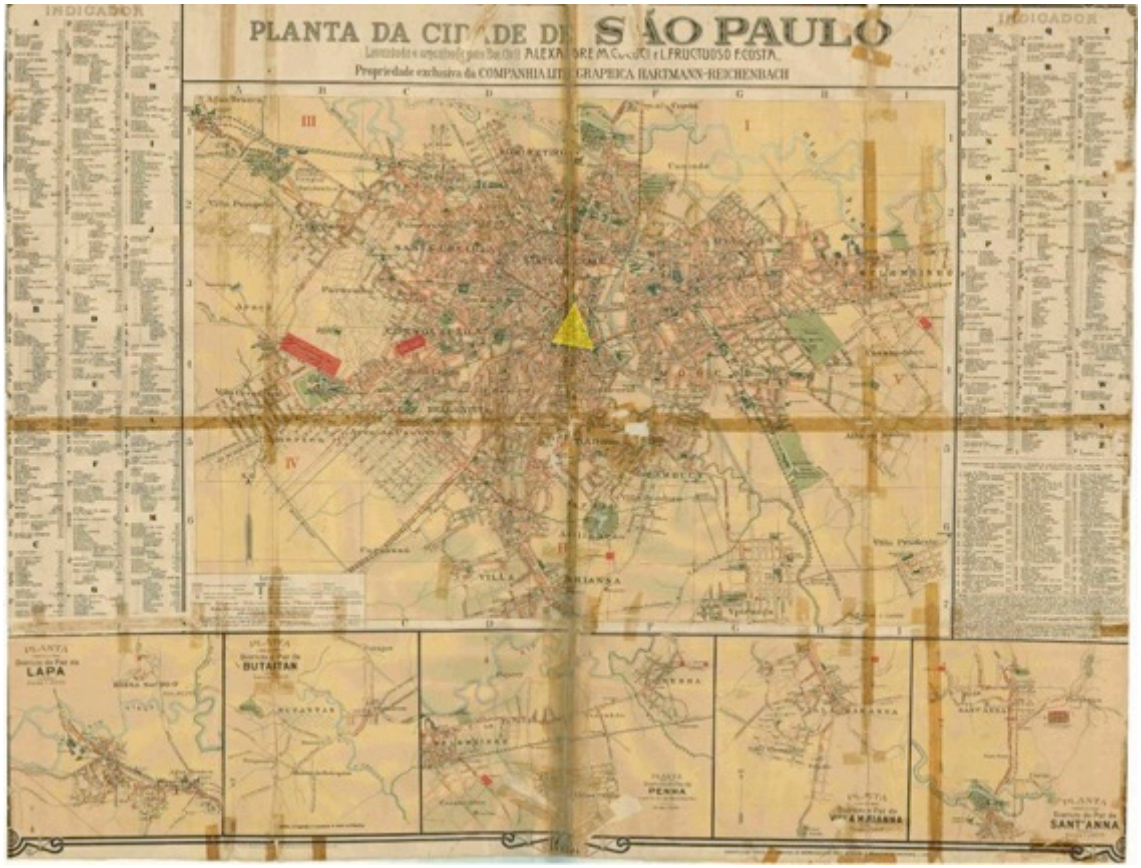
Vale ressaltar as diversas instituições voltadas à saúde, como o Hospital de Isolamento, a indicação para o Instituto Serum Therápico, Instituto Vacinogênico, a Imigração. Na periferia da cidade, é criado o Asylo Bom

Pastor, o Insituto Disciplinar nas margens do Tietê próximo ao Tatuapé, o Orfanato CHR Colombo e o matadouro onde é atualemente a Cinemateca na Vila Clementino. Os ideais higienistas e a necessidade de afastar os mortos dos vivos vai ficando cada vez mais claro na urbanização e expansão da cidade.



Planta da cidade de São Paulo, em 1905

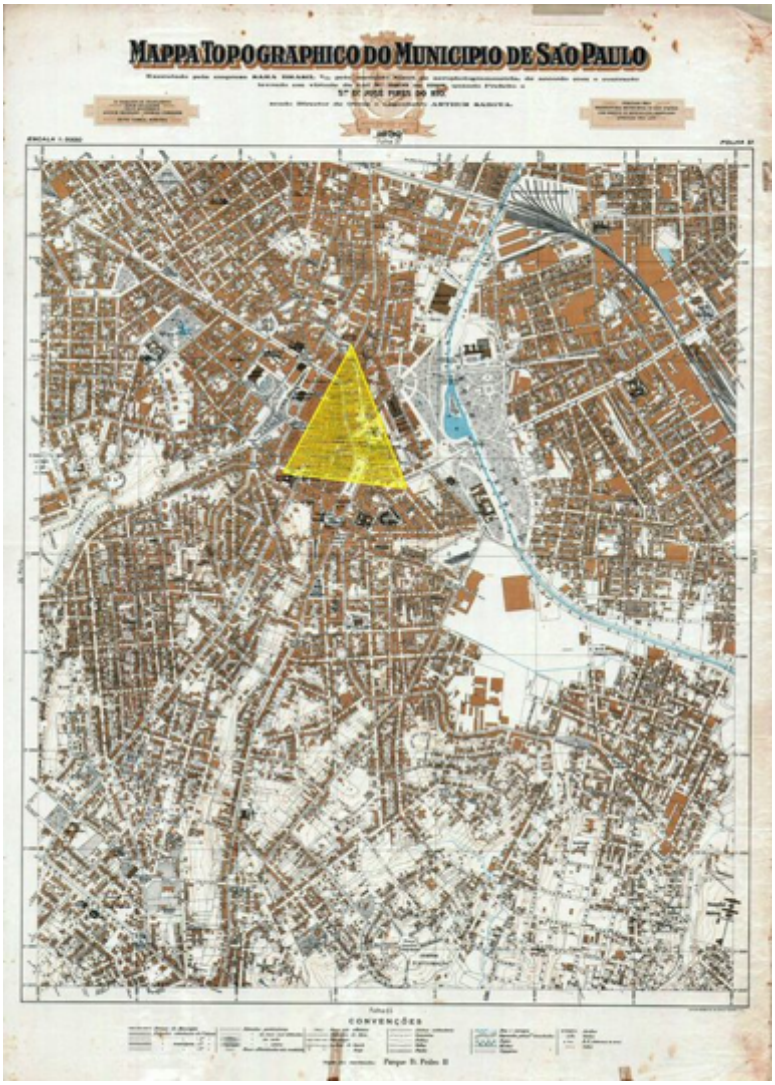
Destacamos aqui que em 1913, os cemitérios da Consolação e Araçá, outrora na periferia, já aparecem completamente envolvidos pela cidade. No rodapé da planta podemos perceber os outros distritos, com os cemitérios da Freguesia do Ó (1908), Penha (1910), Quarta Parada (1893), Guaianazes (1903), Santana (1897), Vila Mariana (1904). Pela primeira vez aparece o Asylo dos Expostos mantido pela Santa Casa de Misericórdia.



Planta da cidade de São Paulo de 1913, 1:15.000 de Alexandre M. Cococi e Fructuoso F. Costa

A planta de 1924, deveria trazer o cemitério da Lapa (1918), mas não há indicação da sua localização, também não menciona os cemitério da Freguesia do Ó, Santana e Guaianazes e Quarta Parada.

Já em 1930, o Triângulo já aparece diluído integrado à paisagem do centro da cidade:



Planta da cidade de São Paulo de 1930

O quadro abaixo traz um resumo dos cemitérios inaugurados no período e o tamanho que eles tinham:

Nome	Distrito ou bairro	Ano	Área ($m^{2)}$	Obs.
Cemitério da Consolação	Consolação	1858	76.340	Primeiro cemitério municipal
Cemitério do Araçá	Pinheiros e Pacaembu	1887	222.000	Maior cemitério criado no período
Cemitério da Quarta Parada	Quarta Parada	1893	182.860	Conehcido como "Cemitério do Brás"
Cemitério de Santana	Imirim	1896	38.485	Conhecido como "Cemitério do Chora Menino"
Cemitério da Penha	Penha	1896	16.880	Já existia no mapa antes de ser reconhecido

				oficialmente
Cemitério da Freguesia do Ó	Freguesia do Ó	1901	15.000	O menor Cemitério criado
Cemitério de Lajeado	Guaianases	1904	56.970	Conhecido como "Cemitério de Guaianases"
Cemitério de Vila Mariana	Vila Mariana	1904	73.699	Possui uma parte destinada ao Cemitério Israelita
Cemitério da Lapa	Lapa	1918	76.942	Anteriormente conhecido como "Cemitério da Goiabeira"
Cemitério São Paulo	Pinheiros	1926	104.000	Apresenta uma organização espacial única
Cemitério de Itaquera	Parque do Carmo	1929	115.572	Também conhecido como "Cemitério da Vila Carmosina"

Fonte: Serviço Funerário do Município de São Paulo http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/servicos/servico_funerario/historia/index.php?p=3563

2.3 Os cemitérios em 1930

O fato de os cemitérios estarem se afastando do centro de São Paulo, representado pelo Triângulo, através de inaugurações cada vez mais distantes, e sempre a cidade crescendo até fagocitar o cemitério, é representativa do distanciamento desejável da morte a da consequente urbanização crescente da cidade.

Outra denominação que o cemitério recebe é necrópole, do grego *cidade dos mortos.* O desejo de isolamento entre vivos e mortos é tão grande que os mortos ocupam uma cidade dentro da cidade, a necrópole dentro da metrópole (cidade mãe). Quando não há mais condição deste isolamento, ele passa a ser feito de outras maneiras. Os muros cada vez mais alto escondem os mortos da vista dos vivos.

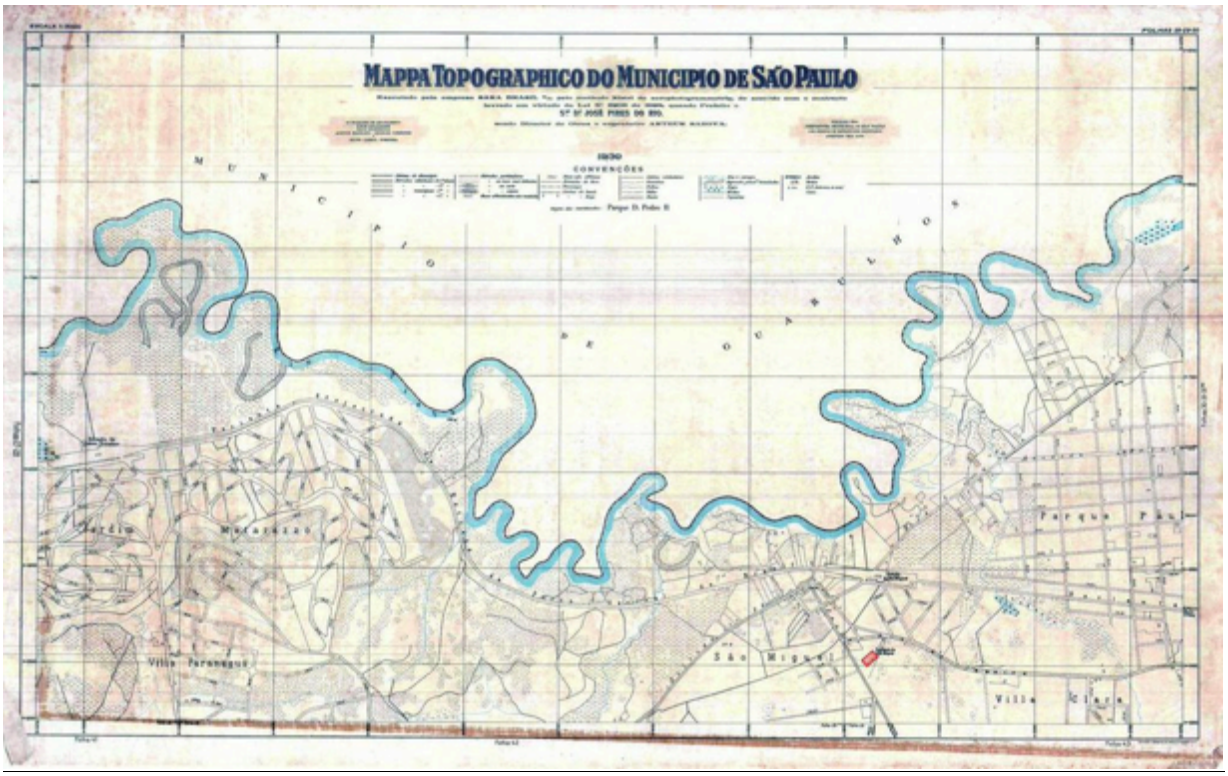
A seguir, apresento a localição dos cemitérios em 1930 e como eles foram “engolidos” pela cidade atual.

Cemitério Quarta Parada, no Brás, em planta de 1930

Cemitério da Quarta Parada, em imagem do Google Earth, em 2015

Cemitério de Santana, em planta de 1930

Cemitério Chora Menino em Santana, em imagem do Google Earth, em 2015

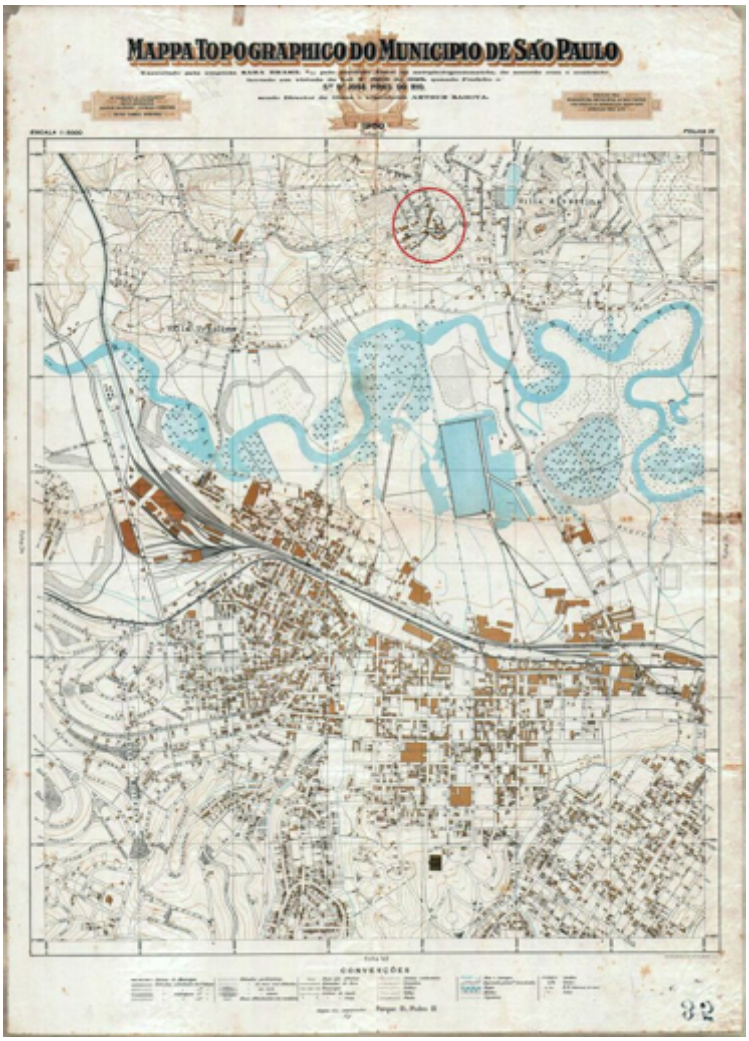


Cemitério Guaianazes, em planta de 1930

Cemitério de Guaianazes, em imagem do Google Earth, em 2015

Cemitério Vila Mariana, em planta de 1930

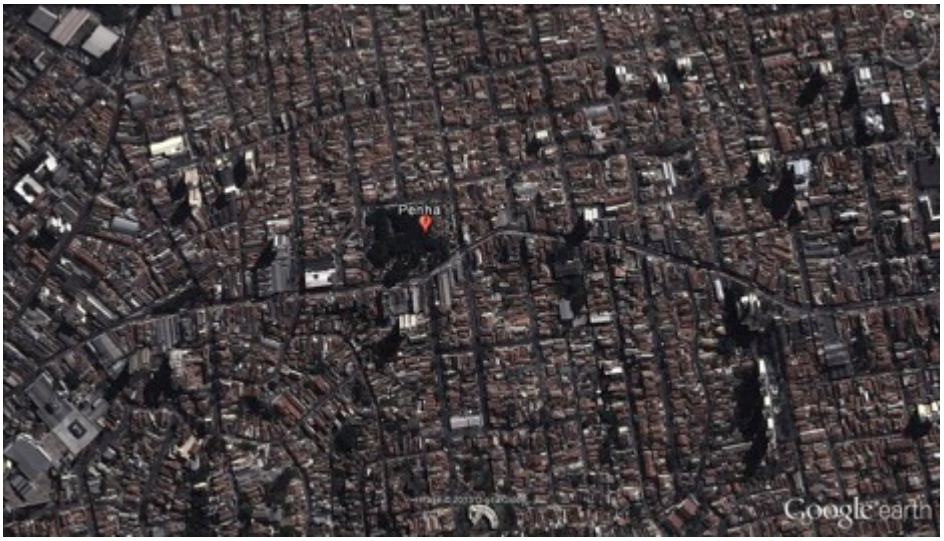
Cemitério da Vila Mariana, em imagem do Google Earth, em 2015



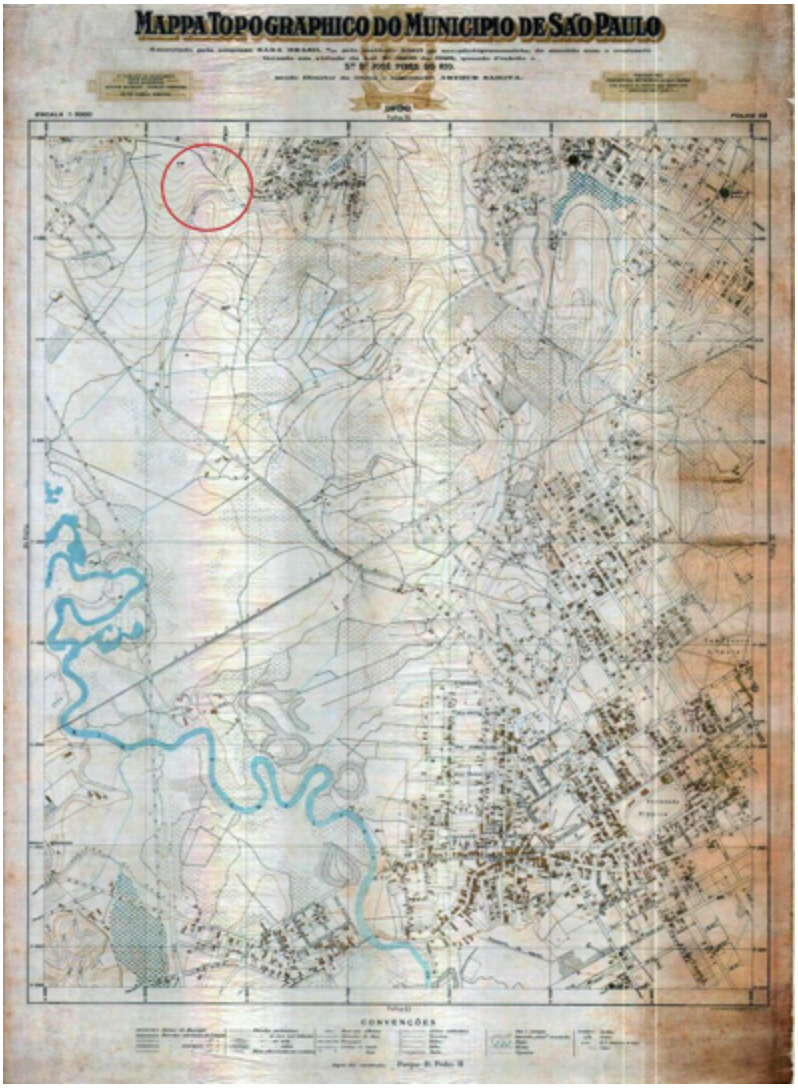
Cemitério da Freguesia do Ó, em imagem de 1930

Cemitério da Freguesia do Ó, em imagem do Google Earth, em 2015

Cemitério da Penha, em imagem de 1930

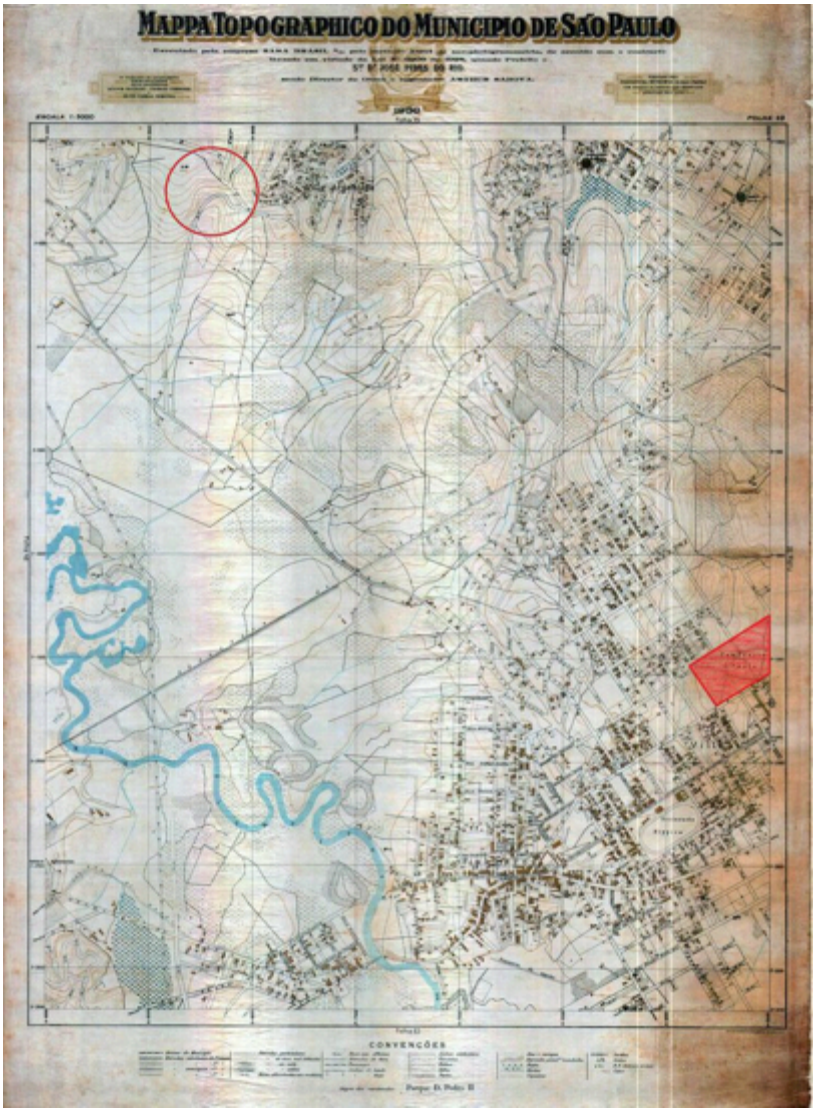


Cemitério da Penha, em imagem do Google Earth, em 2015



Cemitério da Lapa, em imagem de 1930

Cemitério da Lapa, em imagem do Google Earth, em 2015



Cemitério São Paulo, em Pinheiros, em imagem de 1930

Cemitério São Paulo, em Pinheiros, em imagem do Google Earth, em 2015

Cemitério Itaquera, em imagem de 1930

Cemitério Itaquera, em imagem do Google Earth, em 2015

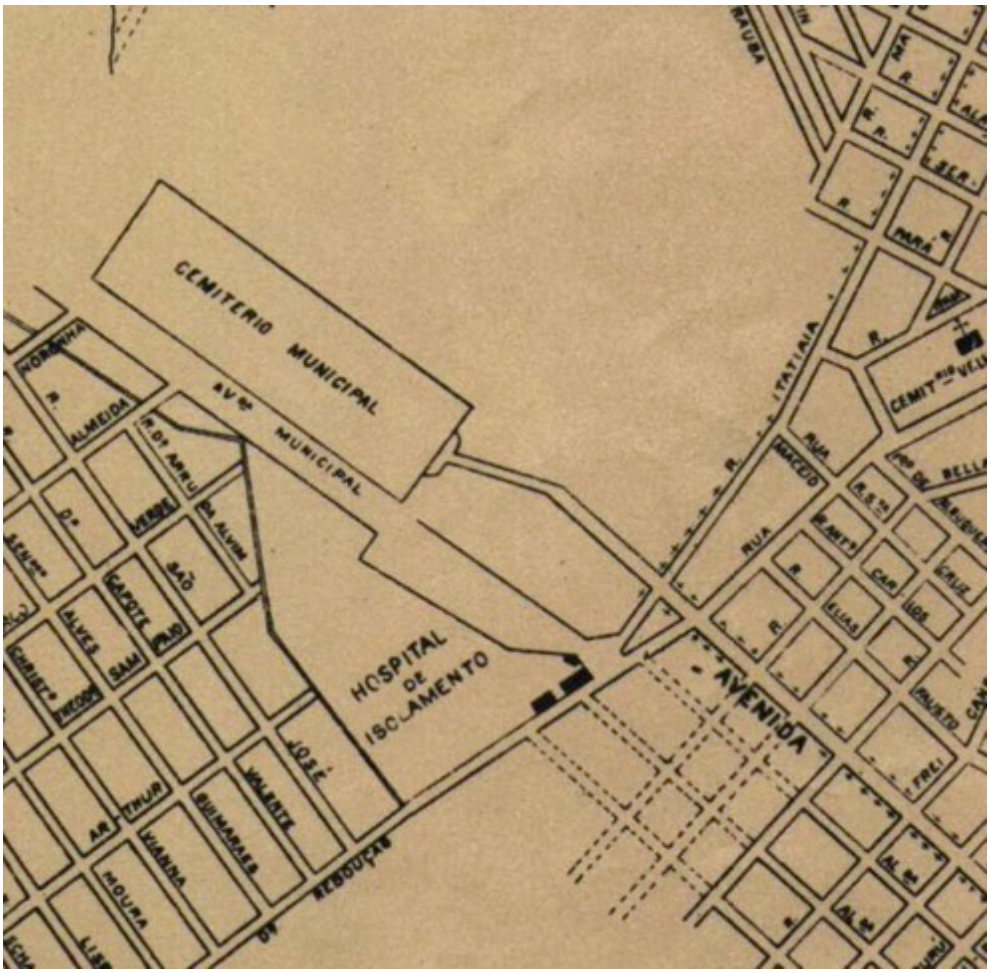
E, por mais que a cidade se autodestrua e reconstrua o tempo todo, é interessante perceber que, nesse ciclo de construção e destruição, as áreas dos cemitérios foram sendo preservadas, apesar de seu entorno sofrer drásticas transformações. Uma vez instalado o cemitério, ele não foi mudado de lugar apesar do valor do terreno ter aumentado significativamente e justificar a exumação e o translado dos corpos. Movimento semelhante pode ser percebido nas cidades do interior paulista. Campinas, Limeira, Batatais, Rio Claro e São Carlos. (CYMBALISTA, 2002, p. 59-62)

> Até que ponto as representações da morte são mais um dos privilégios das elites, deixando para o restante da sociedade apenas a possibilidade de reagir a essas representações vindas de cima? (CYMBALISTA, 2002, p. 20).

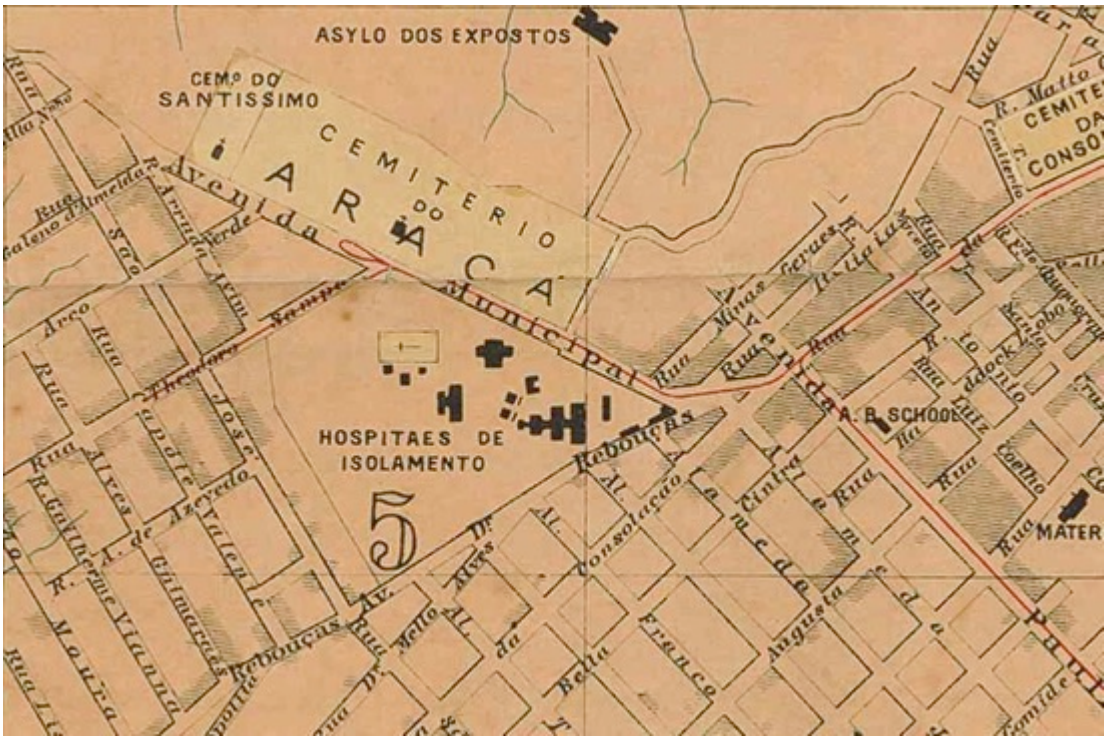
É interessante partir da questão proposta para perceber que a suntuosidade dos jazigos e mausoléus (que veremos com mais detalhes nas imagens apresentadas no capítulo 3 dete trabalho) vai perdento intensidade na medida em que se encaminha para a periferia. Desta forma, defendemos que esses acontecimentos não fazem parte de um jogo de acaso, e sim de um projeto civilizacional pensado e conduzido com um objetivo claro: afastar as imagens de morte, decrepitude, insanidade e sujeira e criar um ambiente voltado à manutenção da vida e seus mecanismos. É a instalação da biopolítica e do biopoder que vai se dar prioritariamente neste período estudado em São Paulo.

Um fato que chamou a atenção durante a pesquisa das plantas da cidade de São Paulo foi a presença de um cemitério no hospital de isolamento.

Em 1897:

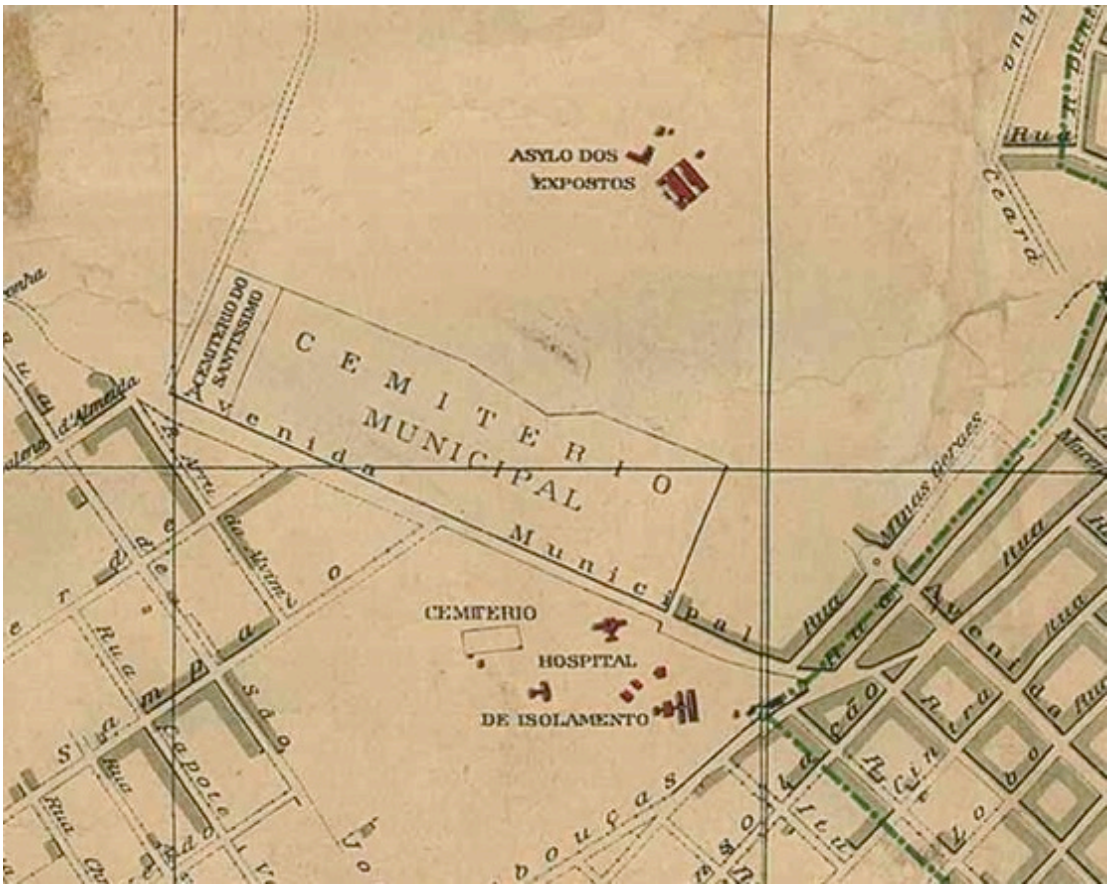

CEMITERIO MUNICIPAL
AV.da MUNICIPAL
HOSPITAL DE ISOLAMENTO
AVENIDA
REPUBLICA
ITATIAIA
PARÁ
RUA
ALMEIDA
SÃO
JOSÉ
VALENTE
GUIMARÃES
VIANNA
MOURA
ARTHUR
SAM
PAIO
ALVES
GARRETE
REBOUÇAS

Em 1905:

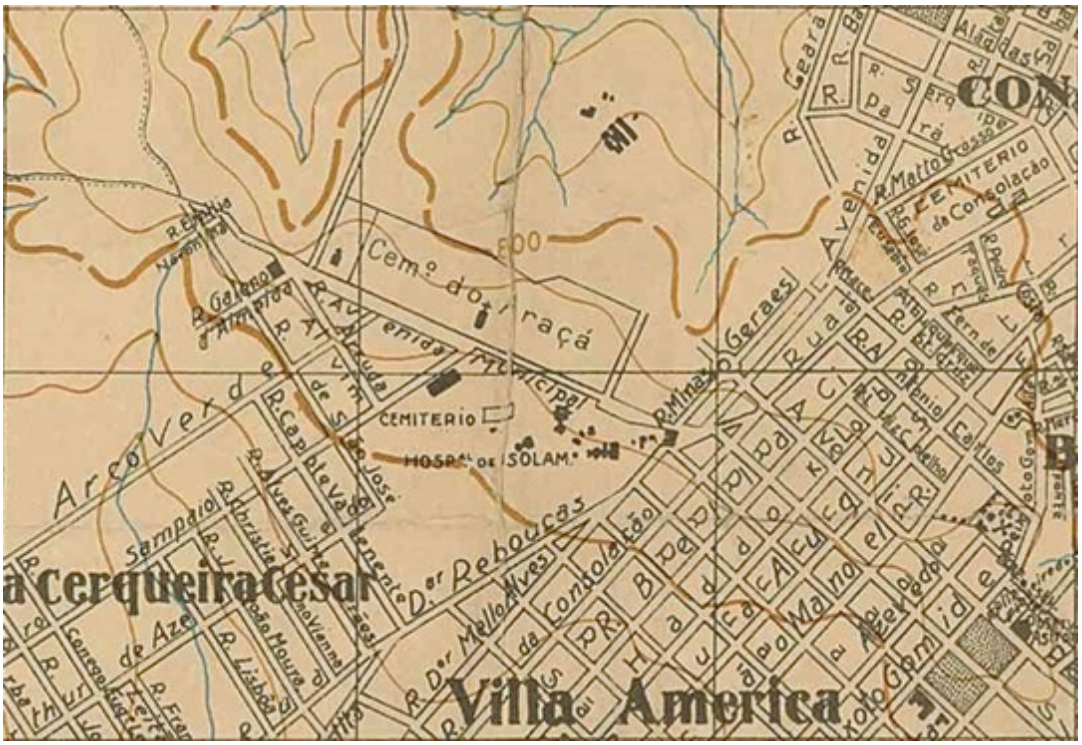


Em 1913

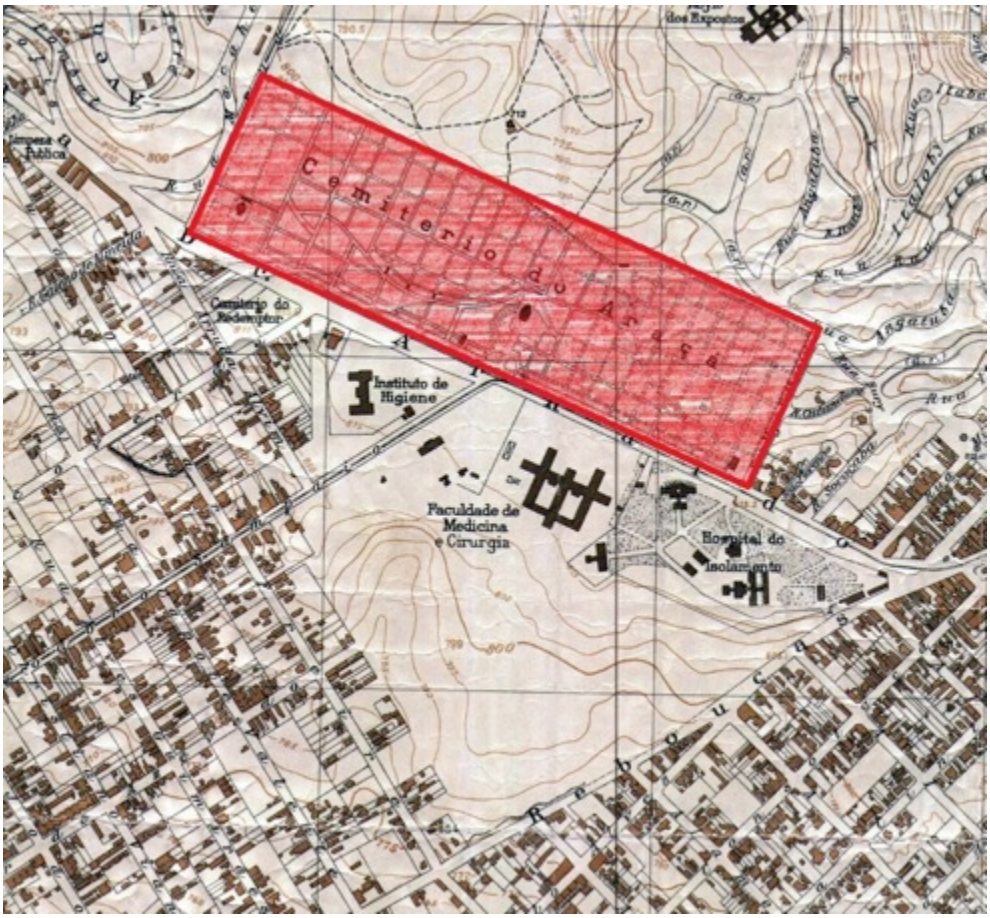
Em 1916:



Em 1924:



Em 1930:



2.3 Considerações finais

A geografia do cemitério vai reconstituir a geografia das cidades onde estão inseridos, suas estruturas de poder, seus sistemas de controle e distribuição dos espaços públicos.

O direito de vida e morte sempre esteve presente na história da humanidade sob diversas formas. Seja o poder dos pais sobre os filhos, do soberano sobre seus súditos, do ganhador sobre o perdedor, do rico sobre o pobre.

O poder soberano, representado pelo gládio, caracterizava-se pelo direito de vida e de morte, originário da *patria potestas,* que era o direito do patriarca romano dispor da vida de seus filhos e escravos, afinal se ele deu a vida e a manteve, ele também poderia tirá-la.

Este poder, que era absoluto, passa a ser relativo quando o soberano, e não mais apenas o patriarca, tem sua vida ou seus recursos vitais limitados por outrem. Nesse caso, pode solicitar a seus súditos que, em nome do bem do soberano, arrisquem suas vidas. Ele dispõe indiretamente da vida de outros em detrimento da sua própria. Esse direito, chamado de *Direito de Gládio* é assimétrico, pois:

> "[...] O soberano só exerce, no caso, seu direito à vida, exercendo seu direito de matar ou contendo-o; só marca seu poder sobre a vida pela morte que tem condições de exigir. O direito que é formulado como de "vida e morte" é, de fato, o direito de *causar* a morte ou de *deixar* viver. [...] O poder se exercia essencialmente como instância de confisco, mecanismo de subtração, direito de se apropriar de uma parte das riquezas [...] O poder era, antes de tudo, nesse tipo de sociedade, direito de apreensão das coisas, do tempo, dos corpos e, finalmente, da vida; culminava do o privilégio de se apoderar da vida para suprimi-la" (FOUCAULT, 1988: 148).

Do corpo individual, esta ideia vai se transformar no direito do corpo social, não mais do soberano, e sim da população representada por ele, sua existência e manutenção.

O potencial simbólico da morte centrada no indivíduo perde espaço em detrimento da manutenção da vida da população. Fica evidente que uma valorização da morte individual não poderia se sustentar em uma sociedade centrada na vida. Aqui se justifica a transição do individual para o social, a perda da carga simbólica da preservação da identidade individual em detrimento da preservação da unidade social, ou seja, a distância dos mortos passa a ser mais importante que a proximidade de sua memória. A polaridade de direito de vida do soberano sobre o população se transforma em direito de vida da população em detrimento da memória do morto.

O massacre de populações inteiras se justifica pela necessidade inversa de outra sobreviver. A morte do outro é justificada pelo necessidade de sobrevivência de uma raça, comunidade, população. A justificativa não é mais a necessidade da morte do outro, e sim da necessidade de vida do seu

oponente. Isso explica a aceitação da exclusão de doentes, inválidos, alienados e mortos, pois mesmo sem se constituir uma ameaça direta a simples presença/lembrança é o suficiente para demonstrar a fragilidade da vida e de sua necessidade de cuidado e manutenção constante, portanto, passa a ser aceitável que alguns se sacrifiquem pelo bem da maioria.

> A partir do momento em que o poder assumiu a função de gerir a vida [...] a razão de ser do poder e a lógica de seu exercício que tornaram cada vez mais difícil a aplicação da pena de morte. [...] são mortos aqueles que constituem uma espécie de perigo biológico para os outros. [...] **Talvez seja assim que se explique esta desqualificação da morte, marcada pelo desuso dos rituais que a acompanhavam** [grifo meu] (FOUCAULT, 1988: 150).

Esse poder voltado à vida vai tomar dois rumos que tocam-se, permeiam-se e influenciam-se reciprocamente. O primeiro vai atuar na disciplina do corpo, no corpo como máquina, na melhoria de suas condições, sua disciplina por meio de sistemas de controle, como a escola e o exército.

O outro vai ter como foco o corpo como espécie, e nesse aspecto os mecanismos de regulação da população –nascimento, mortalidade, longevidade– e todos os processos que podem fazer com que esses mecanismos variem. “A velha potência de morte em que simbolizava o poder soberano é agora, cuidadosamente, recoberta pela administração dos corpos e pela gestão calculista da vida”. (FOUCAULT, 1988, p. 152)

No que diz respeito a esta pequisa, o cemitério e o hospital desempenham um papel fundamental nessa gestão da vida, como fonte de informação sobre os mortos –por meio dos registros de óbitos e suas causas– e, após a criação dos cemitérios extramuros, pelas regras de sepultamento, higiene e salubridade. Por meio da disposição ordenada dos corpos, o cemitério vai ter ainda uma função de classificar os mortos e exibi-lo aos vivos.

É o desenvolvimento de grandes aparelhos de Estado, como instituições de poder, fundamentais ao desenvolvimento do capitalismo. “Foi a entrada da vida na história –isto é, a entrada dos fenômenos próprios à vida da espécie

humana na ordem do saber e do poder– no campo das técnicas políticas". (FOUCAULT, 1988, p. 154). Durante o período aqui estudado, pudemos perceber isso através da criação dos institutos de pesquisa médica, da criação dos cursos de medicina e dos hospitais, bem como do afastamento dos açougues (matadouros), asilos, orfanato, monturos.

É fato que o controle das epidemias, o saneamento, as novas técnicas de agricultura e o desenvolvimento dos hospitais diminuíram a sombra da morte que pairava sobre as pessoas. Com a morte distanciada da realidade cotidiana, o "controle do saber e a intervenção do poder" podem se encarregar mais da vida do que da ameaça de morte. É essa aproximação com a vida que **dá ao saber e ao poder o acesso ao corpo**. A lei que tinha sempre um papel de ameaça de punição com a morte passa se comportar de uma maneira mais normativa do que punitiva e integra aparelhos médicos e administrativos e não apenas punitivos como o gládio e a guilhotina.

> **Uma sociedade normalizadora é o efeito histórico de uma tecnologia de poder centrada na vida.** [...] o que é reivindicado e serve de objeto é a vida, entendida como as necessidades fundamentais, a essência concreta do homem, a realização de suas virtualidades, a plenitude do possível. (FOUCAULT, 1988, p. 157-158)

Com o capitalismo se desenvolvendo entre o século XVIII e XIX, o corpo passa a ter um outro valor, o de força de produção e trabalho, assim o interesse pelo cuidado da educação do corpo passam a ser uma necessidade econômica e política. As três primeiras décadas da era Republicana estabelecem estreitos vínculos entre políticas de saúde pública e desenvolvimento do capitalismo no Brasil. (MAIO, 2010, p. 53)

É nesse cenário que surge no Brasil uma medicina social baseada principalmente nas vias francesa e a inglesa. Na França, em função de uma necessidade econômica e política, o movimento foi de uma medicina urbana, pois a cidade precisava ser unificada como um corpo. Na Inglaterra surge a medicina social, dos pobres, das forças de trabalho, devido ao processo de industrialização que aconteceu de forma muito rápida. A partir do momento que

o pobre se beneficia do sistema de assistência, deve, portanto, submeter-se aos mais variados controles médicos. Ao mesmo tempo que garantia ao pobre a possibilidade de assistência gratuita, garantia aos ricos o controle das epidemias oriundas dos mais pobres e sem condições. Consistia em controle da vacinação, organização e registro das epidemias e localização dos lugares insalubres e sua destruição.

No Brasil podemos perceber uma variação entre o modelo francês e o inglês. Enquanto o modelo francês foi responsável pelo processo de urbanização das nossas metrópoles, inclusive importando arquitetos e urbanistas, a necessidade de vacinação e o controle compulsório da população enquanto força de trabalho vieram do modelo inglês.

Grande parte da intelectualidade brasileira se formou nas academias francesas, portanto, não é de estranhar que o padrão de urbanização e higienização adotado seja preferencialmente o francês.

No Brasil, é na passagem do século XIX para o XX que a valorização da vida em detrimento da morte toma corpo e se mantém até os dias atuais na nossa sociedade. O biopoder, ou poder de vida que se manifestava no direito de dispor da vida de seus filhos ou súditos se transforma no poder de administrar vidas, medi-las, discipliná-las pela escola, prolongar sua duração pela higiene e pela medicina. (FASSIN, 2006. FOUCAULT, 1979, 1988)

> Nasce o que chamarei medo urbano, medo da cidade, angustia diante da cidade que vai se caracterizar por vários elementos: medo das oficinas e das fábricas que estão se construindo, do amontoamento da população, das casas altas demais, da população numerosa demais; medo também das epidemias urbanas, dos cemitérios que se tornam casa vez mais numerosos e invadem pouco a pouco a cidade; medo dos esgotos, das *caves* sobre as quais são construídas as casas que estão sempre correndo o perigo de desmoronar. [...] no espírito das pessoas da época, a infecção causada pelo cemitério era tão forte que, segundo elas, por causa da proximidade dos mortos, o leite talhava imediatamente, a água apodrecia, etc. Este pânico urbano é característico deste cuidado, desta

> inquietude político sanitária que se forma à medida em que se desenvolve o tecido urbano. (FOUCAULT, 1979, p. 87).

Podemos perceber que no Brasil não foi diferente, pois este mal estar gerado pela proximidade com o cemitério e com os mortos também é percebido aqui:

> Esse imaginário do espaço urbano como lugar de dissolução do sujeito e de toda a humanidade que nele possa existir, que se materializa no mal estar, garantiu sua presença ao longo de todo o século XX, definindo o que Bueno nomeia como uma linha estrutural de crítica à civilização urbana criada pelo capitalismo. (LIMA, 2000, p. 33)

É interessante notar que em Paris o cemitério invade a cidade, com seus odores, seus miasmas, seus corpos expostos e suas emanações que empesteiam a vizinhança. No Brasil, onde as cidades crescem e abarcam o cemitério isto não diminui a angústia e o terror da proximidade com os mortos. O efeito causado é semelhante nos dois.

Existiram dois modelos de organização médica: o modelo suscitado pela lepra e o modelo suscitado pela peste. No caso da lepra, a medicalização consistia em um mecanismo de exclusão e, consequentemente, de garantir a purificação dos ficavam. No caso da peste, a medicalização consistia em isolar os indivíduos, colocá-los lado a lado, vigiá-los, constatar o estado, se está vivo ou morto, e fixar um espaço esquadrinhado, dividido, inspecionado, percorrido por um olhar permanente e controlado por um registro, tanto quanto possível completo, de todos os fenômenos. (FOUCAULT, 1979, p. 89).

A velha potência da morte que simbolizava o poder soberano é agora, cuidadosamente, recoberta pela administração dos corpos e pela gestão calculista da vida. A vida entra na história, pois os fenômenos próprios à vida passam a interessar ao saber e ao poder. As antigas ameaças como a peste e a fome deixam de assombrar o homem que passa a dominar com relativo domínio o aumento da expectativa de vida. Pela primeira vez o biológico reflete-se no político.

Se pudéssemos chamar "bio-história" as pressões por meio das quais os movimentos da vida e os processos da história interferem entre si, deveríamos falar de "bio-política" para designar o que faz com que a vida e seus mecanismos sejam valorizados.

Capítulo 3. O espaço cemiterial como palco das tensões entre Eros, Cronos e Tânatos.

Mors - Amor

Esse negro corcel, cujas passadas
Escuto em sonhos, quando a sombra desce,
E, passando a galope, me aparece
Da noite nas fantásticas estradas,

Donde vem ele? Que regiões sagradas
E terríveis cruzou, que assim parece
Tenebroso e sublime, e lhe estremece
Não sei que horror nas crinas agitadas?

Um cavaleiro de expressão potente,
Formidável, mas plácido, no porte,
Vestido de armadura reluzente,

Cavalga a fera estranha sem temor:
E o corcel negro diz: "Eu sou a morte!"
Responde o cavaleiro: "Eu sou o Amor!"

Antero de Quental (2003)

Como já foi dito, este trabalho teve início aqui, com as fotos que serão apresentadas a seguir. Foram essas imagens, em um percurso inverso, que me fizeram buscar entender seu tempo e seu espaço. Revelando, entre outras maneiras, o papel de “espaço de educação” que os cemitérios têm.

> O cemitério nos permite realizar múltiplos olhares sobre as sociedades, graças às diferentes expressões de identidades culturais particulares e/ou privadas que lá são representadas. Ele apresenta diferentes expressões de linguagem, tanto escritas como simbólicas, devido às diferenciações sociais que lá são identificadas. O cemitério antes de tudo é uma forma de preservação da memória particular e coletiva dos indivíduos de uma região. Todos os túmulos erigidos são propriamente uma forma de preservação desta memória. (ARAÚJO, 2013, p. 2)

No caso deste período retratado, como veremos, ele revela que ao sair das igrejas, o espaço de sepultamento continua a ter um papel simbólico muito grande, mas de outra maneira. “Mesmo com o descontentamento do povo, os cemitérios extramuros eram a nova realidade dessa sociedade e a saída foi criar representações sacras ou simbólicas nesses locais como forma de reafirmar a sua crença.” (COMUNALE, 2013, p. 2)

As obras presentes em cada um dos cemitérios vão relevar o poder econômico daquelas pessoas, em alguns casos trará a história de famílias em sua reafirmação de poder, se não sobre a morte ao menos pela manutenção do *status quo* em vida . Ao sair da igreja, esses espaços de memória de cada uma das famílias se acentua –se antes era a proximidade com o altar que poderia revelar a posição social, agora seria a grandiloquência dos túmulos. “Os grandes monumentos são destinados aos elementos destacados dos grupos dominantes enquanto a classe média vai para as catacumbas modestamente decoradas, ou seja, em determinados períodos os cemitérios das nossas cidades refletem a estratificação social” (BELLOMO, 2000, p. 51). Não à toa, os cemitérios mais antigos de São Paulo, como o Araçá, terá obra de artistas famosos, como as esculturas de Rafael Galvez, de Enrico Bianchi e Victor Brecheret –a mais famosa é a “Musa Impassível”, feita em Paris para a lápide da poeta brasileira Franscisca Júlia, morta em 1920. Hoje a escultura faz parte do acervo da Pinacoteca. No cemitério ficou uma réplica em bronze. [1]

Para Bellomo (2000, p. 16), “forma de expressão do gosto artístico: as obras de arte funerárias nos revelam muito do gosto artístico vigente na época em que foram compostas, indicando as preferências particulares e públicas”. Seja para preservar a história do morto, a história da família ou o momento histórico, o cemitério, ao se constituir como espaço de memória, reafirma-se mais uma vez como espaço de educação.

> Percebemos diferentes maneiras das sociedades expressarem o sentimento sobre a morte, sempre mantendo a ideia de conservar a memória do morto pela imagem, numa tentativa de manter viva sua identidade. Assim como há uma necessidade de manter viva a memória do morto, também há a necessidade de se preservar a

[1] (http://www.cemiteriosp.com.br/cemiterios/sao-paulo/cemiterio-araca/)

> identidade cultural de uma sociedade num determinado período de tempo. (ARAUJO, 2013, p. 4)

As fotos a seguir vão revelar muito desta estratificação e desta necessidade de distinção. Mas há também a forte presença de uma estatuária, que pode ser considerada profana, em um local considerado sagrado. O que as fotos vão nos revelando é uma potência erótica relacionada à vida e a sua manutenção/perpetuação frente a morte. Ao preferir retratar a força sexual ao invés da aceitação passiva da morte, opta-se por assumir uma atitude de enfrentamento da morte. Aqui, buscamos na simbologia revelar um pouco do que esta arte tumular pode nos revelar.

3.1 Mitologia

Fernando Pessoa em seu texto "Mensagem" foi o grande norteador na aproximação simbólica. A simpatia é a primeira condição, a segunda é a intuição, o que nos incita a ir além da obviedade do que se vê. É então que a inteligência pode fazer relações. Quando outras relações se estabelecem, quando outros caminhos convergem ao mesmo ponto se dá a compreensão. Então iluminado, os símbolos se tornam uma experiência numinosa. A seguir transcrevemos o texto na íntegra para não diminuir sua potência.

> O entendimento dos símbolos e dos rituais (simbólicos) exige do intérprete que possua cinco qualidades ou condições, sem as quais os símbolos serão para eles mortos e ele um morto para eles.
>
> ***A primeira é a simpatia***; não direi a primeira em tempo, mas a primeira conforme vou citando, e cito por graus de simplicidade. Tem o intérprete que sentir simpatia pelo símbolo que se propõe interpretar. A atitude cauta, a irônica, a deslocada –todas elas privam o intérprete da primeira condição para poder interpretar.
>
> ***A segunda é a intuição***. A simpatia pode auxiliá-la, se ela já existe, porém não criá-la. Por intuição se entende aquela

> espécie de entendimento com que se sente o que está além do símbolo, sem que se veja.
>
> ***A terceira é a inteligência***. A inteligência analisa, decompões, reconstrói noutro nível o símbolo; tem, porém, de fazê-lo depois que, no fundo, é tudo o mesmo. Não direi erudição, como poderia no exame dos símbolos, é o de relacionar no alto o que está de acordo com a relação que está embaixo. Não poderá fazer isto se a simpatia não tiver lembrado essa relação, se a intuição a não tiver estabelecido. Então a inteligência, de discursiva que naturalmente é, se tornará analógica, e o símbolo poderá ser interpretado.
>
> ***A quarta é a compreensão***, entendendo por esta palavra o conhecimento de outras matérias, que permitam que o símbolo seja iluminado por várias luzes, relacionado com vários outros símbolos, pois, que no fundo, é tudo o mesmo. Não direi erudição, como poderia ter dito, pois a erudição é uma soma; nem direi cultura, pois a cultura é uma síntese; e a compreensão é uma vida. Assim certos símbolos não podem ser bem entendidos se não houver antes, ou no mesmo tempo, o entendimento de símbolos diferentes.
>
> ***A quinta é*** menos definível. Direi talvez, falando a uns, que ***é a graça***, falando a outros, que é a mão do Superior Incógnito, falando a terceiros que é o Conhecimento e a Conversação do Santo Anjo da Guarda, entendo cada uma destas coisas, que são a mesma da maneira como a entendem aqueles que delas usam, falando ou escrevendo. (FERNANDO PESSOA, 1994)

As fotos registram o meu percurso. Meu percurso apresenta as minhas fotos. Este imbricado mecanismo autopoiético sintetiza a minha trajetória acadêmica onde objeto e pesquisador se imiscuem e se constroem, se destroem e se reformam/deformam.

É a ideia de percurso antropológico proposto por Durand que vai servir de base metodológica para a seleção e análise das imagens. Se no primeiro capítulo,

foram analisadas as mudanças que a morte e o morrer apresentaram no período estudado e no segundo capítulo foi analisada a relação entre os cemitérios e a cidade de São Paulo, neste capítulo a transição de uma sociedade estruturada pela morte para uma sociedade estruturada pela vida será apresentada através das representações de Cronos, Eros e Tânatos nos cemitérios inaugurados até o ano de 1930 e elencados no Capítulo 2 desta pesquisa.

É importante ressaltar que este capítulo não é um trabalho de ilustração, onde as imagens estão a serviço do texto ou são pretexto (pré-texto). As imagens constituem um corpo que dialoga com os capítulos anteriores.

O percurso das fotos aqui apresentadas percorre o meu trajeto em direção ao meu objeto. A angústia da criança chorando no colo do pai ao se deparar com a inexorabilidade da morte, a busca pelas respostas culminando como curso de biologia – uma tentativa de compreender racionalmente o que é a vida e consequentemente a morte – até a apresentação deste trabalho; que não encerra, mas que circunscreve essa grande questão.

Nesse percurso de vida, a morte sempre esteve presente, seja no aluno, no professor, no mestrando, no marido e no pai, sendo assim, o olhar do fotógrafo que captura o instante, também não escapou dessa “metáfora obsessiva”.

Após passar dias fotografando para o doutoramento de um amigo que pesquisava o imaginário barroco em Ouro Preto, vivi uma profusão de imagens que me remetiam à finitude da vida e a inexorabilidade da morte, imagens que foram analisadas à luz da antropologia do imaginário de Gilbert Durand por Alexander de Freitas (2009).

As faces da morte em Ouro Preto:

- Iconografia do martírio, o sofrimento e sua função redentora;
- Iconografia da *Ars moriendi*, o medo do julgamento e da condenação;
- Iconografia da arte macabra e da *vanitas*, medo da perda da identidade;
- Iconografia teriomorfa, as faces de satã, da morte e do julgamento e a
- Persistência do imaginário barroco em Ouro Preto.

A partir do século XX, os domínios da vida sempre acabaram por empurrar a morte cada vez mais longe e a torná-la cada vez o mais higiênica e breve na medida

do possível. Foi assim com os sepultamentos que saem de dentro das igrejas e do convívio com os vivos para ocupar os cemitérios municipais que também, como os mortos que abriga, vão sendo empurrados para a periferia da cidade crescente. Também foi assim com o processo de morrer, que antes acontecia no seio familiar, social e atualmente ocorre nos hospitais, entre panos azuis e leitos individuais.

Atualmente a morte é um tabu. Não se fala nela, não se pensa nela. Defendemos que esse não é um processo que aconteceu sem uma intencionalidade, ao acaso. Ele foi pensado, estruturado, aplicado e mantido pelas estruturas de poder da sociedade, que no período estudado saiu das mãos da Igreja para os cafeicultores, industriais e para a elite intelectual representada pelos médicos, advogados e engenheiros que ganharam grande relevância durante a Primeira República, por representarem a ligação com o moderno, com o progresso, com o higiênico.

O imaginário barroco do ouro-pretano não poderia estar dissociado do imaginário da sua época. É grande a quantidade de imagens que revelam uma sociedade estruturada pela morte, pelo bom morrer através da remissão dos pecados, do arrependimento, do sofrimento. O diabo, sempre à espreita, está pronto a tentar as almas boas e carregar as más ao inferno. As imagens são diretas, não exigem do observador qualquer interpretação. São didáticas de um modo de vida. Estão sempre a nos lembrar da brevidade da vida, do bom caminho, do arrependimento dos pecados, da vaidade, da avareza. Na apreensão dessas imagens a fotografia me deu uma nova ferramenta para lidar com a morte.

A pregnância simbólica barroca me acompanhou de volta à São Paulo.

A seguir compartilho com o leitor as imagens de Ouro Preto para que possa perceber por si próprio a força dessas imagens. Se me atenho e me alongo nessa etapa é porque ela foi fundamental para a etapa que se segue nas fotografia dos cemitérios em São Paulo e sua relação com Cronos, Eros e Tânatos. Todas as fotos são de autoria própria.

3.2 Imagens Sacro barrocas

Iconografia do martírio e do sofrimento.

Imagem presente no imaginário barroco do ouro-pretano são as imagens de martírio, que representam o a imposição e aceitação da dor com uma função redentora. O coração nas chamas, trespassado por espadas e facas, o sangue vertido, a coroa de espinhos todos esses símbolos estão relacionados à sua capacidade de gerar dor e sofrimento. Muitas vezes é necessária uma atenção mais aguda e uma interpretação simbólica como o coração do meio que apresenta um corte relacionado ao corte feito pela lança do centurião durante a crucificação de Jesus.

Detalhe do frontispício da capela da Igreja de São Miguel e Almas em Ouro Preto. Obra atribuída a Antônio Francisco Lisboa

A imagem do sofrimento de Nossa Senhora das Dores (abaixo). Segundo a tradição católica, durante a sua vida foram sete as dores de Maria: A profecia de Simão, A fuga para o Egito, Jesus Perdido no Templo, Jesus com a cruz a caminho do Calvário, morte de Jesus, entrega do corpo de Jesus à mãe, sepultamento de Jesus.

Museu de Arte sacra da matriz de Nossa Senhora da Conceição em Ouro Preto. Nossa Senhora das Dores.

Iconografia da *Ars Moriendi*.

Nas imagens abaixo podemos ver a morte do justo e a morte do pecador. O imaginário ouro-pretano era estruturado pelo bom morrer. A preocupação com a hora da morte e a certeza de ascender ao reino divino no Juízo Final norteavam o dia a dia dos vivos. Em um quarto simples, junto ao leito de morte do moribundo estão o padre e diversos anjos e santos que o acodem (no total 10), todos segurando um símbolo da fé cristã. O demônio se mostra desesperado pela perda de uma alma para o reino divino. São Miguel de espada em punho está pronto a enfrentar o diabo da defesa do moribundo que segura junto ao peito um crucifixo com um semblante calmo e tranquilo, apesar da hora da morte que se avizinha. As asas dos anjos são asas de pássaros, recobertas de penas. No céu os anjos observam e aguardam a chegada da alma. Com o olhar voltado ao céu, à beira da cama, São José aponta para o moribundo como se recomendando que aceite o justo no reino dos céus.

Museu da Inconfidência de Ouro Preto. Óleo sobre tela. “A morte do justo”. Autor desconhecido

A morte do pecador nos mostra uma realidade completamente diversa. Um quarto luxuoso e uma cama com dossel retratam a abundância, a riqueza, uma vida luxuosa; o espelho mostra a beleza da mocidade, a vaidade; o alaúde remete aos prazeres mundanos representados pela música; o saco cheio de moedas rasgado ao lado da cama estão relacionados ao fato de que dessa vida não se leva nada. Dez demônios das mais variadas formas rodeiam o moribundo. Alguns apresentam instrumentos de tortura, como lanças e tições. Todos os demônios apresentam asas membranosas, como asas de dragão, asas pequenas se comparadas às asas dos anjos. Talvez isso seja um lembrete de que o diabo é um anjo caído. O padre com expressão preocupada segura o crucifixo que oferece, e o moribundo vira-se para o outro lado. O demônio junto a cabeceira da cama aponta para o céu onde as almas eram julgadas pelas suas ações registradas no livro. A presença do anjo e da âncora (anzol) revelam a possibilidade de salvação através do arrependimento na última hora.

Museu da Inconfidência de Ouro Preto. Óleo sobre tela. “A morte do pecador”. Autor desconhecido.

Iconografia da Arte Macabra e da *Vanitas.*

Nesta imagem vemos três anjos. Um portando o cilício e o açoite, no outro extremo a caveira macabra e o cordão da ordem de São Francisco e o do meio a faixa com a frase *Vanitas Vanitatum (*Vaidade das vaidades). Podemos ver no centro da imagem várias representações das vaidades humanas, como a música, a sabedoria, o espelho que mostra uma árvore seca, a ampulheta e a frase *Memento* mori (Lembra-te que és mortal).

Igreja da Ordem 3ª de São Francisco de Assis de Ouro Preto. Obra de Manoel da Costa Ataíde

Museu de arte sacra da Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto. Detalhe odo mausoléu a D. João V.

Cemitério da Consolação

As representações do final da vida e da inexorabilidade da morte percolam o imaginário mineiro através das imagens como a ampulheta que simboliza a

passagem do tempo, da chama da tocha invertida que se consome até a extinção, a foice, as árvores descopadas, as asas, o esqueleto.

Iconografia Teriomorfa.

Dos regimes de imagens faltava identificar representações do regime teriomórfico. Foi durante a seleção das imagens que elas se revelaram. Formas que lembram animais como cavalos, cachorros, serpentes. As folhas de Acanto que adornam as bases das colunas, suas volutas acabaram por desvelar representações de serpentes, cachorros, porcos. Animais que sempre habitaram o imaginário associado à morte. Foi interessante pensar nessas imagens reveladas e animadas pelo bruxulear da chama das velas. As imagens teriomórficas estão relacionadas ao medo do inferno, medo de satã, aos mosntros terríveis. São símbolos cinocéfalos, ofídicos, hipomorfos.

Igreja da Ordem 3ª de São Francisco de Assis de Ouro Preto/ Igreja da Ordem 3ª de São Francisco de Assis de Ouro Preto / Igreja da Ordem 3ª de São Francisco de Assis de Ouro Preto.

3.3 A persistência do imaginário Barroco em Ouro Preto.

A ideia de persistência barroca está relacionada ao fato de que passado mais de 200 anos ainda é possível identificar os símbolos barrocos em uma hermenêutica

semântico simbólica (FREITAS, 2009). Sob esse título, as imagens de torres que remetem à verticalidade e a separação, as imagens da cidade com seus mil olhos que dão ao transeunte a sensação de estar constantemente sendo observado e as imagens que obliteram a visão estão relacionadas à persistência do imaginário barroco. Apesar de não serem imagens sacro barrocas, remetem aos sentimentos despertados e mantido pelo imaginário barroco na medida em que vão trazer a dimensão do horror à morte, ao julgamento, da brevidade da vida.

Ouro Preto. Minas Gerais. 2007.

Essa imagem remete à verticalidade, a uma estrutura que separa e hierarquiza. Podemos ver em primeiro plano o muro de pedra com cacos de vidro, em segundo as torres da Igreja e ao fundo a cidade. Esses elementos constituintes da imagem estão associados ao imaginário barroco na medida em que as torres das igrejas percolam todo o imaginário ouro-pretano. No primeiro plano, o muro que separa o terreno em duas propriedades distintas, delimita, sai do chão com sua estrutura rígida e é encimado por cacos de vidro que apresentam uma função semelhante. Cortar, separar, proteger.

A torre, o lugar mais alto da igreja, o local onde o sino anuncia pelas suas badaladas os eventos. O lugar de onde se avista mais longe e também é avistado. Lugar onde preferencialmente se coloca o relógio como estrutura reguladora e controladora do tempo. Em último plano, a cidade incrustada no vale, protegida pelas montanhas. Do primeiro ao último plano vemos uma transição do individual para o coletivo. Do muro que delimita a propriedade individual, a igreja que acolhe comunidades específicas (irmandades), a cidade com sua dinâmica de várias pessoas, comunidades, igrejas e ao fundo as inabaláveis montanhas que olham tudo de longe e que separam o vale do planalto.

Ouro Preto. Minas Gerais. 2007

A luz revela. Permite que o olhar diferencie as formas, identifique os perigos, reconheça os inimigos e também os amigos. Hélios, o Deus sol, é aquele que tudo vê. O jogo de luz e sombras tão característico do barroco dialoga com esse regime de imagens na medida em que polariza: o claro e o escuro, o masculino e o feminino o alto e o baixo, o céu e a terra, o dia e a noite, a vida e a morte.

Podemos associar o claro ao princípio masculino, ordenado, ao sol. A escuridão está relacionada ao mistério, ao insondável, ao medo, à desordem e à

morte. Esses princípios não são estanques e permitem o trânsito do claro ao escuro e vice-versa.

Em Ouro Preto, existe uma névoa que de tão densa parece poder ser cortada por uma faca. Ela é responsável por obliterar a visão, assim como a noite. A imagem acima é representativa desse jogo de luz e sombra tão característico do barroco mineiro.

A foto a seguir está relacionada ao imaginário barroco através da iconografia do julgamento. Em Ouro Preto se tem a sensação de estar sendo observado a todo momento.

Ouro Preto. Minas Gerais. 2007

Cemitério da Igreja da Ordem 3ª de São Francisco de Assis de Ouro Preto

A imagem acima é na minha lembrança uma das mais fortes que guardo deste período fotografando em Ouro Preto. Esse trabalho soprou as cinzas que encobriam as brasas da minha eterna questão sobre a vida e a morte. Impregnado pelo imaginário barroco, voltei para o cotidiano paulistano, e, por acaso, ao passar pelo cemitério do Araçá percebi imagens que dialogavam com a minha angústia barroca. Imagens que representavam a brevidade da vida, a certeza da morte, a dissolução e a perda da identidade. Assim comecei a fotografar os cemitérios da

Consolação, Araçá e São Paulo. As primeiras imagens surgiram e foram revelando e se revelando em uma outra forma de ver os cemitérios.

Durante um bom tempo, as únicas imagens que apareceram foram de morte, dissolução, decomposição, oxidação, perda de identidade, esvair-se, diluir-se, desmanchar-se, apagar os vestígios. O imaginário barroco ainda era uma lente que mediava o meu olhar. Toda a angústia de se deparar com a finitude, com um tempo cronológico, onde Cronos devora os seus filhos, e o fim inexorável se mostravam e mostravam a angústia existencial.

As imagens iniciais revelavam a dor de perder a identidade e deixar de existir enquanto indivíduo único na história da Terra. Foram várias visitas solitárias aos cemitérios e várias horas de seleção e edição de imagens também solitárias. São as imagens do domínio de Cronos e Tânatos.

> Da terra nada se leva para o céu, para isto serve o purgatório mesmo para os anjinhos, que passam pelo purgatório "a fim de deixar ficar aí os alimentos ingeridos na terra. Mesmo uma criança de meses só alcançará o Paraíso depois de vomitar o leite materno que mamou". (CASCUDO, 2002, p. 30)

Depois de purgar as imagens barrocas fotografando os cemitérios, é que novas imagens puderam ser reveladas. A vida começava a se mostrar fortuitamente, entre arbustos, deixando entrever-se, mostrando-se nos interstícios da malha da morte. A vida começava a aparecer. O eterno ciclo da morte e da vida estava mostrando o seu outro lado. Se no começo deste trabalho a morte era condutora dos caminhos que levaram, agora a vida começava a aparecer nas frestas.

A morte sucumbia e a vida se mostrava. Os opostos enfim podiam ser identificados no espaço cemiterial. Vida e morte coexistiam no mesmo espaço, compartilhavam e se imiscuíam na vida e na ausência da vida das pessoas que ali estavam sepultadas e que por ali transitavam. A temporalidade igualava as existências e irmanava vivos e mortos. O ciclo estava fechado, mas ainda era estático. Faltava o movimento, o pêndulo que visitaria os dois extremos, que estabeleceria o diálogo. Assim surgiram as imagens de Eros. A sexualidade enfim

transpirava entre a vida e a morte estabelecendo o diálogo e a união entre os opostos.

3.4 Cronos, Eros e Tânatos

Mito possui muitos significados. Um deles é uma distinção do *logos*, forma de raciocinar que procura convencer, julgar verdadeiro ou falso e que é a base da nossa cultura racional. O *mito,* por sua vez, tem como fim a si próprio e não pressupõe um julgamento ou um convencimento, é um sistema usado para explicar o mundo e o homem. É uma forma de metalinguagem na medida em que é uma linguagem que serve para descrever ou falar sobre uma outra linguagem. É principalmente nesse sentido que o mito aparece neste capítulo, como metalinguagem e sistema de explicação do mundo que não nega o racionalismo lógico, mas que é uma outra forma de se aproximar da vida e da morte e do seu papel na transformação de uma sociedade estruturada pela morte para uma sociedade estruturada pela vida. “Mito é, pois, a narrativa de uma criação: conta-nos de que modo algo, que não era, começou a ser”. (BRANDÃO, 2013, p. 37).

Segundo Jung, o mito está ligado aos arquétipos, modelo primitivo, ideia inata, onde as imagens correspondem a certos elementos coletivos e não obrigatoriamente verbais –o símbolo, que no início era um objeto dividido em duas partes, cujo encaixe permitia o reconhecimento mútuo. De forma sucinta, o mito não é pessoal, ele permite a identificação pessoal, com algo maior, coletivo e atemporal através dos símbolos que o constitui.

As cavernas foram os primeiros cemitérios e santuários na história da humanidade e estão relacionadas ao contato com o incognoscível, com o lugar que gera e também como o lugar que recolhe. São várias as cosmogonias que destacam a caverna nesse processo, e entrar em uma caverna ou labirinto é entrar em contato com esse lugar que precede a tudo e a todos e que recebe a tudo e a todos no final da jornada. Os ritos iniciáticos das cavernas e dos labirintos representam uma morte ritual de onde se pode regressar, o que não é possível na morte física. É o contato com o útero materno de onde se emerge transformado. Na mitologia, a criação do universo e da espécie humana está relacionada à organização da desordem. Na emergência da luz de um princípio escuro, nebuloso, informe. Este caminho

ascensional e luminoso vai permear o imaginário da humanidade como sendo a luz e o organizado, a parte que está relacionada à vida e a parte escura o que está relacionado à morte, ao desconhecido.

Os sepultamentos também percorreram este mesmo caminho em direção à luz e à organização. Se nos primórdios era feito em cavernas, foi com o tempo ascendendo ao convívio. Passou para o interior dos templos e depois disso para os cemitérios extramuros e mais recentemente à cremação.

Cosmogonia grega

No princípio era o **Caos**, o vazio, o espaço incomensurável e ao mesmo tempo matéria eterna e prolífica.

Do Caos surgem Geia e Tártaro e Eros que são os primeiros seres a existirem.

Eros, o desejo, o deus do amor, a força fundamental do mundo, que garante a continuidade dos seres vivos e a coesão interna do cosmos. É representado como uma criança brincalhona e inocente que nunca se torna adulta, o que está relacionado ao fato do amor não atingir nunca a idade da razão e da responsabilidade. É o eterno vir a ser, o que nunca está completo, está sempre à busca, representando a união dos opostos. É representado pela cruz que une o binômio vertical e horizontal como polaridades. É o amor, a força, que após a explosão do ser em múltiplos seres promove a reintegração marcada pela passagem do caos inconsciente à ordem consciente. O amor é união e não apropriação.

Geia, é o princípio feminino, receptivo, passivo, regenerador e obscuro.

Em um segundo momento, Caos gera o Érebo (escuridão profunda) e Nix (noite) como domínio das trevas.

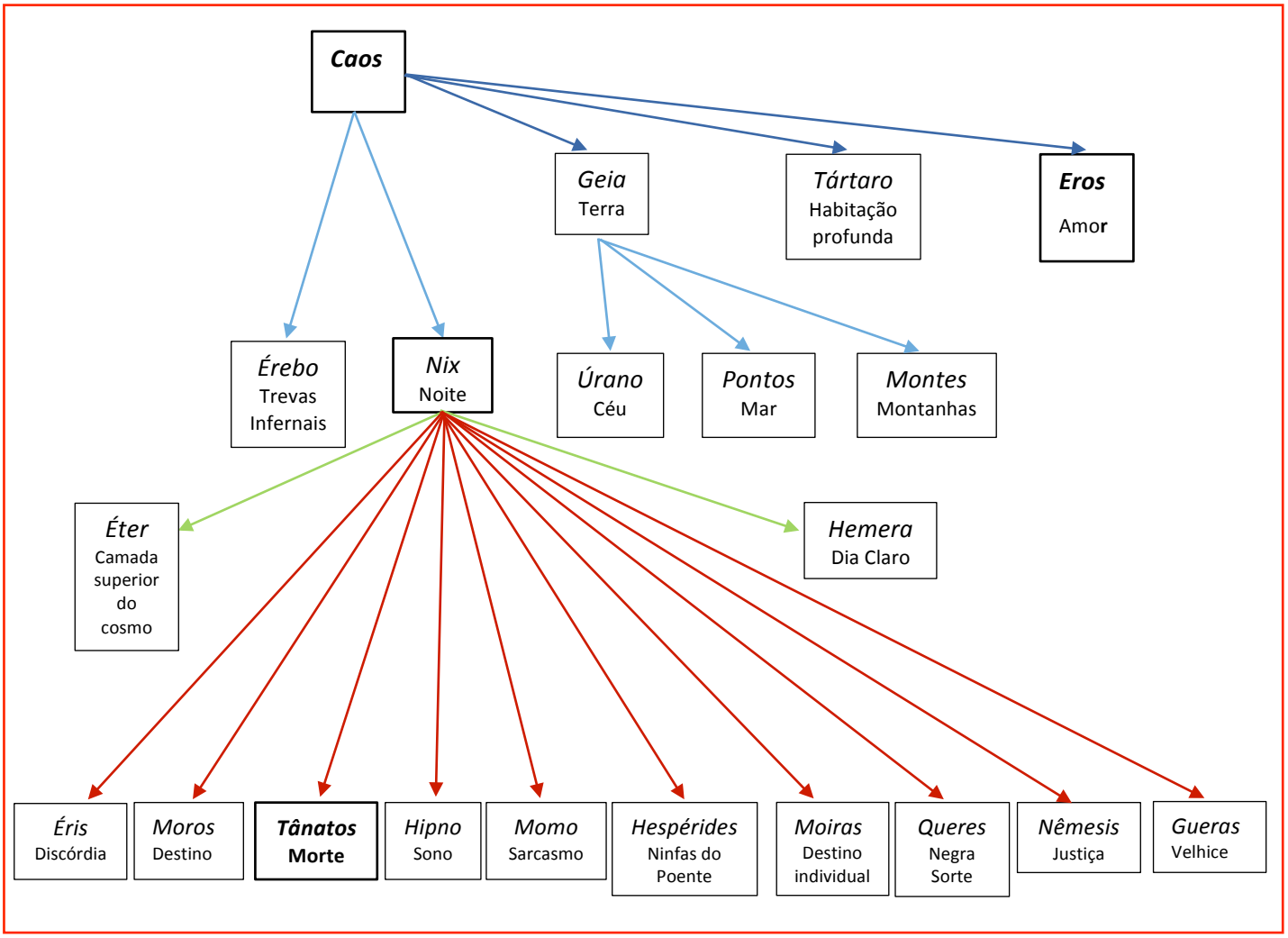
É do Caos primordial que surge a dicotomia escuro e claro, o escuro representado pelo par Érebo e Nix e o claro representado pelo par Éter e Hemera, que seguem a lógica cosmogônica do claro que surge do escuro primevo e o que está acima surge do que está abaixo.

Tânatos é filho de Nix, a noite, e possuía entranhas de bronze e coração de ferro. O significado do seu nome está associado a dissipar-se, extinguir-se, ocultar-se. Personifica a morte, mas não é agente dela. Gênero masculino é o aspecto perecível e destruidor da vida física possibilitando a liberação das energias

espirituais, o que o relaciona aos ritos de passagem. É Tânatos que vai permitir que se ultrapasse de um nível para outro. É representado por animais psicompompos, ou seja, aqueles que conduzem a alma dos mortos como o cavalo, o cão ou uma personagem armada com uma foice, um esqueleto, um cavaleiro ou uma serpente. No Tarô é o décimo terceiro arcano maior que não é nomeado.

Moiras. São a personificação do destino individual. **Cloto**, que tece o fio da vida; **Laquesis** que enrola o fio e sorteia quem deve morrer; e **Átropos** (a que não volta atrás) que corta o fio da vida. Foram associadas às parcas romanas (parere, parir): **Nona**, que presidia o nascimento; **Décima**, que presidia o casamento e **Morta** à morte.

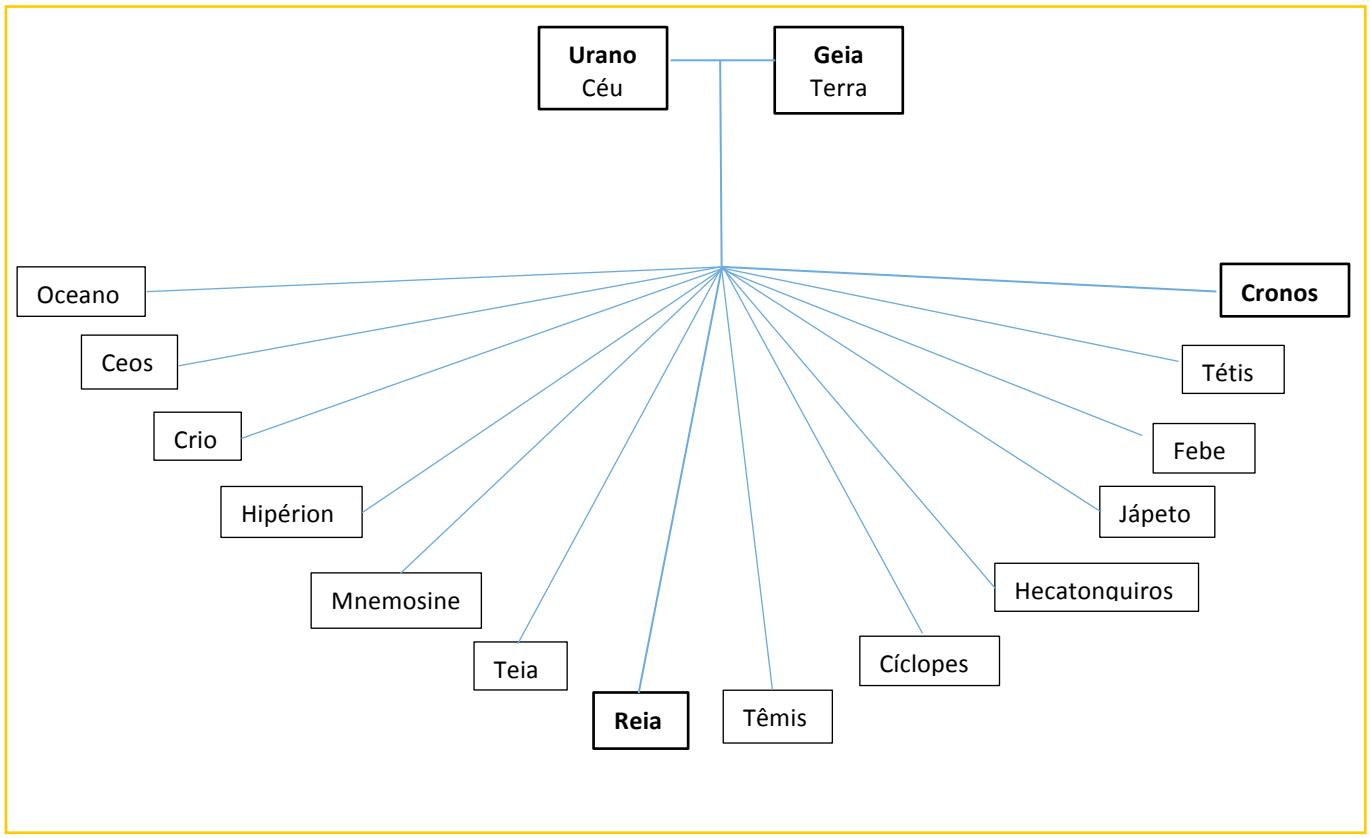
Primeira fase do universo:



Após o princípio do universo a partir do Caos, ocorre a primeira geração divina, onde **Urano** se une a Geia em uma hierogamia, um casamento sagrado, e gera os Titãs, as Titânidas, Ciclopes e Hecatonquiros. Cronos é o caçula desta união.

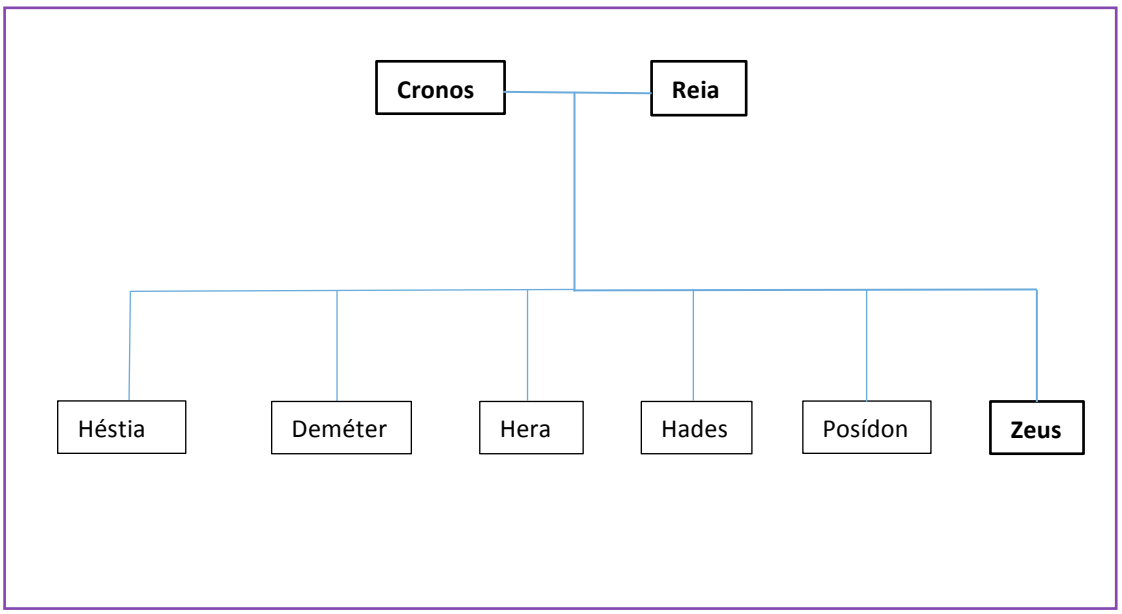
Céu e Terra são a origem do Tempo. Aqui vale uma ressalva. *Se Khronos* é a personificação do tempo e não apresenta uma relação etimológica com *Kronos,* podemos estabelecer uma relação semântica entre eles (BRANDÃO, 2013, p. 208). Urano devolvia os filhos ao ventre materno assim que nasciam. Geia articula com o filho caçula para destronar o pai e lhe entrega uma foice. Cronos corta a genitália e a joga no mar, tornando o soberano impotente e assumindo o seu lugar.

Primeira Geração Divina:



Após destronar o pai, **Cronos** se une a **Reia** e temendo o mesmo fim que seu pai –ser destronado por um de seus filhos– os devorava assim que nasciam. Foi assim com Héstia, Deméter, Hera, Hades e Posídon. Quando grávida de Zeus, Reia foge para Creta para dar à luz, e Geia o esconde nas profundezas inacessíveis. Reia em uma artimanha enrola uma pedra em panos de linho que Cronos prontamente engole pensando ser mais um de seus filhos. Zeus é entregue aos cuidados das ninfas e dos Curetes. Métis, a prudência, dá a Zeus uma droga que faz com que Cronos vomite os filhos que havia engolido. Com a vitória de Zeus contra Cronos, os Titãs, filhos de Urano e Geia, foram lançados ao Tártaro, e os Cíclopes e Hecatonquiros que haviam sido castigados por Cronos acabaram libertados do Tártaro por Zeus.

Segunda Geração Divina



Toda ação gera uma reação. Uma gangorra não sobe sem que a outra parte se abaixe na mesma medida. Existe uma viga que une os extremos e existe um outro eixo que os movimenta. A gangorra é um brinquedo infantil no qual a graça está no movimento gerado por um refletir no movimento do outro. Quando para, a brincadeira acaba, não importa em qual das posições. Vida e morte podem seguir a mesma analogia. Não podemos falar de uma sem implicar a outra. Não podemos mexer em uma sem refletir na outra.

A questão da vida e da morte já ocupou muitos filósofos: dos pré-socráticos até os contemporâneos. Hesíodo faz uma analogia entre o dia e a noite para representar a vida e a morte:

> É, no brônzeo limiar da fatídica porta, que noite e dia se encontram [...] enquanto uma está para descer às profundezas da morada levando em seus braços o Sono, irmão da Morte, e mesmo a funesta Noite [...] o outro surge à porta para levar aos homens o albor e, mais tarde, o fulgor da sua benéfica luz. Mas é lá nos fundos abismos – insiste o poeta – que "os terríveis deuses, Sono e Morte, filhos da tenebrosa Noite, têm sua habitação (ALMEIDA, 2007, p. 25)

Esta polarização vai permear o imaginário grego através de vários mitos. Hades e Dionísio irão representar estes opostos também. Hades é o Deus impiedoso que governa a alma dos mortos nas trevas, e Dionísio é o deus do frenesi, do arrebatamento, da fertilidade, da sexualidade, do gozo e da vida. Dionísio, que em uma outra versão é Zagreus, que em forma de touro os gigantes dilaceram e sobra apenas o coração que engolido por Zeus dará origem a Dionísio, representado este renascer do dilacerado ou desaparecido sob a habitação dos mortos (ALMEIDA, 2007)

Os filósofos pré-socráticos legaram aos elementos da natureza uma qualidade essencial como o princípio do qual tudo nasce e perece. Para Tales de Mileto, era a água; para Anaximandro, o *ápeiron*, para Anaxímenes, o ar; e para Heráclito, o fogo. Uma questão que ocupou estes filósofos foi a da transitoriedade, ou seja, por que os seres nascem, se desenvolvem e degeneram e existe algo irredutível e derradeiro (*athánatos,imortal e agueros, que não envelhece).*

> Mas esta busca por algo irredutível que não se gera, não se corrompe nem envelhece já é reveladora de um conflito que – parece– se desenrola no seio da realidade entre duas tendências originárias: Eros e Tânatos, vida e morte, construção e destruição, ódio e amor. (ALMEIDA, 2007, p. 48)

É Heráclito que vai intuir a tensão criativa originada pela guerra que travam entre si os opostos, lutando, cooperando, entrelaçando-se, imiscuindo-se, separando-se e transformando-se reciprocamente na geração e na degeneração do mundo.

Não importa se estamos nos aproximando do objeto pela filosofia ou pelo mito, ambos buscam explicar o mundo com suas ferramentas que não se excluem ou inviabilizam e sim se complementam como possibilidades de compreensão.

Dia e noite não podem coexistir, apenas encontrar-se, cumprimentar-se e cada qual seguir seu caminho. Assim também vida e morte se relacionam. Dia e noite brincam de gangorra na ordenação dos dias, meses e anos. Não podem ser pensados separadamente, nem de forma estática. É o movimento que os permite se encontrarem no meio do caminho.

Segundo Nietzsche, este encontro entre passado e presente se dá no portal, na soleira do chamado “Instante”, este espaço onde dia e noite, vida e morte podem se encontrar e cada qual seguir o seu caminho.

Nas imagens apresentadas a seguir, optamos por não relacionar um mito exclusivo para cada imagem. O Caos originou primeiro Eros, o amor e Geia a Terra. Em um segundo momento gera a noite e dela nasce Tânatos, a morte. Céu e Terra se unem e geram Cronos, que castra seu pai e devora seus filhos. Em algumas imagens é possível perceber um mito dominante, mas é difícil eleger um mito único. Preferimos não indicar deixando para o leitor as indicações de cada imagem e sua relação com o mito

3.5 Imagens

Quando comecei a fotografar, ainda usava filmes e revelação química, o que implicava em parcimônia em fotografar, pois os custos limitavam os excessos. No quarto escuro, as imagens iam surgindo aos poucos. Os únicos controles possíveis eram o enquadramento, o contraste e a luminosidade. Todas essas etapas levavam mais tempo e mais cuidado, pois o erro saía caro.

Após o advento da fotografia digital os custos deixaram de limitar a quantidade de fotos, mas o cuidado no processo me acompanhou. Hoje o quarto escuro cedeu lugar à tela do computador. No ato de fotografar, muitas vezes sou

atraído por uma composição e é só no processo de selecionar e tratar que compreendo depois de passado um tempo o que me atraiu naquele momento.

Muitas das fotografias apresentadas aqui se revelaram desta forma. Quem enxergou foi o olhar cuidadoso, passivo e não o olhar perscrutador, ativo. É obvio que um não poderia existir sem o outro. Ou seja, o olhar passivo só pode atuar no que o olhar ativo havia adquirido. Assim aconteceu com a imagem abaixo. As flores murchas chamaram a minha atenção, mas foi só no trabalho de edição que pude perceber o diálogo entre as flores e o nome na lápide atrás. É nesse sentido que o texto “Mensagem”, de Fernando Pessoa, dialoga com a revelação da imagem como símbolo.

Cemitério do Araçá

Cemitério da Consolação

Na imagem acima, o céu é cortado por uma avião a jato, ao mesmo tempo em que a escuridão começa a tomar posse do dia. É a contraposição de dois regimes de tempo. Um o tempo constituído de começo, meio e fim, em uma sequência ordenada, linear, como o rastro do jato, e o outro o tempo cíclico de eterno dia/noite, luz/sombra. Dentro de um cemitério, o tempo ganha outras dimensões. Segundo ELIADE (2002), quando entramos na dimensão do sagrado, experimentamos uma outra dimensão temporal. O tempo profano constituído de minutos, horas, compromissos, esse tempo fragmentado e classificado perde sentido e tomamos

contato com o sagrado, com o tempo da eternidade, tempo que não conhece passado e futuro, que não reconhece na morte um final.

Cemitério da Consolação

Esta imagem é uma daquelas que se revelaram depois da aquisição. Como na lápide, tentei ver o nome inscrito e não consegui. Alguns elementos chamavam a minha atenção: a lápide não está em nenhuma sepultura, não indica nada. O espaço entre túmulos onde podemos perceber as folhas secas e o mato crescendo nos interstícios do cimento. A página marcada no canto direito superior do livro e as manchas. Quando me perguntava qual a razão dessa imagem, comecei a compreendê-la. Ela é a representação da ausência, do nada, do eterno ciclo que não reconhece a individualidade, a particularidade. Após a morte, o que resta e por quanto tempo? Essa angústia de se saber um nada, um não lugar, uma não corporeidade, uma memória vaga. A única coisa escrita no livro aberto é a passagem do tempo.

Cemitério de Pinheiros

A fotografia congela o instante de forma bidimensional. A estátua de bronze eterniza o momento, a pessoa, o sentimento de maneira tridimensional.

A imagem acima apresenta a efemeridade da vida ante o tempo. Não importa em que dimensão estamos tratando, bidimensional, tridimensional, a flor constituída por células ou a flor de bronze. Todos estão sujeitos à passagem do tempo. A flor viva, colhida do campo vai perdendo seu vigor a uma velocidade muito maior que a flor de bronze, copiada, esculpida, moldada que tenta resistir à passagem do tempo.

Dois tempos, ou melhor, de duas escalas de tempo. Tempo de criar, formar e tempo de desmanchar, dissolver. Mesmo a flor de bronze sucumbe, oxida-se, dissolve-se, apenas demanda um tempo maior.

Igreja dos Aflitos

Dois momentos. Dois tempos. O entralhe que transformou a madeira bruta em altar. A pintura que recobriu e que desgastada mostra novamente a essência – começo e fim. A flor e o botão. Tempo que engendra a flor e amadurece o fruto

Cemitério da Consolação

Cemitério da Consolação

Cemitério da Consolação

Quando pensamos em algo sólido, resistente, duro, atemporal, somos remetidos ao velho ditado: “Sólido como uma rocha”.

Se existe algo capaz de resistir ao tempo, as intempéries, as mudanças, são as rochas. É só pensar nas pirâmides do Egito, Stonehenge (Inglaterra), em Machu Picchu (Peru). Monumentos construídos há milhares de anos e que chegaram até nós como prova da civilização que os concebeu. O meu nome se escreve na pedra... símbolo da permanência.

O mármore, o granito, a pedra dura e o tempo, sempre escorrendo como areia na ampulheta. Areia que abrasa e desgasta, apaga. Assim esta imagem nos remete à passagem do tempo e a dissolução, a perda de identidade, o esquecimento. Nem mesmo a pedra resiste à passagem inexorável do tempo, e até ela “tem os dias contados”.

Existiu uma pessoa que viveu nesse mundo, teve uma história de vida, talvez tenha tido filhos, herança, doença. Quando morreram seus parentes ou amigos decidiram enterrá-la, e para que o tempo não apagasse sua história da memória das pessoas escreveram seu nome em uma pedra, uma lápide. O tempo correu. Esta pessoa e seus restos mortais não existem mais. Seu nome na lápide foi apagado pelo tempo. O relevo se tornou quase imperceptível. Até a própria lápide começa a apresentar sinais dos tempos. A rachadura que fragmenta, as intempéries que apagam, o tempo que consome. Cronos devorando seus filhos.

Cemitério da Vila Mariana

Cemitério da Consolação

A essência recoberta com tinta e o tempo que apaga as marcas e expõe as vísceras, o cerne. A corrosão que não distingue o mármore, o ferro e nem o corpo soterrado. As marcas que vão se apagando na memória. Cronos devora os seus filhos indiferentemente um a um.

Cemitério Chora Menino em Santana, São Paulo

O diálogo entre as folhas das samambaias e as folhas de acanto. Uma se imiscuindo pela porta entreaberta, a outra congelada pelo tempo. O tempo que germinou os esporos da samambaia opacificou o vidro e corroeu o metal, mas não deixou de refletir o lugar onde se encontra.

Cemitério Chora menino em Santana, São Paulo

Esta foto foi selecionada pelo registro temporal que representa. Da direita para a esquerda a primeira foto em preto e branco impressa na porcelana, a segunda foto colorida artificialmente. A terceira foto já da época dos filmes coloridos e a quarta manipulada digitalmente, são uma brincadeira com Cronos que devora com diferentes temperos.

Cemitério do Brás (Quarta Parada)

O tempo que desgasta a pedra acumula o pó que desfigura preso nas teias tecidas.

Cemitério São Paulo

Esta foto foi feita em um final de tarde, quando a manutenção já tinha dado conta da lida diária. Neste momento várias folhas tinham sido varridas e estavam juntas esperando para serem recolhidas. Apenas esta folha solitária repousava sobre um túmulo. Nela podemos perceber as marcas do tempo e da dissolução: o ressecamento, os fungos se instalando e a decomposição devolvendo à terra o que da terra lhe foi tomado. Não, não existe solidariedade na dissolução.

Cemitério do Brás (Quarta Parada)

Esta pessoa retratada na imagem, teve corporeidade, nome, desejos, família. Um dia a morte o tomou nos braços e o subtraiu do convívio. Ainda estava vivo na memória dos mais próximos que certamente contavam histórias. Mas mesmos estes também já se foram e hoje o que resta é a imagem apagada de uma memória que talvez não signifique nada para mais ninguém. É o branco da porcelana que vai reaparecendo como o fundo onde se impregnou a imagem.

Cemitério do Brás (Quarta Parada)

Cemitério da Consolação

O olhar descascado da imagem, sem véus, sem tintas, sem dissimulações que turvem a vista. O olho é o cerne, o centro o instrumento.

Marcas da Ausência - Cemitério da Penha

Cemitério do Brás (Quarta Parada)

A árvore é um elemento simbólico que faz a ligação entre a terra e o céu, é muito comum nos cemitérios encontrarmos grandes pinheiros que se destacam como colunas isoladas. Ceifada como representação do final da vida e está presente em diversos jazigos de diferentes cemitérios. Nessa imagem mesmo cortada sobrevive ao tempo como a foto do casal na parede.

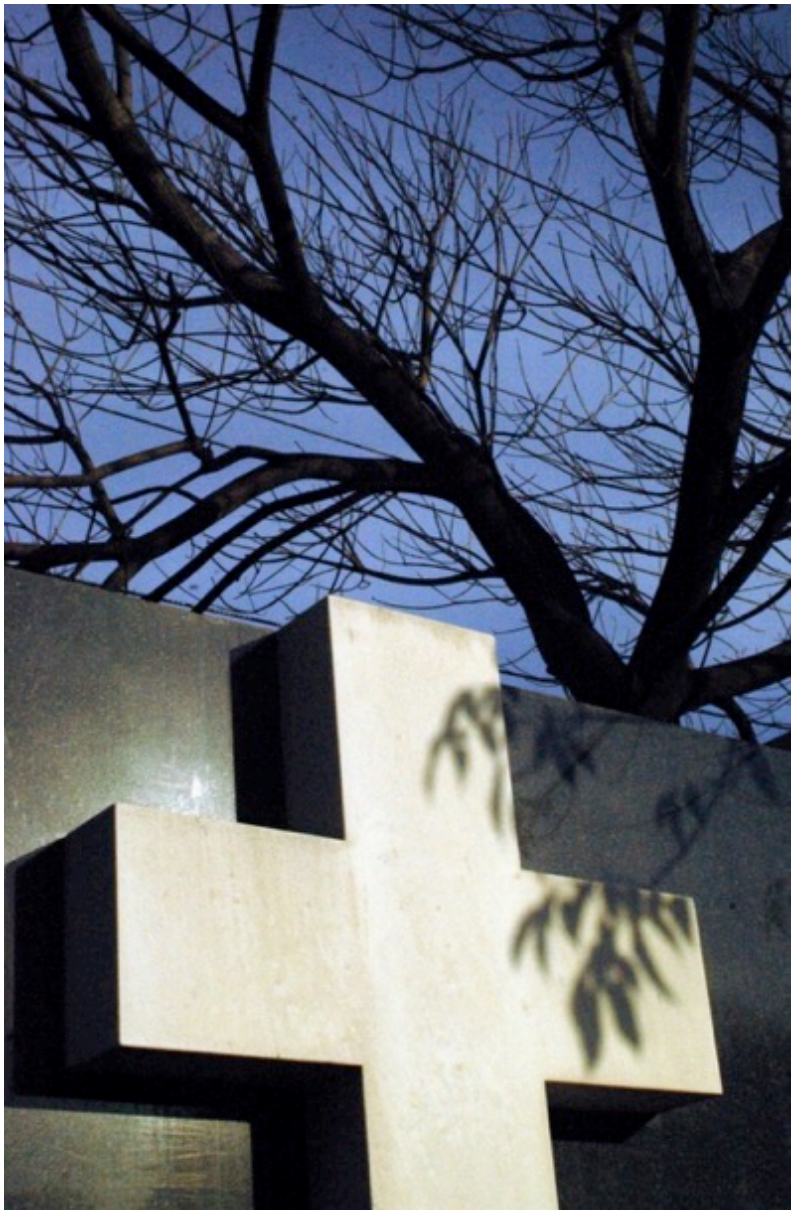
Cemitério da Consolação

Igreja dos Enforcados

Todos unidos somos um! Esta foto representa um acidente que ceifa a todos de todo o resto. Quando vejo esta imagem uma grande angústia me toma. A morte trata a todos da mesma forma. Ricos e pobres, homens e mulheres, adultos e crianças, conhecidos e estranhos. Eros que permitiu a união do pólen e do óvulo, Cronos que viu crescer e Tânatos que ceifa a todos de uma só vez.

Cemitério da Consolação

Neste período das fotos, alguma coisa começou a aparecer nas imagens que eu retratava. O foco da imagem está na frase: "*Orae por ella*", no último plano. Logo à frente podemos perceber várias plantas secas, mortas, se decompondo, e, em primeiro plano, completamente fora de foco, várias plantas (as mesmas) vicejando.
Esta imagem marca a forma como a vida começa a se embrenhar nas imagens. É o primeiro plano que não discernimos com clareza suas formas, é o pedido claro, quase uma súplica: "Orae por ella". Quem é ela? A vida que surge ou a morte que se manifesta?



Cemitério São Paulo

Esta árvore sem folhas entre o azul do céu e os fios de eletricidade está situada fora do cemitério, nos domínios do nosso mundo cotidiano, de vai e vem, da pressa, do tempo linear com começo meio e fim. Na parte inferior da foto uma cruz branca sobre o fundo de granito preto, as duas polaridades, o claro e o escuro, o dia e a noite unidos em um mesmo objeto. Na cruz podemos ver a sombra de um galho com suas folhas.

A árvore real, sem folhas, morta na sua funcionalidade está fora do cemitério. Em compensação a sombra projetada na cruz dento do cemitério (domínio da morte) remete a uma árvore vicejante, onde as folhas brotam. O real cemitério e a sombra da vida, em contraposição à real árvore sem vida fora do cemitério.

Cemitério da Lapa

O vento. O mesmo vento que carregou a semente desgastou a pedra dura. A germinação da semente explode sua potência de vida. A semente levada pelo vento encontrou um lugar para demonstrar onde germinar, e começa a exibir sua potência de vida. O vento encontrou um lugar para demonstrar seu poder de dissolução e encontrou um lugar para demonstrar sua potência de morte.

Cemitério São Paulo

A cor fria do granito se contrapõe ao quente do rosa, das flores que estão fenecendo sobre a lápide. As flores são os órgãos reprodutores das plantas, são elas que permitirão a perpetuação da espécie. É na flor que encontramos as partes masculinas e femininas que se unem na fecundação do óvulo pelo grão de pólen. Depois de fecundadas, as flores fenecem para dar origem aos frutos que carregam as sementes de uma nova árvore. A árvore que deu origem às flores é uma imagem espectral no túmulo onde as flores reais que fenecem na esperança das sementes carregadas pelos frutos

Cemitério São Paulo

O Pai, o Filho e o Espírito Santo. A tríade. A estátua é a representação de algo real, e sua sombra projetada é a imagem do irreal representando o real. Mas se a sombra é ausência, o fato de ela ser reproduzida é intrigante. O real, a representação, sua sombra e a projeção da sombra. A projeção da sombra. A ilusão dos sentidos permite que a imaginação ganhe asas na tentativa de compreensão.

3.6 A vida nos cemitérios

Vida e morte. Morte e vida. O eterno ciclo de construção, destruição e reconstrução. A dança de Shiva que Fritjof Capra relata ao ser arrebatado em sua experiência mística e racional:

> Estava eu sentado na praia, ao cair de uma tarde de verão, e observava o movimento das ondas, sentindo ao mesmo tempo o ritmo de minha própria respiração. Nesse momento, subitamente, apercebi-me intensamente do ambiente que me cercava: este se afigurava como se eu participasse de uma gigantesca dança cósmica. Como físico, eu sabia que a areia, as rochas, a água e o ar ao meu redor eram feitos de moléculas e átomos em vibração e que tais moléculas e átomos, por seu turno, consistiam em partículas que interagiam entre si através da criação e da destruição de outras partículas. [...] Tudo isso me era familiar em razão da minha pesquisa em física de alta energia; até aquele momento, porém, tudo isso me chegara através de gráficos, diagramas e teorias matemáticas. Sentado na praia, senti que minhas experiências anteriores adquiriram vida. [...] Nesse momento *compreendi* que se tratava da Dança de Shiva, o Deus dos dançarinos, adorado pelos hindus.[2] (CAPRA, 1995, p. 13)

Este mesmo arrebatamento nos toma quando nos permitimos aproximar dos limites, vida e morte, vida e sexo, sexo e morte. A formação ocidental, cartesiana e fragmentária embaça a nossa visão e passamos a enxergar parcialidades como processos fechados, estanques e incomunicáveis. Desta forma, a vida, o sexo e a morte são encarados como processos distintos que se encerram a si mesmo. Quando nos encaminhamos para uma visão mais ampla, mais holística desses

[2] CAPRA, Fritjof. **O TAO da Física.** Um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental. São Paulo. Ed Cultrix, 1995.

processos, passamos a perceber as tênues relações que transitam e os unem formando um tecido complexo e dinâmico.

> Segundo a crença hindu, todas as vidas são parte de um grande processo rítmico de criação e destruição, de morte e renascimento e a dança de Shiva simboliza esse eterno ritmo de vida-morte que se desdobra em ciclos intermináveis. (CAPRA, 1995, p. 183)

> Na noite de Brahman, a Natureza acha-se inerte e não pode dançar até que Shiva o determine: Ele se ergue de seu êxtase e, dançando, envia através da matéria inerte ondas vibratórias do som que desperta e vêde!, a matéria também dança, aparecendo como uma glória que o circunda. Dançando, Ele sustenta seus fenômenos multiformes. Na plenitude do tempo, dançando ainda, Ele destrói todas as formas e nomes pelo fogo e lhes concede novo repouso. Isto é poesia e, contudo, também é ciência".[3] (COOMARASWAMY, 1969, P. 78)

> Os diversos significados da dança são transmitidos pelos detalhes dessas figuras através de uma complexa alegoria pictórica. A mão direita superior do deus segura um tambor que simboliza o som primordial da criação; a mão esquerda superior sustenta em língua de chama, o elemento da destruição. O equilíbrio das duas mãos representa o equilíbrio dinâmico entre a criação e a destruição do mundo, acentuado ainda mais pela face calma e indiferente do Dançarino no centro das duas mãos, no qual a polaridade entre criação e destruição é dissolvida e transcendida. A segunda mão direita ergue-se num gesto que significa "não tenha medo", expressando manutenção, proteção e paz; por sua vez, a mão esquerda remanescente aponta para baixo, para o pé erguido e que simboliza a libertação da

[3] A. K. Coomaraswamy, *The dance of Shiva,* p. 78. Nova York: The Noonday Press, 1969.

> fascinação de *maya*. O deus é representado dançando sobre o corpo de um demônio, símbolo da ignorância do homem e que deve ser conquistado antes que seja alcançada a libertação. (CAPRA, 1995, p. 184)

Neste ponto podemos abordar a importância que o sexo desempenhou na articulação das políticas da vida: o saber/poder, de um lado as disciplinas do corpo: adestramento e disciplina dos corpos e do outro à regulação das populações. "O sexo é acesso, ao mesmo tempo, à vida do corpo e à vida da espécie. [...] a sexualidade tornou-se a chave da individualidade: ao mesmo tempo, o que permite analisá-la e o que torna possível construí-la". (FOUCAULT, 1988, p. 159)

É importante ressaltar que esta sexualidade está relacionada à individuação, a sua representação nos túmulos seria representativa da individualidade e unicidade de cada família

> Foram os novos procedimentos do poder, elaborados durante a época clássica e postos em ação no século XIX, que fizeram passar nossas sociedades de uma *simbólica do sangue* para uma *analítica da sexualidade.* Não é difícil de ver que se há algo que se encontra do lado da lei, da morte, da transgressão, do simbólico e da soberania, é o sangue; a sexualidade, quanto a ela, encontra-se do lado da norma, do saber, da vida, do sentido, das disciplinas e das regulamentações. (FOUCAULT, 1988, p. 161)

A aproximação que nos propomos não é uma história de como o corpo humano foi significado, apreendido e representado pelas diferentes culturas em diferentes períodos, e sim da vida que perpassa através dos corpos. Do corpo como base material para a vida, partindo de uma perspectiva sanguínea, apoiada nas leis e tendo por base as imagens de morte, para outra temporalidade, outra perspectiva, baseada na valorização da vida e dos mecanismos de manutenção e potencialização apoiados na sexualidade. Defendemos nesse trabalho que é durante a primeira República paulistana que irá se dar essa migração de uma

sociedade estruturada pela morte, portanto, sanguínea para uma sociedade onde a vida terá um papel preponderante e o sexo relacionado à manutenção das estruturas relacionadas à vida, seja na sua perpetuação enquanto espécie ou no processo de criação da individualidade. Dessa forma, é a partir desse período que os mecanismos relacionados à vida irão ganhar sentido. A valorização do jovem, do saudável, do belo estão relacionados a esses mecanismos e a velhice a doença e a decrepitude estão relacionados à morte, e portanto devem ser minimizados e desvalorizados se o que se deseja é a valorização da vida. Não é uma análise simplista que que vai se apoiar apenas nas representações de vida e morte e sim no papel que essas representações apresentam ao dialogar com o período estudado onde a ascensão de uma burguesia que passa a ocupar um lugar de destaque na nova ordem econômica e social e que deseja manter essa situação em todas as suas possibilidades e que vai se valer de todos os instrumentos possíveis na manutenção desse espaço de poder. A morte como elemento que irá acabar com essa individualidade precisa ser enfrentada e mitigada. Todas as representações, não apenas as visuais, que possibilitem a supremacia da vida sobre a morte irão encontrar eco no período. Vale lembrar que o positivismo encontrou um terreno propício ao seu desenvolvimento e é sabido o papel que os símbolos desempenharam na construção desse novo imaginário. (a formação das almas)

> Não uma história das “mentalidades”, portanto, que só leve em conta os corpos pela maneira como foram percebidos ou receberam sentido e valor; mas “história dos corpos” e da maneira como se investiu sobre o que neles há de mais material, de mais vivo. (FOUCAULT, 1988, p. 165)

Temos, portanto, em dois polos a vida e a morte. Instâncias extremas, mas que dialogam e se interdependem. O sexo é o pêndulo que vai oscilar entre um polo e outro, como extremos estáticos, fazendo a ligação entre eles, e nesse aspecto o sexo vai estar associado à vida e à morte. Biologicamente é o sexo que inaugura a morte. A reprodução e consequentemente a geração de novos seres pode ser assexuada ou sexuada. Assexuada quando ocorre sem a participação de gametas e sexuada com a participação de gametas. Quando a vida se transmite de maneira

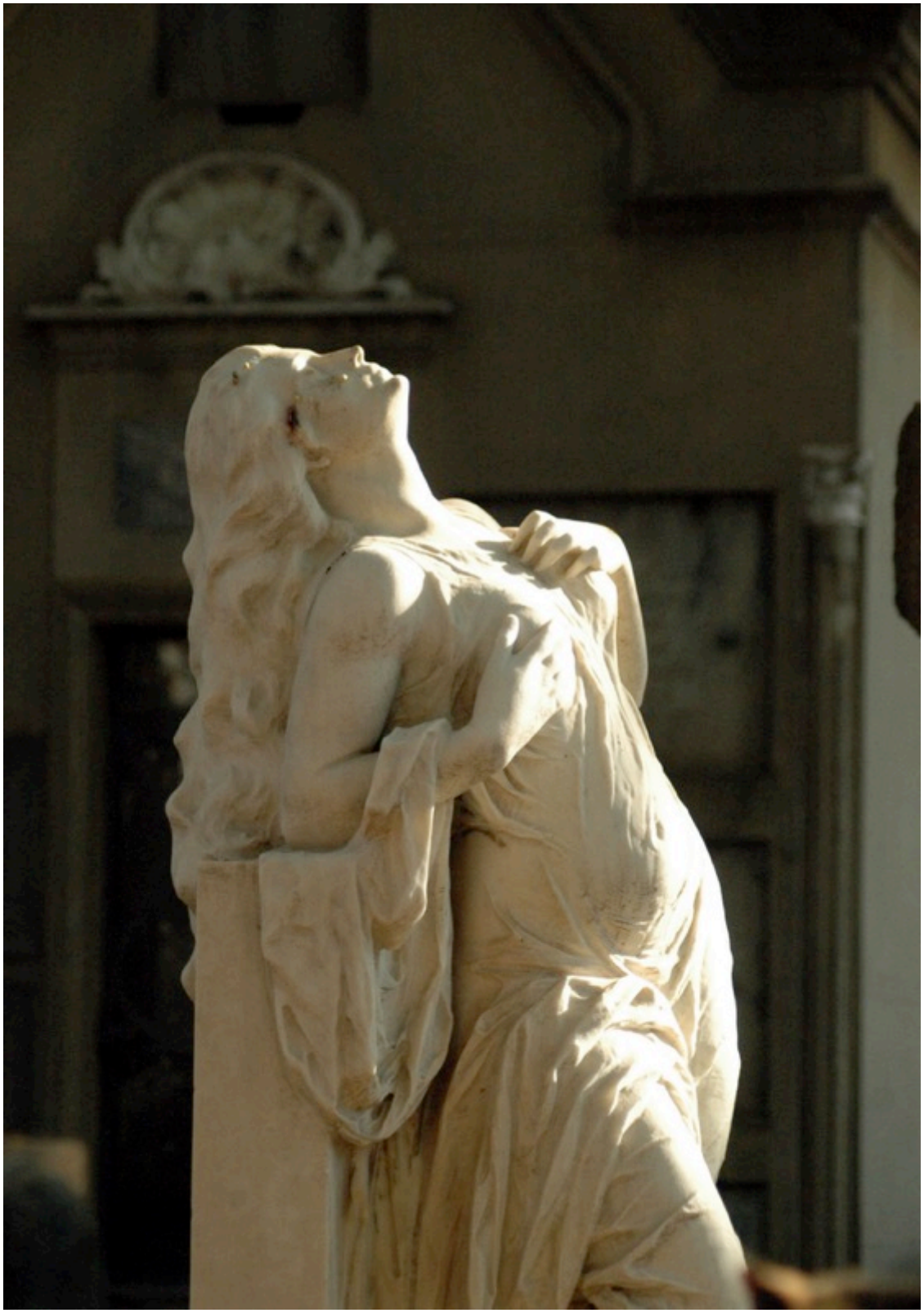
assexuada os novos indivíduos gerados não apresentam variabilidade genética. Com a reprodução sexuada, aquela onde há a participação de gametas masculinos e femininos, espermatozoide e óvulo, é que se inaugura a individualidade, onde dois seres diferentes geneticamente entre si dão origem a um ser que compartilha metade do material genético com cada genitor, e que, portanto, é único e apesar de compartilhar metade do material genético dos genitores e é diferente de ambos. A morte para a espécie surge junto com a vida, mas morte para o indivíduo surge com o sexo. Deste modo é impossível separar a vida, a morte e o sexo.

Existem nos cemitérios uma série de imagens com um apelo erótico que remete a uma sensualidade que é difícil acreditar que estão relacionadas à morte. Imagens que não dialogam com as danças macabras, nem com a visão romantizada da morte. Também não remetem à fertilidade e à colheita, nem ao fascínio de uma bela morte. O apelo é muito mais de uma pulsão sexual do que uma aceitação da morte.

Neste ponto, podemos abordar a importância que o sexo desempenhou na articulação das políticas da vida: o saber/poder, de um lado as disciplinas do corpo: adestramento e disciplina dos corpos e do outro à regulação das populações. “O sexo é acesso, ao mesmo tempo, à vida do corpo e à vida da espécie. [...] a sexualidade tornou-se a chave da individualidade: ao mesmo tempo, o que permite analisá-la e o que torna possível construí-la”. (FOUCAULT, 1988, p. 159)

É importante ressaltar que esta sexualidade está relacionada à individualização, a sua representação nos túmulos seria representativa da individualidade e unicidade de cada família

Foi somente depois que a vida começou a irromper nas minhas imagens é que pude perceber a eroticidade presente nos cemitérios que fotografava. Este foi o começo do percurso que me conduziu a esta pesquisa.



Cemitério da Consolação

A volúpia do gesto, a leveza do tecido colado ao corpo, os cabelos soltos, o pescoço que se oferece e o êxtase da entrega.

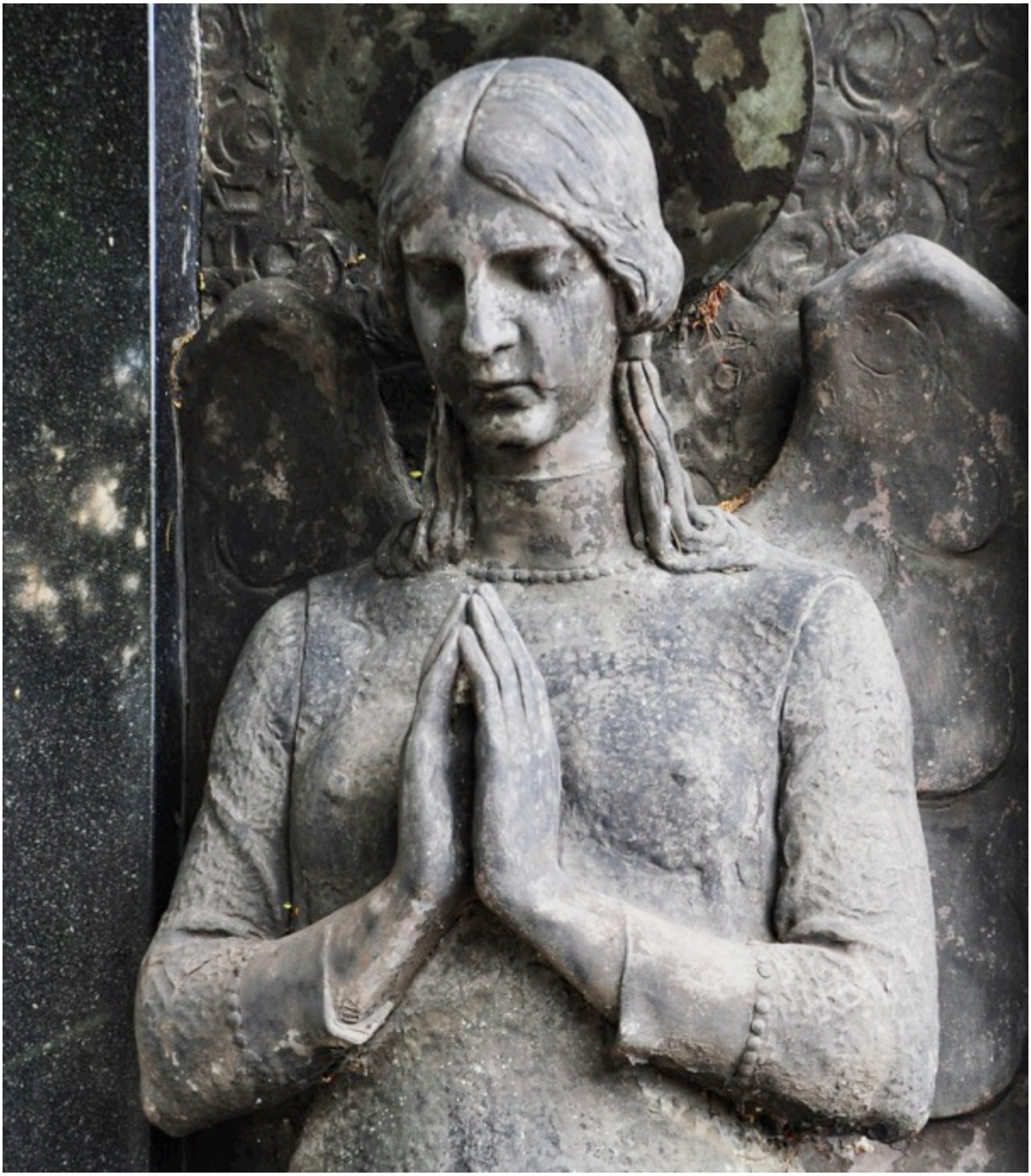
Cemitério da Consolação

Cemitério da Consolação

Cemitério da Consolação

Cemitério da consolação

Cemitério da Consolação

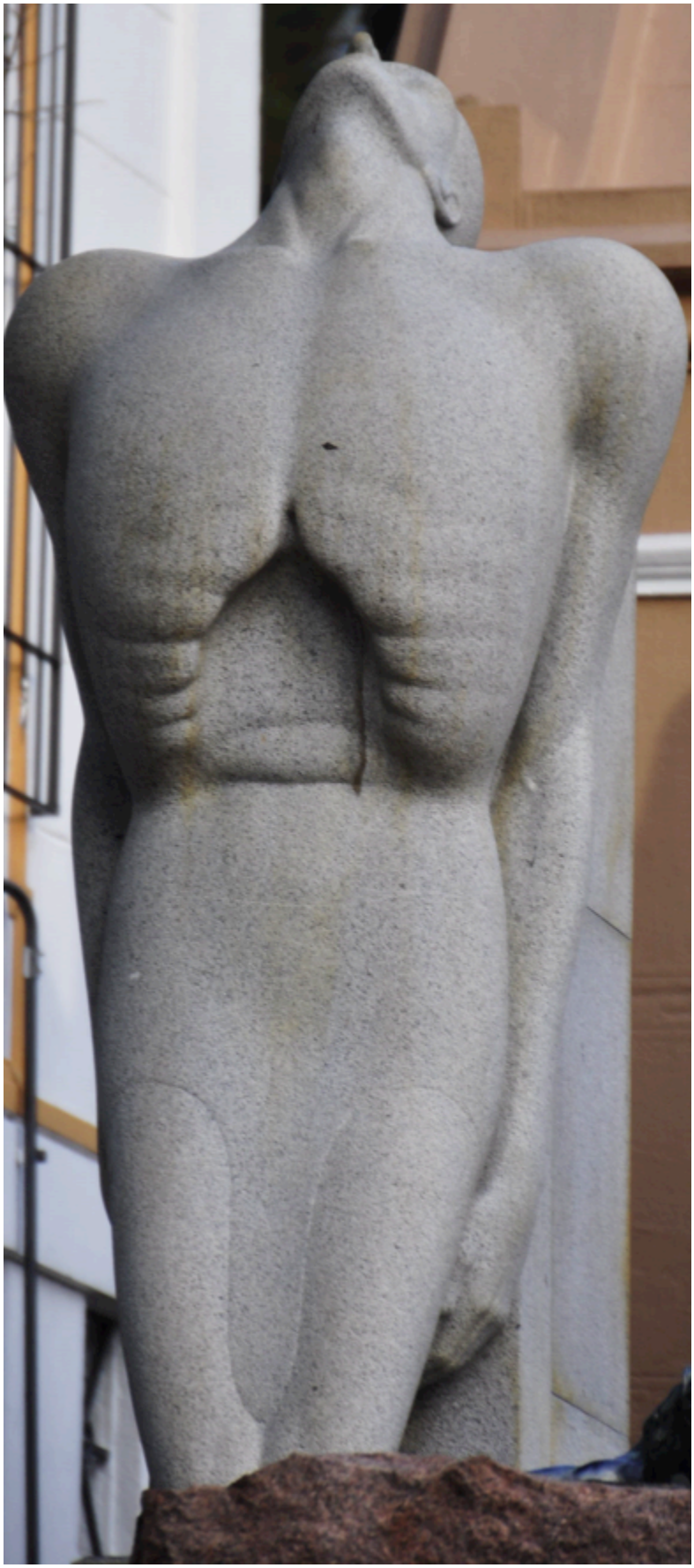


Cemiterio do Brás (Quarta Parada)

Cemitério São Paulo

Cemiterio da Consolação

Cemitério da Consolação

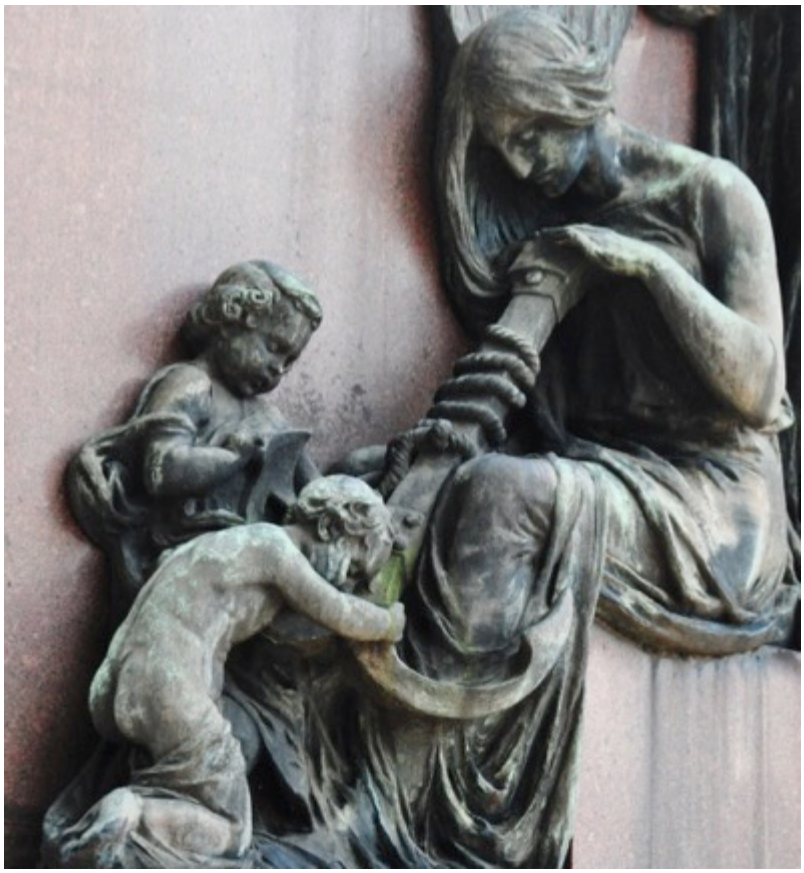


Cemiterio da Consolação

Cemitério da Consolação

Cemitério São Paulo

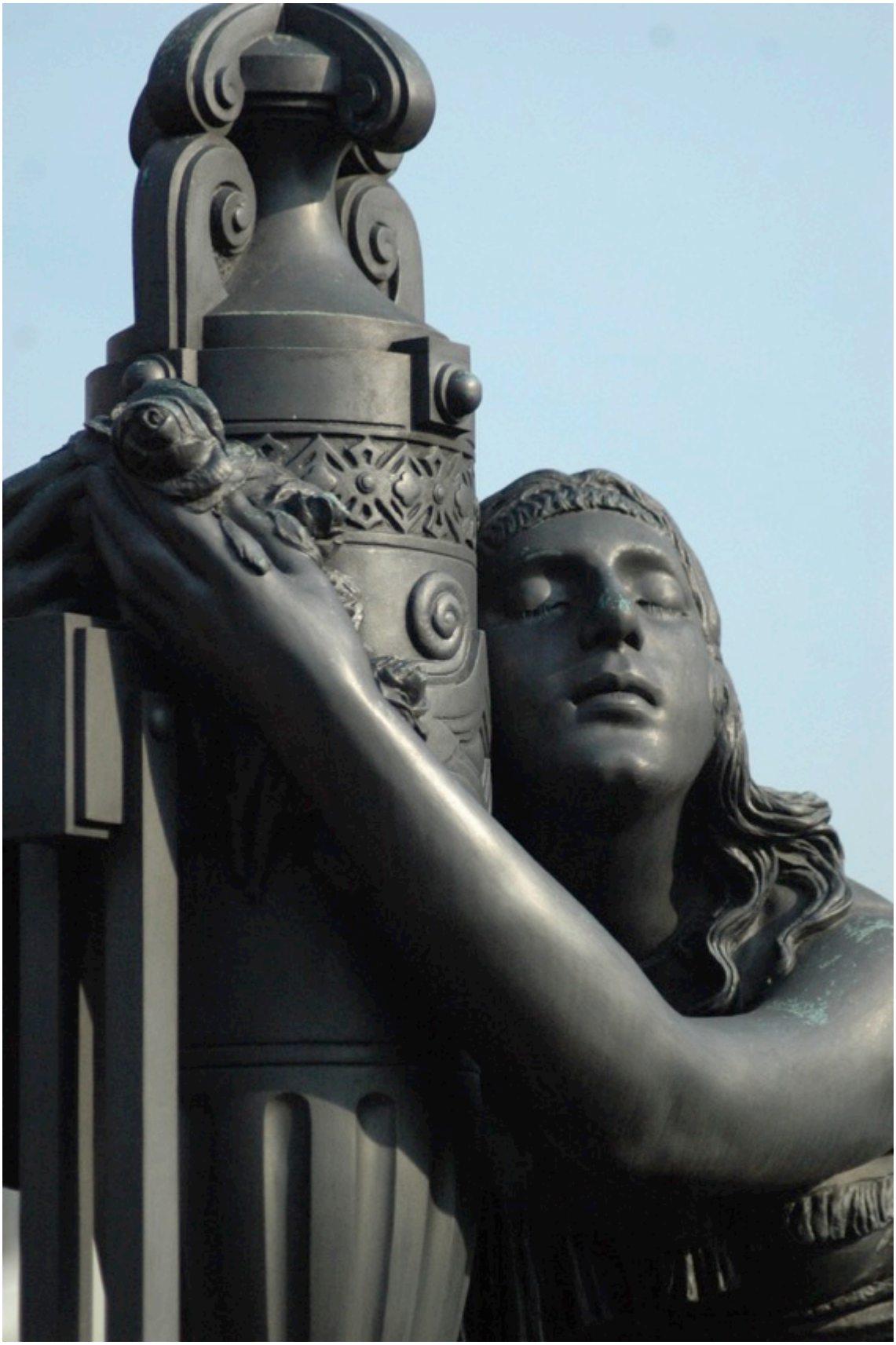
Cemitério São Paulo



Cemitério do Brás (Quarta Parada)

Cemiterio da Consolação

Cemitério da Consolação

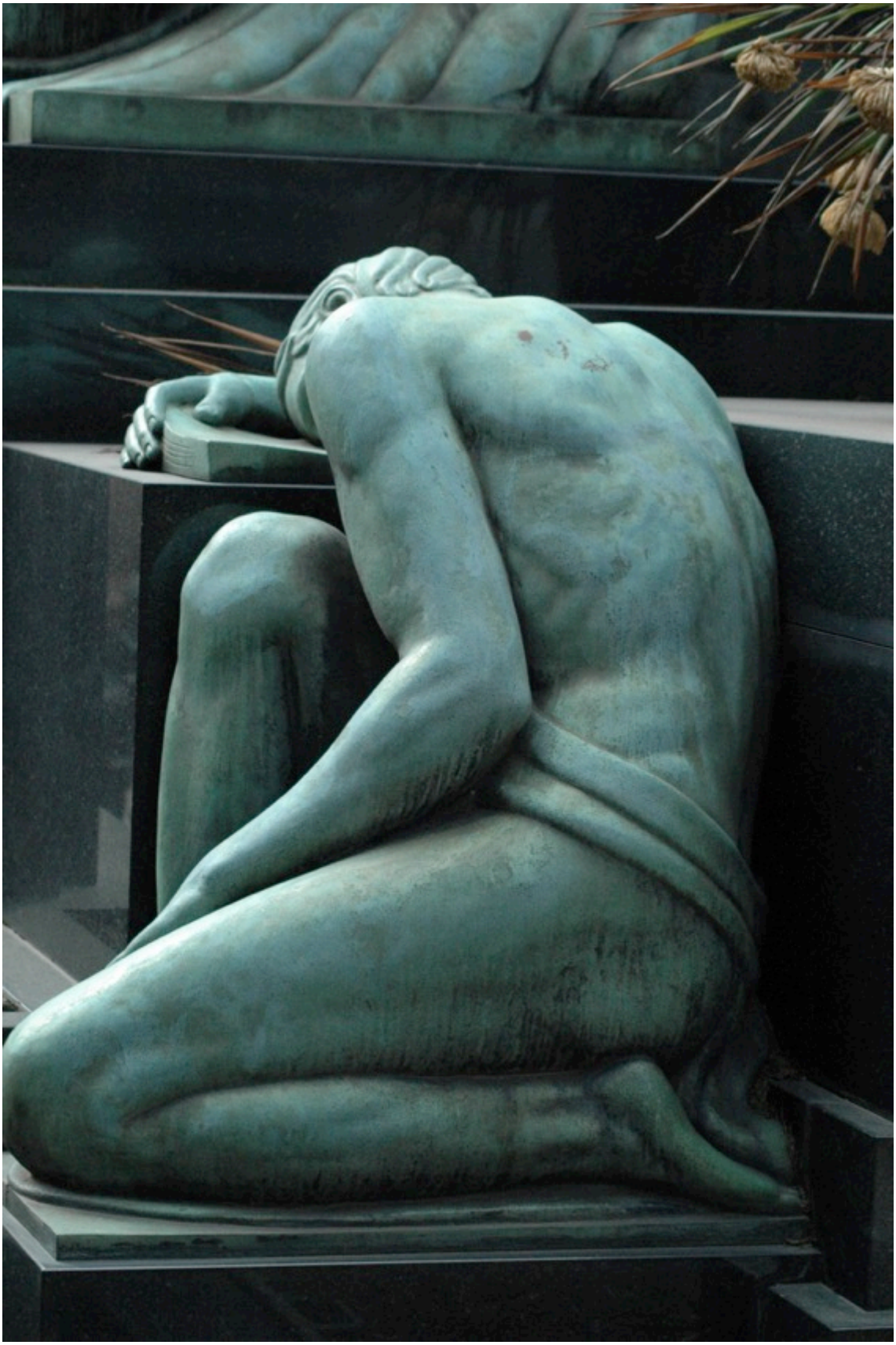


Cemiterio da Consolação

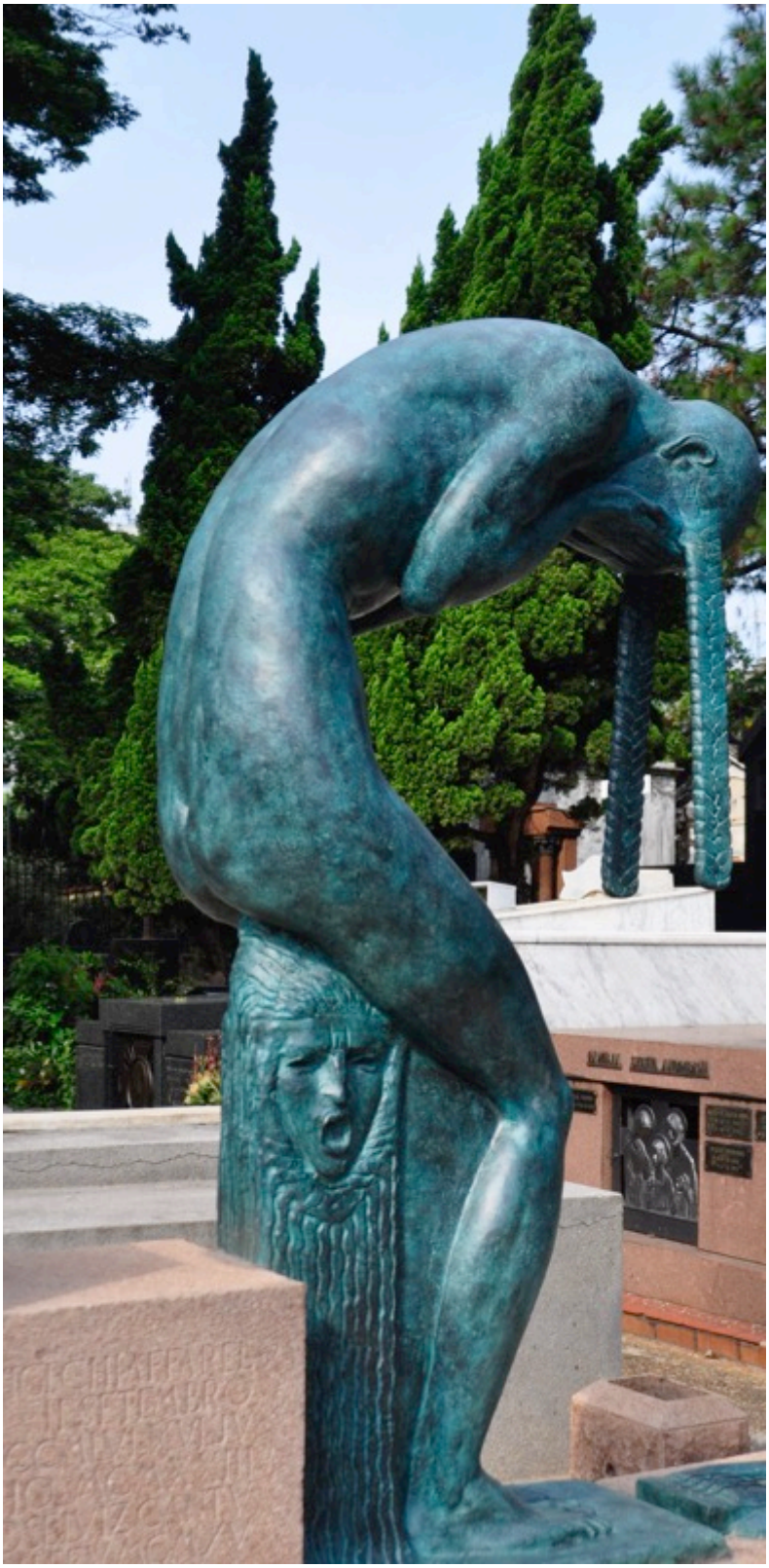
Cemitério São Paulo

Cemitério São Paulo

Cemitério da Consolação

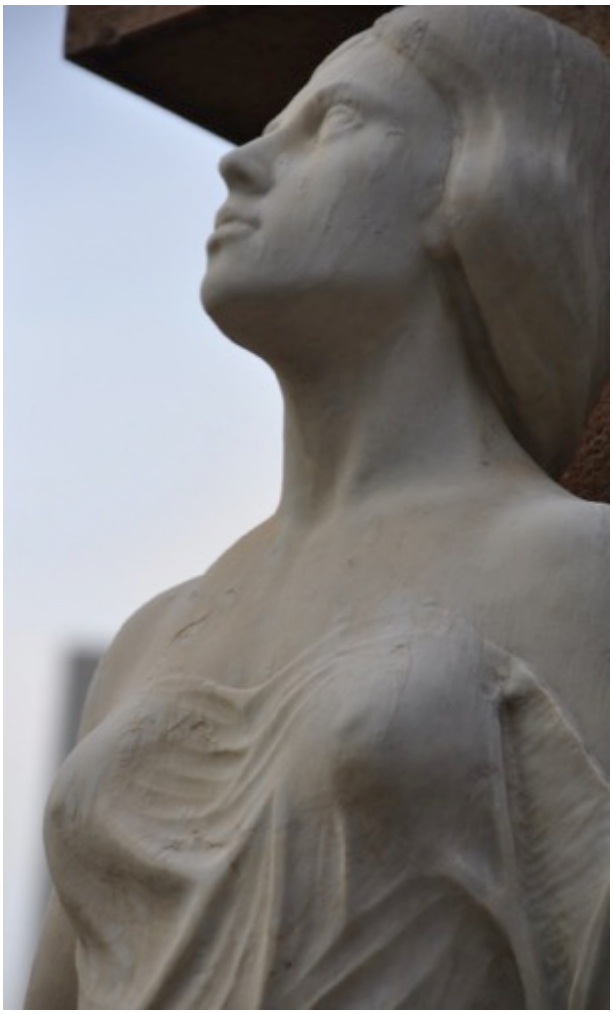


Cemitério da Consolação



Cemitério da Consolação

Cemitério da Consolação



Cemitério da Consolação

Cemitério São Paulo

Cemitério da Penha

Cemitério da Consolação

Cemiterio do Brás (Quarta Parada)

Cemitério São Paulo

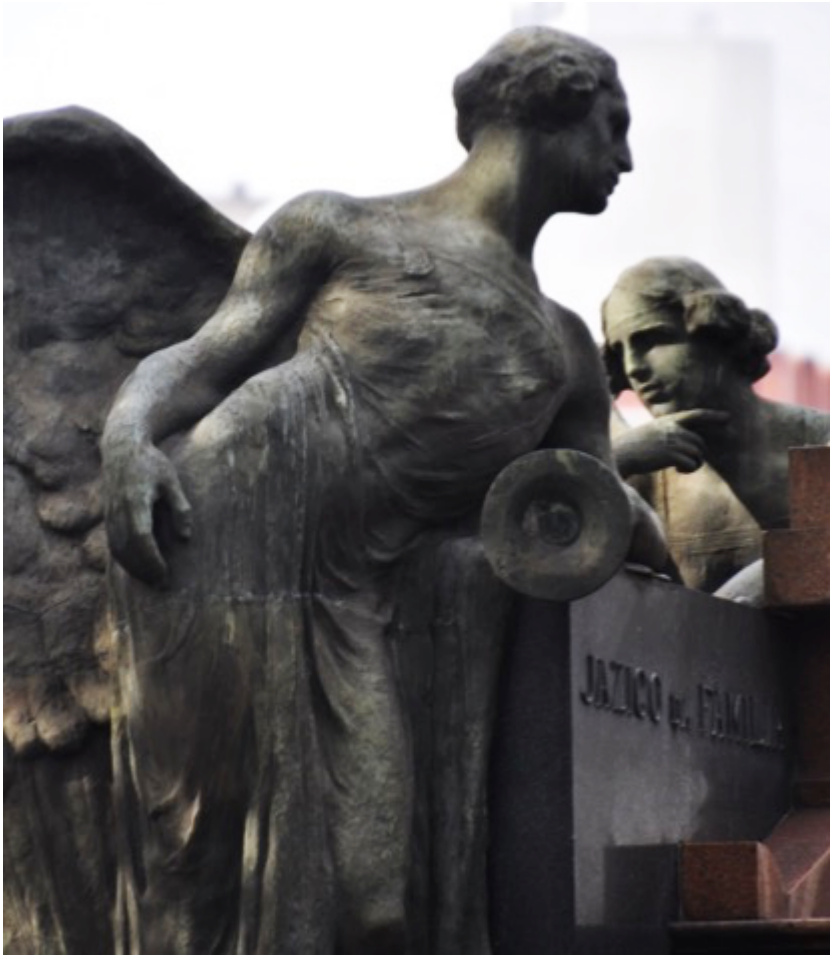
Cemitério da Consolação

Cemitério da Penha

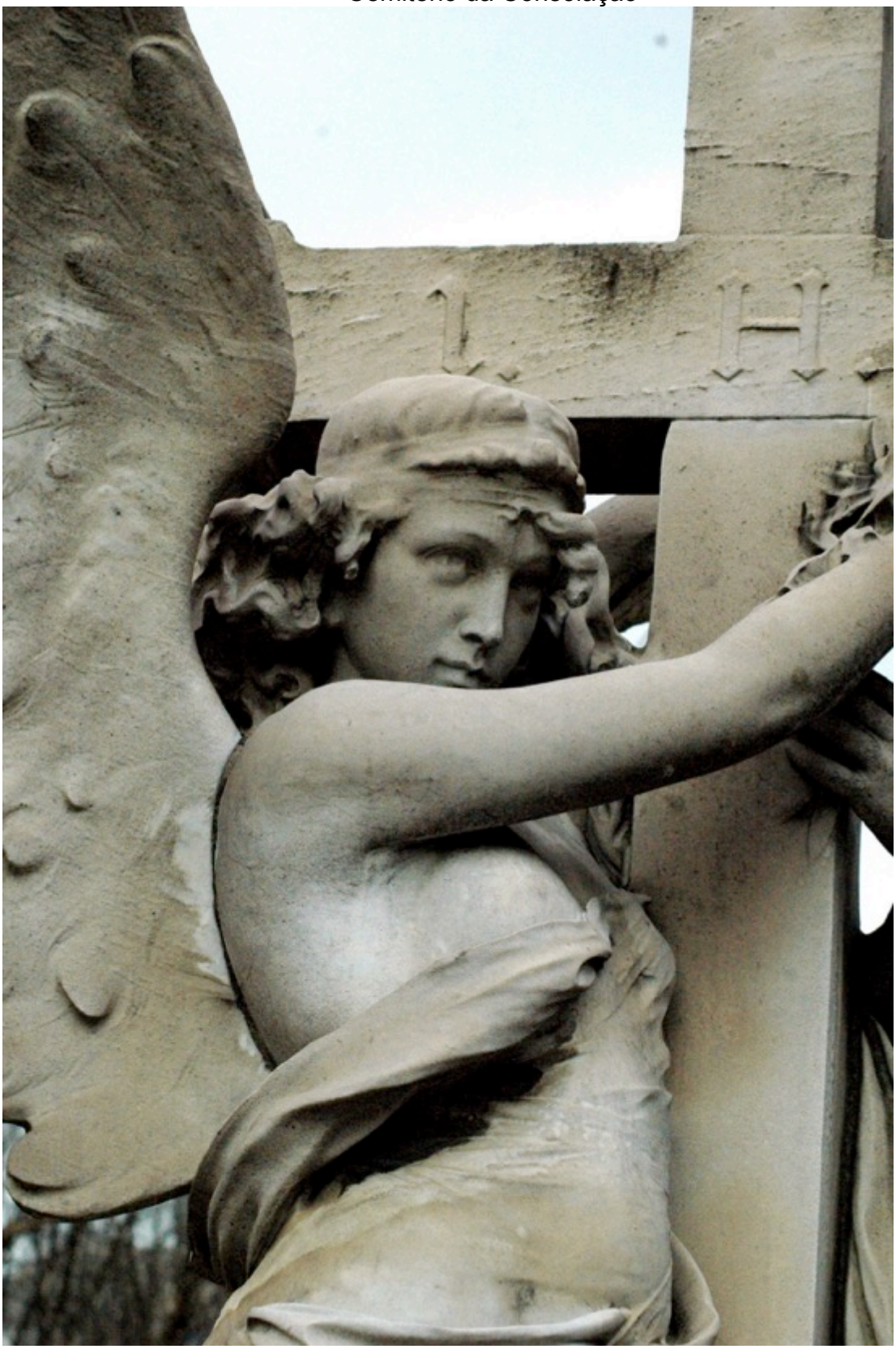
Cemitério da Consolação

Cemitério São Paulo

Cemitério da Consolação



Cemitério da Consolação



Cemitério da Consolação

Esta é uma das minhas favoritas. O peito desnudo as mãos abraçando a cruz, o movimento dos cabelos, a leveza da roupa e este olhar.

3.7 Considerações Finais

Galhos ramos e folhas. O tronco de uma árvore é responsável pela ligação entre as raízes que absorvem a água e que vai se ramificando até chegar em cada uma das folhas que recebem a radiação solar para transformar em alimento o gás carbônico da atmosfera. Existe algo que não vemos nesse processo. As raízes precisam cavar cada vez mais profundo na busca da água e da garantia à sustentação da copa. Existe uma disputa invisível aos olhos, travada pelas raízes na profundidade da terra, cujo objetivo é a sobrevivência. Da mesma forma, a copa das árvores trava uma disputa cotidiana na busca pela luz, pelos polinizadores que levam o pólen durante a fecundação, na disputa pelos agentes dispersores que irão levar as sementes protegidas pelos frutos para gerar novas árvores distantes da árvore que lhes deu origem. Todos esses processos travados no cotidiano vegetal passam desapercebidos pela grande maioria. Às vezes, alguns mecanismos revelam sinais desta luta. A tempestade que arranca várias árvores de uma só vez, as câmaras de *stop motion* que registram grandes períodos de tempo e os

condensam em poucos segundos ou minutos. Esta imagem é a representação dessas tensões percebidas na copa das árvores.

Esse mesmo mecanismo, pode ser aplicado a este trabalho. As transições entre a vida e a morte só nos são revelados por eventos de grande impacto e vulto, pela condensação do tempo de uma vida em poucos minutos ou pelas imagens que podem revelar esses limites e o trânsito entre eles. Como a copa das árvores e suas raízes, o que mostramos aqui é um quadro transitório no sentido de que não pode ser dado como definitivo em sua forma, mas como as árvores é eterno. Uma vez que uma árvore que morre e deixa de existir permite a existência de outras árvores, às vezes da mesma espécie, outras não. Mas com certeza uma árvore continuará a existir, apesar de não podermos prever como serão suas raízes ou sua copa.

No princípio era o Caos. A matéria informe, prolífica, energia bruta, o vazio. É assim que também esse trabalho de mestrado se iniciou. Com uma grande potência, uma grande possibilidade, mas sem forma e direção.

Do Caos surgem Geia, a Terra, a Matéria primeira (Mater), o princípio feminino; o Tártaro, o mundo mais profundo, e Eros o amor.

Eros é a força capaz de gerar, de unir. É o ímpeto. No princípio caótico deste trabalho, todas as potencialidades precisavam ser direcionadas em um caminho criativo, capaz de produzir algo. Nesse sentido, Eros emerge do Caos primevo, é a força que possibilita a criação de um novo mundo. O Caos, ainda gera Érebo e Nix, elementos ctônicos a exceção de Eros, que muito mais do que matéria é uma força. Primeiro é criada a terra, as profundezas, depois a escuridão das sombras mais profundas (Érebo) e a escuridão da superfície Nix (Noite). Nix origina Éter e Hemera, representações do dia claro, do fulgor, e assim, toda a criação começa do mais baixo para o mais alto, do mais escuro para o mais claro.

Nix dá origem sozinha a Tânatos e seus irmãos e irmãs: Moro, Hipno, Hespéride, Moiras, Queres, Nêmesis, Gueras e Éris. É da noite escura que surgem as aflições da humanidade. As ninfas do poente, que marcam o final do dia e o começo da noite, o sono que retira a consciência dos homens, Moro, o destino implacável que junto com as Moiras comandam o destino individual dos seres humanos, Cloto tecendo o fio da vida, Laquésis enrolando esse fio e esticando para que Átropos corte determinando o final da existência. Éris, irmã de Ares, responsável pela discórdia, e Queres responsáveis pela destruição nos campos de

batalha, mortes horrendas e violentas, Gueras a velhice e a decrepitude e Nêmesis, que representa a justiça quando existe desigualdade. Todas essas potências estão relacionadas à escuridão, representativa do mistério, do desconhecido, do inexpugnável.

Geia origina sozinha Pontos (Mar), Montes (Montanhas) e Urano (Céu). O mar preenche os espaços profundos da Terra. As montanhas fazem a ligação entre a Terra e o Céu e este cobre a Terra. Se até aqui os deuses originaram outros deuses sem contato sexual, Urano e Geia inauguram a hierogamia, união divina. O céu fecunda a Terra através da chuva.

Desta união surgem os Titãs e Titânidas, Ciclopes e Hecatonquiros. Cronos, o caçula castra Urano o céu para tomar o poder e acabar com os desmandos. Cronos se une a Reia sua irmã e gera Hades, Posídon, Hera, Héstia, Deméter e Zeus. Aqui é interessante pois Geia se une a Reia para enganar Cronos. Mais uma vez é o caçula o responsável pela vingança. Escondido na entranhas da terra Zeus cresce até destronar Cronos. Nas sociedades matrilineares é o filho caçula o herdeiro a continuar a linhagem, ao contrário das sociedades patriarcais onde o sucessor é o primogênito.

O princípio masculino representado por Caos, Tânatos, Cronos, Eros, Urano e Zeus. O princípio feminino representado por Reia, Geia.

A relação com a morte e com os cemitérios. A morte extingue a individualidade, iguala. O tempo se origina da união do céu e da terra. Eros se opõe a Tânatos, pois enquanto Eros é responsável pela união, criação, fecundação Tânatos é a dissolução a perda de identidade, o retorno às origens.

Cronos ao mesmo tempo que engendra o encontro e a criação permite a corrosão e a dissolução. Enquanto Eros e Tânatos possuem uma representação clara da união e dissolução respectivamente, Cronos pode permitir a germinação e a corrosão. O tempo é o mesmo para os dois.

Conclusão

"La afreuses et la mort sont deux aimables fillies

Et la bière et l'alcove en blasphemes féconds

De terribles plaisirs et d'affreuses doceurs".

Baudelaire

"A orgia e a morte são duas jovens adoráveis

E a mortalha e a alcova em blasfêmias fecundas

vos oferecem sucessivamente, como boas irmãs,

terríveis prazeres e atrozes doçuras."

(Baudelaire *apud* Àries, 2012)

Depois desse percurso, é certo que chegamos a um término. A um ponto de chegada, ao objetivo de uma jornada, mas não chegamos ao seu final no sentido de esgotar as suas possibilidades. O poema "Canto de mim mesmo" XLVI (Whitman, 1992) sintetiza esse momento/sentimento:

> E perguntei ao meu espírito: *Quando abraçarmos essas orbes, quando tivermos*
>
> *o prazer e o saber de quanto nelas há sentir-nos-emos, realizados e*
>
> *satisfeitos?*
>
> E o meu espírito respondeu: *Não, se alcançarmos esses cumes é só de passagem,*
>
> *é só para continuar mais além."*

A força motriz para este trabalho foi a consciência da finitude, o medo da morte, descoberto ainda na infância quando as ferramentas para responder a essa pergunta eram as do "*pequeno carpinteiro"*. Hoje, passado o tempo, com máquinas especializadas, gabaritos, ferramentas pneumáticas (sim, pneumo), ganhei fôlego para procurar outras respostas, ou melhor buscar as mesmas respostas em outros lugares.

Após vivenciar a angústia barroca fotografando em Ouro Preto, precisava purgar a experiência. Assim comecei a fotografar os cemitérios em São Paulo. Sendo assim, este trabalho se inicia no Capítulo 3, que foi a continuidade da vivência barroca em Ouro Preto. Quando começaram a aparecer as imagens que remetiam a Eros, senti a necessidade de buscar respostas. Elas estão no Capítulo 1, que trata das diferenças entre a morte e o morrer na transição do século XIX para o século XX e que levaram à criação dos cemitérios na periferia da cidade crescente, tópico estudado no Capítulo 2.

O cemitério se constituiu como um lugar de educação para a nova mentalidade do século XX, mais relacionada com a vida do que com a morte. Várias são as possibilidade que apontam a necessidade de um aprofundamento que a exiguidade de tempo do mestrado não permitiu. A grande dificuldade que esse trabalho me provocou foi a de enveredar por caminhos desconhecidos, com ferramentas novas também. Se foi um elemento dificultador, ao mesmo tempo foi gratificante a chance de aprender mais e saber que ainda há muitas respostas a serem buscadas.

Não temos uma resposta final sobre as imagens eróticas presentes nos cemitérios, mas apontamos algumas possibilidades. Era a nossa hipótese inicial que essas imagens estariam funcionando como um espaço de vida em relação ao espaço da morte. Se assim fosse, essas imagens potencializariam sua função e, consequentemente, sua importância à medida que o tempo fosse passando, ou seja, existiriam mais imagens nos cemitérios mais recentes. Essa hipótese não se confirmou, pois o que se percebeu foi uma diminuição de imagens eróticas e, como contraponto, o cemitério São Paulo (1926), o penúltimo a ser inaugurado no período estudado, apresenta uma quantidade maior de imagens que seus imediatos predecessores Lapa, Lageado e Vila Mariana. A concentração dessas imagens

nesses cemitérios pode estar associada ao poder econômico que a elite dispunha para comprar ou mandar fazer essas estátuas ou mausoléus que reproduzissem a relação romantizada da morte na Europa. Isso não diminui a potência erótica relacionada à vida e a sua manutenção/perpetuação frente a morte. Ao preferir retratar a força sexual ao invés da aceitação passiva da morte, opta-se por assumir uma atitude de enfrentamento da morte.

São elementos que remetem à perda de potência simbólica da morte no século XX:

1. A República foi um momento de grandes transformações na sociedade paulistana, que propiciou a ascendência de uma nova classe social que se constituiu entre barões do café, imigrantes e ex-escravos. A cidade crescente exigia uma nova mentalidade relacionada à modernidade e, nesse sentido, costumes que precisavam ser esquecidos e novos costumes aprendidos. A cidade começa a se tornar educadora sem o saber. A criação de asilos, hospitais, abrigos para os expostos, manicômios, presídios e cemitérios, sempre na periferia da cidade, indica a preocupação em afastar o sujo, o feio, o pobre e o doente.
2. Diminuição da monumentalidade. Os cemitérios mais antigos apresentam uma quantidade maior de monumentos, estátuas, jazigos. Nos cemitérios mais recentes, percebe-se uma tendência à horizontalização e a diminuição do cuidado com os jazigos.
3. As estátuas que eram de mármore e bronze nos cemitérios mais antigos vão abrir espaço para as estátuas de cimento e gesso nos cemitérios mais recentes ou nos jazigos mais recentes dos cemitérios mais antigos.
4. Os cemitérios foram sendo criados na periferia da cidade crescente, alie-se a isso que as pessoas que ocupavam essas regiões eram geralmente trabalhadores e, por consequência esses cemitérios, eram mais pobres.
5. A localização do cemitério será determinante para o tipo de ocupação que se fará dele, mais do que o período em que ele é construído. Pelo período em que ele é construído, é possível perceber quem era a elite através da monumentalidade de seus jazigos.
6. Quanto mais rica a família, mais personalizado é o jazigo, destacando-se em pompas e luxo.

7. Quanto mais pobres, mais homogêneos em suas construções são os jazigos familiares.
8. A forma mais simples de sepultamento é feita na Quadra Geral Terra ou Gaveta, de acordo com a disponibilidade no cemitério. Não obrigatoriamente os membros da mesma família são sepultados conjuntamente ou próximos.
9. Nos cemitérios mais Centrais (Consolação, Araçá e São Paulo), convivem estátuas de imagens eróticas, cívicas e religiosas. Nos cemitérios mais periféricos, há uma predominância de painéis de azulejos pintados com motivos religiosos, estátuas de cimento ou gesso com motivos religiosos. Nas quadras gerais, há apenas uma pequena lápide indicativa.
10. A estatuaria erótica pode estar ligada a representação de poder que o sexo representa.
11. A morte, assim como o ato sexual, representa uma ruptura com a familiaridade cotidiana e ambos se constituem em tabus sociais que variam em maior ou menor grau, dependendo do período e da sociedade em questão.
12. É inegável a relação entre a morte e o sexo, tanto que em francês o orgasmo é chamado *"la petite mort"* (a pequena morte), e é o sexo (reprodução sexuada com participação de gametas) que inaugura a morte do indivíduo, visto que esse se constitui uma unidade diferente dos seus dois genitores
13. Não foi intenção deste trabalho dar uma resposta definitiva sobre o que estão fazendo essas representações eróticas nos cemitérios paulistanos do período estudado, para isso deveríamos recorrer a outras áreas do conhecimento e que não caberiam nesse trabalho.

O trabalho permitiu identificar alguns problemas contemporâneos dos cemitérios. É importante ressaltar o estado de degradação que se encontram os cemitérios em São Paulo. A quantidade de jazigos depredados é grande, seja por vandalismo ou por furto. Em todos os cemitérios visitados, verificamos esse problema. As grandes placas de bronze possuem um valor considerável no mercado informal, obras de arte, peças de mármore e até mesmo fotos antigas encontram

interessados, criando um comércio desses produtos. O cemitério assume, assim, o papel de fornecedor dessas mercadorias.

Outro problema encontrado foi o de pessoas que utilizam os jazigos (capela) como moradia o que contribui para a degradação do patrimônio. Por ser um lugar ermo e com pouca (ou nenhuma) vigilância, é comum encontrar pessoas usando drogas.

Se no passado as pessoas procuravam distância dos mortos por medo dos miasmas, atualmente é a contaminação pelo necro chorume que mais uma vez coloca vivos e mortos frente a frente.

Para finalizar e explicitar a dificuldade em delimitar os espaços de vida e morte, deixamos a letra da música “Agora”, de Arnaldo Antunes, para que o leitor decida se o momento fala do final da vida em um quarto de UTI ou do nascimento em uma sala de parto.

Agora

Agora que agora é nunca
Agora posso recuar
Agora sinto minha tumba
Agora o peito a retumbar

Agora a última resposta
Agora quartos de hospitais
Agora abrem uma porta
Agora não se chora mais

Agora a chuva evapora
Agora ainda não choveu
Agora tenho mais memória
Agora tenho o que foi meu

Agora passa a paisagem
Agora não me despedi
Agora compro uma passagem

Agora ainda estou daqui

Agora sinto muita sede
Agora já é madrugada
Agora diante da parede
Agora falta uma palavra

Agora o vento no cabelo
Agora toda minha roupa
Agora volta pro novelo
Agora a língua em minha boca

Agora meu avô já vive
Agora meu filho nasceu
Agora o filho que não tive
Agora a criança sou eu

Agora sinto um gosto doce
Agora vejo a cor azul
Agora a mão de quem me trouxe
Agora é só meu corpo nu

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Rogério Miranda de. *Eros e Tânatos-A vida, a morte, o desejo*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

_____. *Mitocrítica e Mitanálise no Campo da Hermenêutica Simbólica*. In: Eunice Simões Lins Gomes. (Org.). Em Busca do Mito: a mitocrítica como método de investigação do imaginário. 1ed. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2011, v. , p. 15-38.

ANDRADE, Carlos R. M. D. Camillo Sitte, Camille Martin e Saturnino de Brito: traduções e transferências de idéias urbanísticas. In: RIBEIRO, Luís César de Queiroz & PECHMAN, Robert (Orgs.). *Cidade, Povo e Nação: gênese do urbanismo moderno.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996, p. 294.

ARAÚJO, Alberto Filipe; GOMES, Eunice S. L.; ALMEIDA, Rogério de. *O mito revivido: a mitanálise como método de investigação do imaginário*. São Paulo: Képos, 2014.

ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

_____. *A história da morte no ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. (Coleção Saraiva de Bolso).

BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico*: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

BADARÓ, Claudio E. *Epistemologia e ciência:* reflexão e prática na sala de aula. Bauru: Edusc, 2005.

BOUÇAS, Edmundo. *Mascaramentos da cidade: poses da modernização.* In: LIMA, Rogério; FERNANDES, Ronaldo Costa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000.

BRENMAN, Ilan. *Silêncio: doze histórias universais sobre a morte*. São Paulo: Cia das letras, 2012

BRESCIANI, Maria Stella. *Permanência e ruptura no estudo das cidades.* Anais: Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, v. 2, n. 1, p. 11-26, 2012.

CAMPBELL, Joseph. As máscaras de Deus: mitologia primitiva. Palas Athena, 2005.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Superstição no Brasil.* Global, 2002.

CASTRO, Edgardo. *Vocabulário de Foucault*: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores. Belo Horizonte: Autêntica, 2009

CYMBALISTA, Renato. *Cidade dos Vivos.* São Paulo: Annablume, 2002.

DURAND, Gilbert. As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral. 1989.

DUARTE, Luiz Fagundes. *Poemas de Ricardo Reis. Fernando Pessoa.Edição Crítica.* Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1994. - 168a.

EL- HANI, C. N. & VIDEIRA, A. A. P. *O Que é Vida?* Para Entender a Biologia do Século XXI. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.

ELIADE, Mircea. *Tratado de história das religiões.* São Paulo: Martins Fontes, 2002

EMMECHE, C. Autopoietic systems, replicators, and the search for a meaningfull biologic definition of life. *Ultimate Reality and Meaning* 20(4): 244-264, 1997.

FASSIN, Didier. Biopolítica. In: RUSSO, Marisa; CAPONI, Sandra (orgs.). *Estudos de filosofia e história das ciências biomédicas.* São Paulo. Discurso editorial, 2006

FERREIRA-SANTOS, Marcos. *Crepusculário: conferências sobre mitohermenêutica & educação em Euskadi* - 2a. edição. 2. ed. São Paulo: Editora Zouk, 2005.

_____ O Espaço Crepuscular: mitohermenêutica e jornada interpretativa em cidades históricas. Ritmos do imaginário. Recife: Editora universitária UFPE, p. 59-99, 2005.

FERLA, Luís. *Feios, sujos e malvados sob medida. A utopia médica do biodeterminismo.* São Paulo. Alameda, 2009.

FOUCAULT. Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. *História da Sexualidade I: A vontade de saber.* 18ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988

FRANCO, Clarissa. *A cara da morte – os sepultadores, o imaginário fúnebre e o universo onírico.* Aparecida – SP. Ideias e Letras, 2010.

FREITAS, A. *Imagens da memória barroca de Ouro Preto: o espaço barroco como educador do imaginário ouro-pretano* (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo: 2009.

GADOTTI, Moacir. A escola na cidade que educa. Cadernos Cenpec | Nova série, [S.l.], v. 1, n. 1, Mai. 2006. ISSN 2237-9983. Disponível em: <http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/160/189>. Acesso em: 11 Mai. 2015.

GERBI, Antonello. *O novo mundo: História de uma polêmica (1750-1900)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p.349 – 353.

GOMES, Angela de Castro. *História ciência e historiadores na primeira República. Ciência, Civilização e República nos trópicos.* Rio de Janeiro: Mauad/Faperj, p. 11-30, 2010.

GOULD, Stephen Jay. *Darwin e os grandes enigmas da vida*. São Paulo: Martins Editora, 1999.

GUEDIN, Evandro; FRANCO, Amélia do Rosário Santoro. *Questões de método na construção da pesquisa em educação*. São Paulo: Cortez, 2008.

HOEHNE, F. C.; KULLMANN, M.; HANDRO, O. *O Jardim Botânico de São Paulo*.
I.ª ed. São Paulo. Departamento de Botânica do Estado-Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio de São Paulo. Brasil, 1941.

KAWASAKI, C. S. ; EL-HANI, C. N. *Uma Análise das Definições de Vida encontradas em Livros Didáticos de Biologia do Ensino Médio. Coletânea do VIII Encontro Perspectivas do Ensino de Biologia,* 2002.

KOVACS, Maria Júlia. *Educação para a morte. Temas e reflexões.* São Paulo. Casa do Psicólogo, 2003.

LEMISNKI, Paulo. Toda Poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2013

LIMA, Nísia Trindade; HOCHMAN, Gilberto. *Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitarista da Primeira República*. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (orgs.). *Raça, Ciência e Sociedade.* Rio de Janeiro. Editora Fiocruz, 1996

LIMA, Rogério; FERNANDES, Ronaldo Costa. *O imaginário da cidade*. Brasília: UnB, 2000.

LIMA, Tania Andrade. *De morcegos e caveiras a cruzes e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidade sociais).* An. mus. paul., São Paulo, v. 2, n. 1, 1994.Available from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47141994000100010&lng=en&nrm=iso. access on 09 Feb. 2014. http://dx.doi.org/10.1590/S0101-47141994000100010.

LÖWY, Ilana. *Vírus, mosquitos e modernidade.* A febre amarela no Brasil entre ciência e política. Rio de Janeiro, Ed. Fiocruz, 2006.

MAIO, Marcos Chor. *Raça, Doença e Saúde Pública no Brasil: um debate sobre o pensamento higienista do século XIX*. In MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (orgs). *Raça como questão. História, Ciência e Identidades no Brasil.* Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.

MARGULIES, Lynn; SAGAN, Dorian. *O que é vida?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002

MATURANA, Humberto; R. VARELLA, F. *Autopoiseis and cognition: The realization of the living* (Boston studies in the philosophy of science, vol 42). Dordrecht: Reidel, 1980.

_____. Francisco J. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MAYR, Ernest. *Biologia, ciência única: reflexões sobre a autonomia de uma disciplina científica.* São Paulo: Companhia das letras, 2005.

_____. *Isto é biologia*: *a ciência do mundo vivo.*São Paulo: Companhia das letras, 2008.

_____. *O que é Biologia.* São Paulo: Companhia das letras, 2008.

MENEGHEL, Stela N.; ABBEG, Claídes; BASTOS, Ronaldo. *"Os vivos são sempre e cada vez mais governados pelos mortos": um estudo exploratório sobre desigualdades no morrer.* Hist. cienc. saude-Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, Aug. 2003 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702003000200009&lng=en&nrm=iso>.access on 09 Feb. 2014. http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702003000200009.

NASCIMENTO, N.O.; BERTRAND-KRAJEWSKI, J.L.; BRITTO, A.L. *Águas urbanas e urbanismo na passagem do século XIX ao XX.* Rev. UFMG, Belo Horizonte, v. 20, n.1, p.102-133, jan./jun. 2013. Disponível em < file:///C:/Windows.old/Users/ED/Documents/4_MESTRADO/saturnino%20de%20brito_aguas_urbanas_e_urbanismo_nilo_de_oliveira.pdf>. Acessado em 10/01/2015.

ODA, Ana Maria Galdini Raimundo; DALGALARRONDO, Paulo. História das primeiras instituições para alienados no Brasil. Hist. cienc. saúde- Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, Dec. 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702005000300018&lng=en&nrm=iso>. access on 03 Feb. 2015. http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702005000300018.

PALMA FILHO, J. C. Pedagogia Cidadã – Cadernos de Formação – História da Educação – 3. ed. São Paulo: PROGRAD/ UNESP/ Santa Clara Editora. 2005, p. 49-60.

PITTA, Danielle Perin Rocha; DURAN, Gilbert. *Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand.* Rio de Janeiro: Atlântica, 2005.

POLISELI, Luana (UFPB); OLIVEIRA, Edson Fontes de (UTFPR); CHRISTOFFERSEN, Martin Lindsey (UFPB). *O arcabouço Filosófico da biologia proposto por Ernst Mayr*. Revista Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro, v.6, n. 1, p. 106-120, jan | jun 2013 disponível em <http://www.sbhc.org.br/arquivo/download?ID_ARQUIVO=1000> acessado em 03/01/2015

PORTO, Antônio Rodrigues, *História urbanística da cidade de São Paulo (1554 a 1988)*. São Paulo: Carthago Editorial, 1992.

_____, Antônio Rodrigues, *História da cidade de São Paulo através de suas ruas*. São Paulo: Carthago Editorial, 1996.

PRADO JR, Caio. *A cidade de São Paulo: geografia e história*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

QUENTAL, Antero de. *Tesouro poético da infância*. 2003.

REIS, João José. *O Cotidiano da Morte no Brasil Oitocentista*. In: Alencastro, L. F. *História da vida Privada no Brasil*. v 2. São Paulo. Companhia das Letras, 1997. p. 95-142

_____, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX.* São Paulo: Companhia das Letras, 1991

REZENDE, Eduardo Coelho Morgado. Metrópole da morte, necrópole da vida: um estudo geográfico do cemitério de Vila Formosa. Carthago Editorial, 2000.

_____. Cemitérios. Editora Necrópolis, 2007.

_____. *O céu aberto na terra: Uma leitura dos cemitérios de São Paulo na geografia urbana*. São Paulo: ECM Rezende, 2006.

SANGLARD, Gisele. Hospitais: espaços de cura e lugares de memória da saúde. **An. mus. paul.**, São Paulo , v. 15, n. 2, Dec. 2007. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142007000200020&lng=en&nrm=iso>.
access on 21 Dec. 2014. http://dx.doi.org/10.1590/S0101-47142007000200020.

SCHUMACHER, Bernard N. *Confrontos com a morte. A filosofia contemporânea e a questão da morte.* São Paulo. Edições Loyola, 2009

SEGAWA, Hugo. *Prelúdio da Metrópole. Arquitetura e urbanismo em São Paulo na passagem do século XIX ao XX.* São Paulo. Ateliê Editorial, 2004

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio Republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: *História da vida privada no Brasil. V.3. República: da Belle Époque à era do rádio.* São Paulo. Companhia das Letras, 1998. p. 7-48.

_____. In: Alencastro, L. F. *História da vida Privada no Brasil*. v 2. São Paulo. Companhia das Letras, 1997. p. 95-142

_____. *A revolta da vacina.* São Paulo. Cosac Naif, 2010.

SILVA, Márcia Regina Barros da. Santa Casa de Misericórdia de São Paulo: saúde e assistência se tornam públicas (1875-1910). Varia hist., Belo Horizonte , v. 26, n. 44, Dec. 2010 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752010000200004&lng=en&nrm=iso>. access on 21 Dec. 2014. http://dx.doi.org/10.1590/S0104-87752010000200004.SOUZA, Fabio William. Fronteiras póstumas: a morte e as distinções sociais no Cemitério Santo

Antônio em Campo Grande. (mestrado em história). Dourados, MS : UFGD, 2010.

_____. Texto integrante dos Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo. ANPUH/SP – UNESP/Assis, 24 a 28 de julho de 2006. Cd-rom.

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TOLEDO, Benedito Lima de. *São Paulo: três cidades em um século.* São Paulo: Duas Cidades, 1981.

TORRANO, Jaa et al. *Teogonia a origem dos Deuses*. São Paulo. Editora Iluminuras, 2003.

TOURAINE, Alain. *Crítica da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994, p. 11-19

UDAETA, Rosa Guadalupe Soares. *As hospedarias de imigrantes em São Paulo: o caso da MaçanD'Oro.* Anais do XX Encontro Regional de História: história e Liberdade. ANPUD/SP – UNESP Franca. 06 a 10 de setembro de 2010.

VECHIA, Ariclê. LORENZ, Karl Michael. *Programa de ensino da escola secundária brasileira: 1850-1951.*Curitiba: Ed. Do autor, 1998.

VOVELLE, Michel. Ideologias e mentalidades. 2ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

WHITMAN, Walt; BAPTISTA, José Agostinho. Canto de mim mesmo. 1992.

Fotos

http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/img/1872/rua-senador-paulo-egidio_grande.jpg s Francisco

http://acervosdacidade.sp.gov.br/PORTALACERVOS/ExibirItemAcervo.aspx?id=433176 s Francisco

http://acervosdacidade.sp.gov.br/PORTALACERVOS/ExibirItemAcervo.aspx?id=440578 sfrancisco militao

http://acervosdacidade.sp.gov.br/PORTALACERVOS/ExibirItemAcervo.aspx?id=463362 s Francisco militao

http://acervosdacidade.sp.gov.br/PORTALACERVOS/ExibirItemAcervo.aspx?id=440664 Francisco militao
http://acervosdacidade.sp.gov.br/PORTALACERVOS/ExibirItemAcervo.aspx?id=463184

http://acervosdacidade.sp.gov.br/PORTALACERVOS/ExibirItemAcervo.aspx?id=451095 são bento

http://acervosdacidade.sp.gov.br/PORTALACERVOS/ExibirItemAcervo.aspx?id=464398 são bento

http://acervosdacidade.sp.gov.br/PORTALACERVOS/ExibirItemAcervo.aspx?id=465636 carmo

Mapas
1810
http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/img/mapas/1810.jpg

1881
http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/img/mapas/1881.jpg

1895
http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/img/mapas/1895.jpg

1905
http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/img/mapas/1905.jpg

1913
http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/img/mapas/1913.jpg

1916
http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/img/mapas/1916.jpg

1924
http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/img/mapas/1924.jpg
http://www.arquiamigos.org.br/info/info37/i-mosaico5000.htm

Área urbanizada
1872
http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/img/mapas/urb-1872.jpg

1890
http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/img/mapas/urb-1890-1900.jpg
http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/img/mapas/urb-1890-1900.jpg

1920
http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/img/mapas/urb-1920.jpg

São Francisco:

http://www.cultura.sp.gov.br/portal/site/SEC/menuitem.bb3205c597b9e36c3664eb10e2308ca0/?vgnextoid=91b6ffbae7ac1210VgnVCM1000002e03c80aRCRD&Id=ae24a077515bc010VgnVCM2000000301a8c0____

http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/servicos/servico_funerario/historia/index.php?p=3563 acessado em 09/02/2104.

http://www2.fm.usp.br/historico.php acessado em 23/12/2014

http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/arquivo_historico/

http://museudaimigracao.org.br/o-museu/historico/ acessado em 02/02/2015

Santa Casa

Fotografia de Guilherme Gaensly, 1884. Dsponível em <http://www.santacasasp.org.br/upSrv01/up_publicacoes/8689/12039_1.png> Acessado em 20/12/2014

Agora
http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_discografia_todas.php

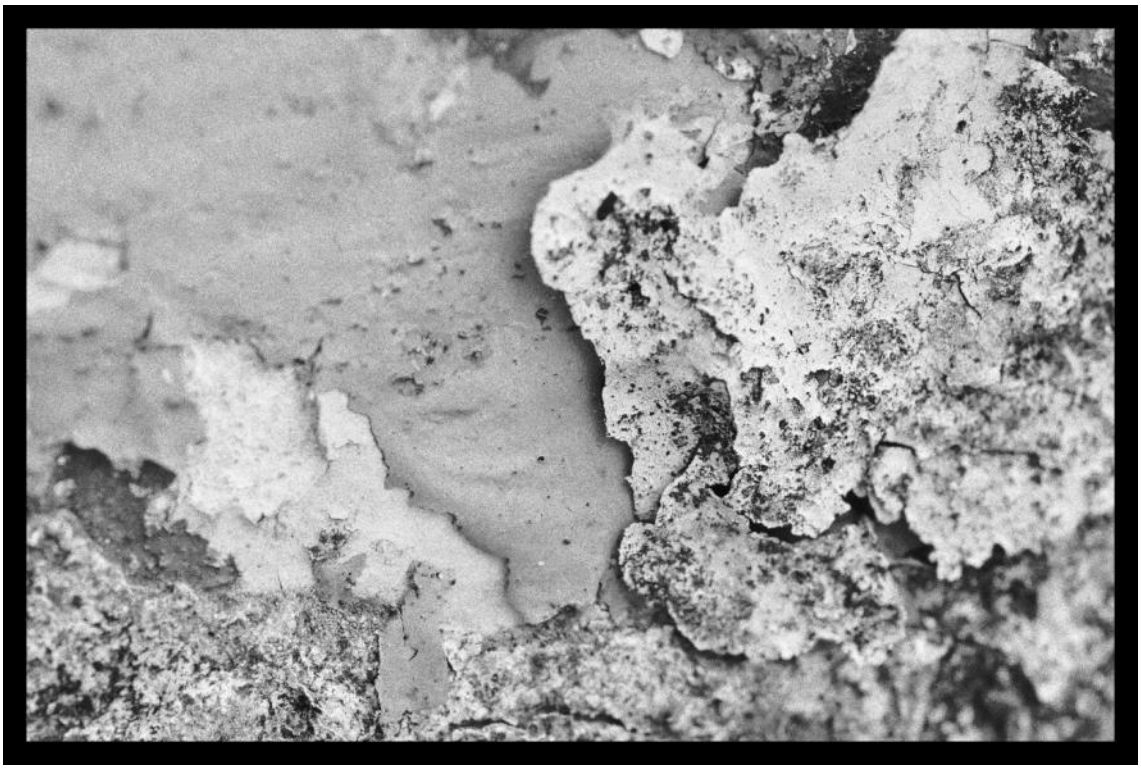
ANEXOS

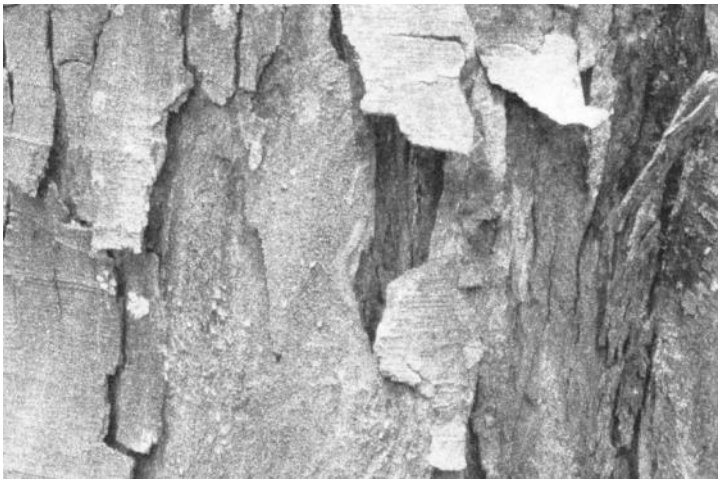
Ensaios

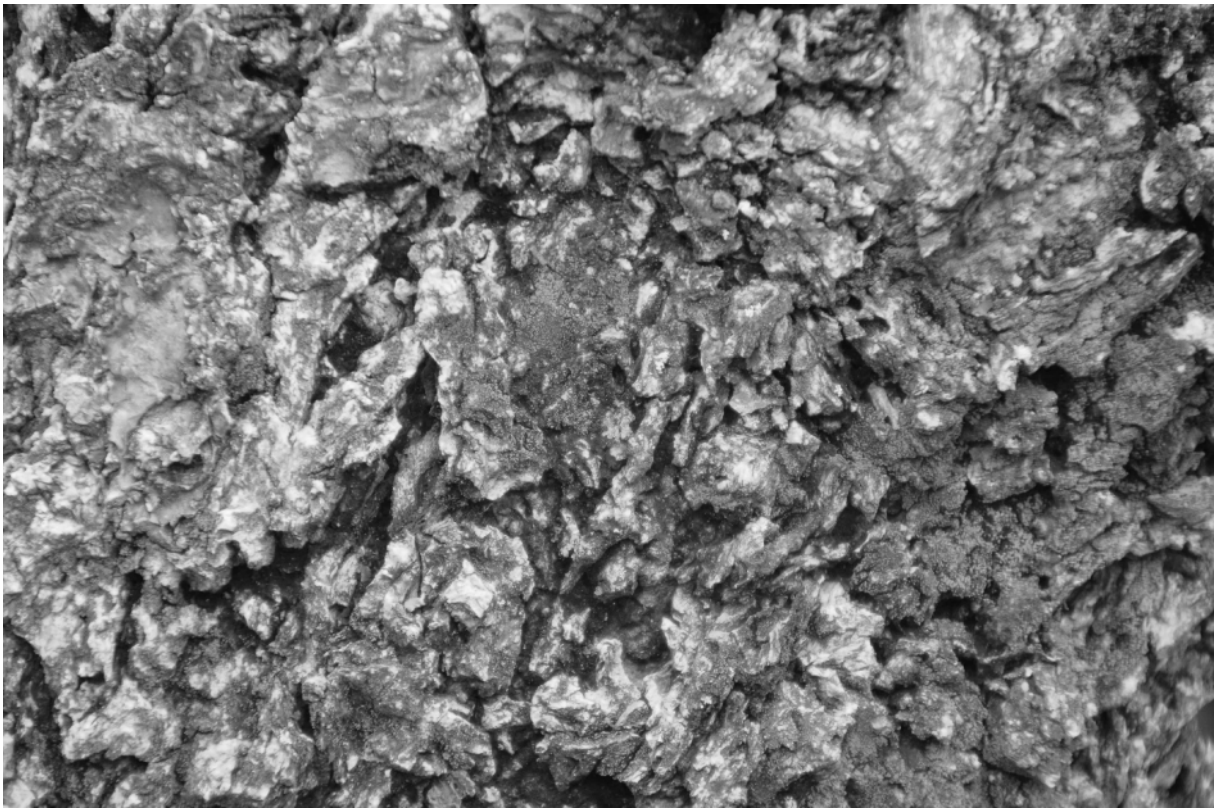
Nada fica de nada. Nada somos.
Um pouco ao sol e ao ar nos atrasamos
da irrespirável treva que nos pesa
da húmida terra imposta.
Leis feitas, estátuas altas, odes findas -
Tudo tem cova sua. Se nós, carnes
a que um íntimo sol dá sangue, temos
poente, porque não elas?
O que fazemos é o que somos. Nada
nos cria, nos governa e nos acaba.
Somos contos contando contos, cadáveres
adiados que procriam.
Ricardo Reis

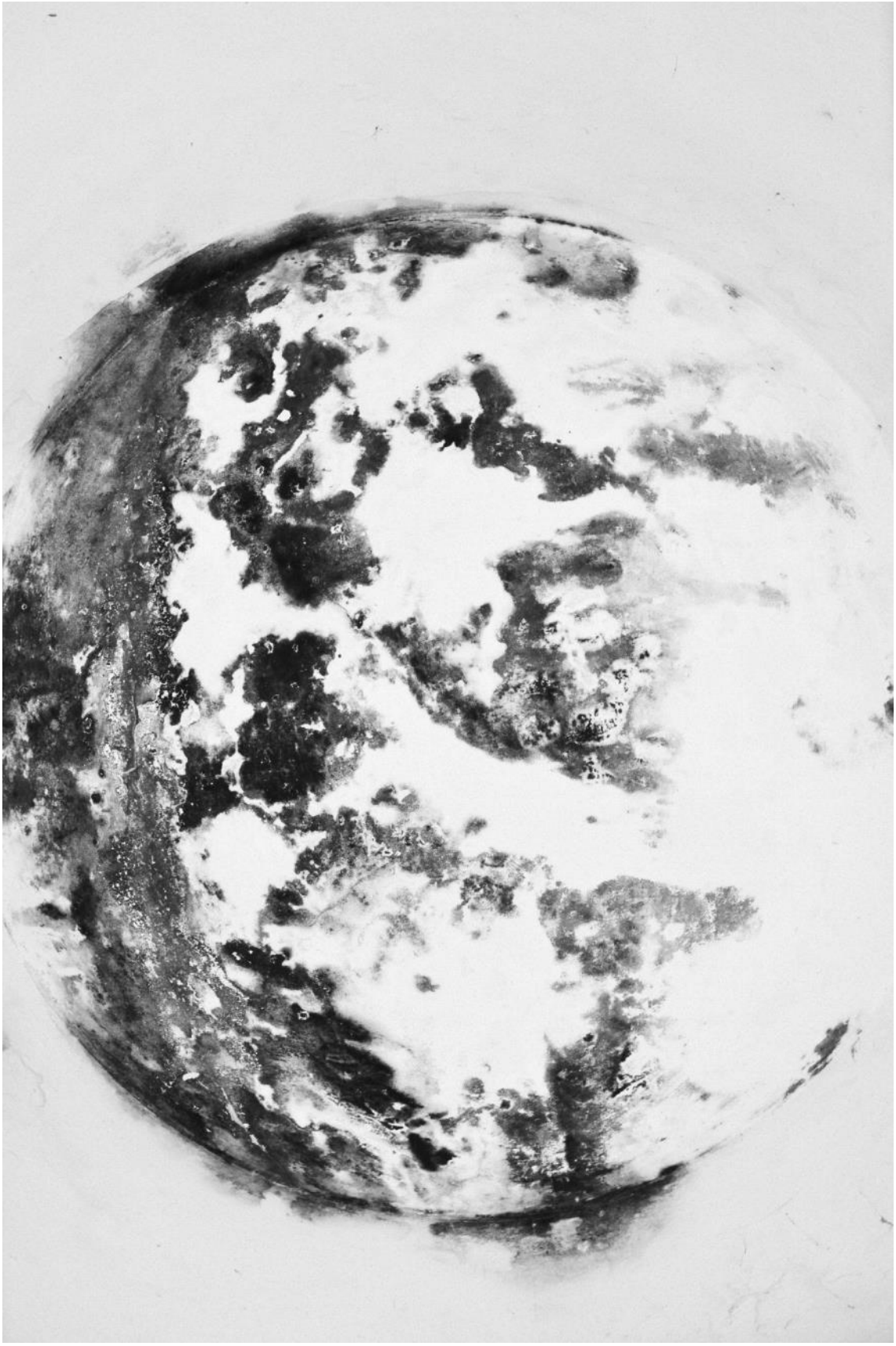
As sintonias surgiram no final do processo de produção das imagens.
Ao fotografar um jazigo, meu olhar foi atraído pelo que me parecia um líquen. Ao me aproximar percebi que era uma descamação das várias demãos de tinta. Teria eu sido enganado? Teria eu me enganado? Fiel ao meu processo de apreensão de imagens fotografei. Refletindo durante a seleção e tratamento, compreendi que existia ali um diálogo entre a vida e a morte que me era inédito.
Imbuído da dualidade vida/morte acabava sendo difícil discernir o que era o que. Um objeto não vivo confundido com um objeto vivo dentro do cemitério. Percebi, mais uma vez, que separar vida e morte era um processo que meu olhar tinha dificuldade em fazer.
Esses dois ensaios fotográficos dialogam com a tensão vida/morte que foi objeto dessa pesquisa.
Sintonia tem sua origem em sin = junto e tônus = tensão. Quando afinamos um instrumento e tocamos a nota podemos perceber que a outra corda que está na mesma sintonia vibra sem tocarmos nela. Isso acontece pois ambas estão na mesma frequência.

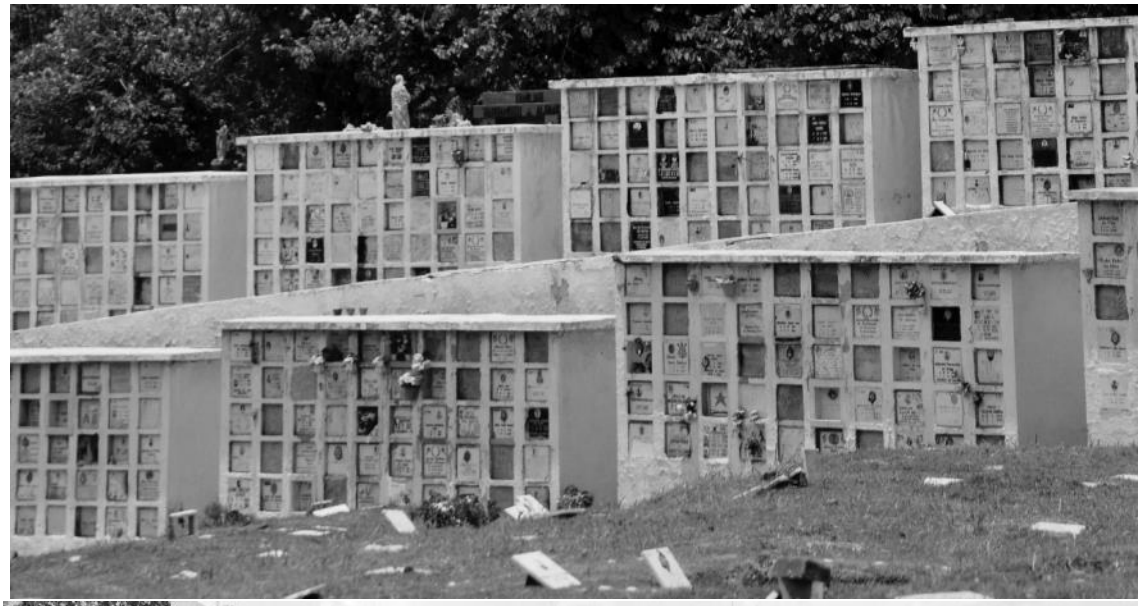
Sintonias











EDILSON MARTINS
N: 24 . 06 . 1952
F: 28 . 11 . 2007
SAUDADES DE SUA ESPOSA
FILHOS NETOS FAMILIARES
E AMIGOS
BENEDITA
LADEIA
RAYMUNDO NONATO
N: 01 . 01 . 1944
F: 27 . 11 . 2007
SAUDADES DE SEUS
FAMILIARES E AMIGOS
Q. 1-A T. 73
ADEMIR
DE
MENEZES
JOSÉ DA SILVA
N: 06 . 01 . 1959
F: 10 . 07 . 2004
SAUDADES DE SUA ESPOSA,
FILHOS, NORAS, FAMILIARES
E AMIGOS
SELMA APARECIDA
PEREIRA
ROBERTO LUIZ
DE CARVALHO
SAUDADES DE SEUS
PAIS IRMÃOS
FAMILIARES E AMIGOS
BASILISSA
LOPES
DA SILVA

A chama da vida, a vida da vela, o pavio, o claro e o escuro

Indivíduos

Purgatório:

Diálogo das luzes.

Solidariedade

Libertação

Velando